



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V || Maranhão, 30 de Junho de 1896 || NUMERO 49

REVISTA ELEGANTE

A situação

E' para nós bastante penoso quando temos de tratar de assumptos que dão respeito ao nosso paiz.

A desercção invade-nos a alma não deixando sequer um raio de esperança no qual possamos divulgar um meio

por onde a Nação brasileira trilhe para livrar-se do actual abysmo em que se acha.

O anno passado o parlamento mostrou a sua pujante inepcia alterando as tarifas aduaneiras, triplicando os impostos e vexando o commercio; resultando de tudo isso uma grande differença nas rendas que diminuíram excessivamente.

Aqui mesmo pela nossa alfandega temos cabal prova d'esta nossa asserção; os seus rendimentos decresceram immediatamente obedecendo a acção de tão estúpido plano financeiro.

O commercio em semelhante collisão reduziu a sua importação do estrangeiro dando o resultado esperado: o decrescimento da receita nas alfandegas.

Em semelhante situação como havemos de deixar de bradar contra semelhante descabro ou desvio mental dos nossos legisladores, que sem a devida meditação memosão-nos de quando em quando com essas aberrações!

Deste modo querem os nossos financeiros que o cambio suba, allegando motivos que lhes parecem justos para uma boa taxa cambial!

O espelho da Inglaterra quanto a nós, illustres senhores financeiros, é a receita das alfandegas; ella não quer saber se temos muito café e borracha, e nem tão pouco minas de ouro, quer é o resultado aduaneiro para equilibrar o nosso credito.

O Sr. Glycerio ali vem com uma nova aberração,

e a este respeito o nosso collega o «Diario de Noticias» do Pará, em um artigo editorial diz: «O plano financeiro do general Glycerio abandona os Estados, mesmo nos negocios de competência federal, aos seus proprios recursos».

Serviços maritimos, telegraphos, estradas de ferro, ferreaes, acallemias, etc., tudo passará para os Estados; e com isso a União fará uma grande economia.

Eu não tenho fé no Sr. Glycerio como financeiro, como não tenho no Sr. Quintino Bocayuva como diplomata, mas uma vez que o Sr. Glycerio fallou, o que este disse, faz-se.

O mesmo jornal termina dizendo que o General Glycerio teve a fortuna de encontrar uma camara fiel e submissa e é bem possivel que, se Deus não vier em nosso auxilio, as idéas paustas triumphem.

N'esse caso é licito fazer uma conjectura para affirmar que se a camara o anno passado escangalhou a União e as suas rendas, este anno promete, pela bocca do Sr. Glycerio, escangalhar o resto não poupando os Estados.

A MODA

Pariz

Quanto a moda continua no mesmo conforme já nos noticia. Acreditamos, porem, em breve haverá al-

☛ TELEPHONE 56 ☛

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

Oikir

(POEMA SOCIALISTA)

Introdução

I

A Dor que em meu peito zurei
Vestiu-se, sem grande esforço,
Em vez de amor—de Remorso,
Em vez de flores—de Urso.

E, abrindo o mundo ao
Da negra porta do Tédio,
Fiz-me doente, por-me noente,
Sem me deixar um remédio.

Ferindo, ponto por ponto,
Toda a minh'alma de sono...
E eu, que tudo vejo e ouço,
Fiquei cego, fiquei surdo.

Fiquei cego e tudo vejo,
Tudo ouço e fiquei surdo;
Acho o Progresso um alburio
No calor do meu desejo.

Nego o Prazer... A Virtude
Que-me, talma no riachuelo,
Como um rudo palavrão,
Como um palavrão rude;

A Gratidão é a poltrona
Mais mentirosa do mundo;
No humano convulso profundo
A Ingratidão é que lava!

Condição, oh dor que em mim
Vibra,
Eu, to meu rancor acedido,
Detenho do mundo as fibras
Com o Nature do meu Olho;

E ven caminhando, alerta,
Pela Infância deletéria,
E encontro, constante, alerta
A porta vil da Miséria;

De Maldade sobre o indicio
Encontro, comprida e adunca,
Prova de como manca
A estrada larga do Vicio;

A imagem negra do Crime
Se eleva por toda a parte;
Nem que o Inocente é sublime
E o Roubado diz que é Arte!

Chamam virtude o Assassino
E o assassino chama-se Fortes-
Porque cantou no trilhão
Da fada—o hino da Morte!

Florem do Horror um culto...
No peito de toda a gente
Pode entrar impetuosamente
A fada chamada—Insulto!

A honra?! Que vale a honra
Se o ouro d'ella vendida,
24 fol, ha muito, fundido,
No cadinho da deshonra?

Se minh'alma, como, contra
A falsidade se vira
—Mentira é sempre a que en-
contra,
Mentira, sempre mentira!

E o que se vê—tudo é obra
Duma sofisticação
Que ao operário dá—pobreza,
Dando ao patrão ouro em sobra.

II

Silêncio! burguez preito,
De peito no cobre preto,
De punça rica de péso,
E de caracter lesto...

Com o chicote da Ironia
Vou te fustigar a cara
Pra ver se assim se depara
O amor à Virtude um dia!

Vou pintar, como já disse,
Ao mundo inteiro, a roscha
De tanta crueldade e a senha
De tanta sem—vergonha.

Em face mundano a filia
Vou, da raiva sob o pélo,
Calcular-te do resto
Do Império do meu Desprezo.

Vou te descrever a punça,
A punça que inspira a dor,
Vou fazer-te andar de répo
Pelo pólo da Vingança;

Quero que, nos olhos, se veja,
De toda a gente onde eu passe,
A tua noção face
Na ponta do meu chicote.

Vou ver se assim te descubro
As negras manchas que trazes
Ocultas nas negras phrasas
Do estylo mais torpe e rude.

Quero no verso, que palho
Ha de trazer muita grita,
Te entregar todo a vindicta
Das bofetadas do vulgo.

Quero por-te a veste rita
Na praça, o caso dos Meles,
Quero fazer, golia a golia
Que bebas da Dor o caliz.

Quero fazer-te passarem
Por te veres dominado
Por veres o teu abcesso
Enfim de todo sarado.

III

As patris duma officina
A' vez, se chega um moço
E ante a Fome que o domina
Pode empregar... Dão-lhe um
caso...

Pergunta o chefe seu nome...
Da-lhe um nome, por semana,
(que elle acceda em luta insana,
Que hade fazer se tem fome?)

Mais tarde o pobre um sug-
mento
Pede... O patrão volta as costas
E o despejo, de mãos postas
O pobre resta um momento...

O patrão, que não se aplica,
Olha-o, com um sorriso falso,
E o moço fuge, desolado,
E aluga o cabo da Lata.

E a burguez, o salafario,
Assiste, na culpa sua,
De menos um operario
E um ladrão de mais na rua.

Do operario p'r'o mendigo
Somente distam dois passos...
E o pobre, que pede alívio,
Da miséria que nos braços

IV

Nas alcantifas dos nobres
O mendigo ergue a sacola
E o rico nega-lhe a esmola
Zombando da dor dos pobres.

E o pobre faz-se anarquista
—Quer tudo pôr a um só nível—
E dos governos á vista
E' rechaçado, E' horrível!

Vallando de novo as salas,
Dando fora repellido,
O pobre é como um leãozinho
Espalho a truco de balas!

E, por mais que faça o grilo,
Sem grilo ao Vaqueo lombo!
E elle enfim usa da bouda
Furpaf com dynamite.

Uma da bomba, entra em luta,
A lutar despreza a Morte...
Em vão o infelizo a vencia
Em vão! ao lado da fôrça.

V

A fôrça, que hoje é fôrça,
Das desobediências do povo,
Ha de ser-lhe fôrça
Para o mundo futuro.

A plebe, que é sempre a plebe,
Em Subversão futura...
O conto que ella trecha
Ha de pagar, com muita fôrça.

Então, si de via? —magnifico,
Oh Rastilha agitada,
Guarda bem a vossa preta
Servindo-a certa a devota!

Nesse dia, então, a fôrça,
Gostará no res da Vela,
E a Virtude desolada
Surgirá forte a salvação.

Nesse dia a honra surge...
—Não honra a subversão,
A honra que ha, muito, surge
Que surge mais que um tempo.

Até hoje puchado as officinas,
Fôrça de subversão,
Nem dia se viu a fôrça
Para a luta da Humanidade.

Até hoje, no res da fôrça,
Até hoje, no res da fôrça,
Transformando a fôrça em
Fôrça de fôrça.

Somente por ter o gosto
De ver a subversão,
Fôrça de fôrça, a fôrça
De fôrça, a fôrça de fôrça.

Até hoje! E' a fôrça, a fôrça,
Fôrça de fôrça, a fôrça,
Fôrça de fôrça, a fôrça,
Fôrça de fôrça, a fôrça.

Até hoje! O que da fôrça,
A fôrça de fôrça, a fôrça,
E' a fôrça de fôrça, a fôrça,
E' a fôrça de fôrça, a fôrça.

I. Xavier de Carvalho.

Charadas

Si é maluco e si anda á roda—2
a todo o mundo esclarece—1
do sol acompanha o passo
e é flor que raro apparece.

2—2—Cereal agradável come-se
2—1—Fazendinha feita aqui e nome fami-
liar de mulher

1—2—Nos rios e nos tribunales alumia.

Si mudas-me a orthographia
sou lettra grega... E que tal?...—2
Muda ainda—e sou veleiro
na bonança ou temporal—3

Muda outra vez p'acertares,
mas te guia pelo ouvido,
pois das syllabas que deixo,
tenho só quatro... Sentido!

1—2—No terreiro é terreiro e está no ter-
reiro

1—2—A creatura das flores é trabalho

Sou mulhere fui rainha—2
Fui dos lusos posse vil—2
Tu tens de certa, menina,
Sobre o teu corpo gentil

Supplica

E' holla e m'! Castiga-me indolente
Por uma culpa que expiei charada,
Porque largo de ti me brincho
Tinha a saudade avar constantemente.

Muito soffri pensando no momento
Pelo choro mais alto e infante
—Como eu te amo!... e sei... e a pensando
Que longe estavas... que te fôrça e ardor...

Vê se não basta, pois, a meu castigo,
Si inda é preciso que mais me tormento
Tenha em minh'alma doerando abrigos?

Olha-me ao menos! Fala-me, se queres,
Para offender-me, sim, mas não me alento
Si maltrata-me de maguas eo quizes.

Walter Broadbent.

Variedade

Não sei que angustia o coração me aper-
ta, me aperta o coração quando, de tarde,
eu vejo o Sol em syncopes, cobarde, mor-
rer do azul na cúpula deserta...

guma mudança e então teremos o cuida-
do de lhes dar precisamente todas as no-
ticias.

As calças estão ainda se uzando mais
estreitas e de cores claras com franque pre-
to ou azul e collete da mesma cor ou de
fustão branco, um pouco fechado.

Estão também em moda e recommen-
damos aos nossos freguezes os paletots e
calças de fazenda egual.

A pergunta que nos fazem sobre a cor
da luva e de gravatas com a casaca, em
casamentos, temos a responder o que ve-
mos os nossos elegantes fazerem: apresen-
tam-se a maior parte de gravata branca e
luvas da mesma cor e outros de gravata
preta e luvas de cor, especialmente cor
de café—que muito devem conhecer.

Na proxima missiva fazemos menção
do que fór havendo de maior novidade.
(Do nosso correspondente.)

LITTERATURA

Ao I. Xavier de Carvalho.

Hs tentos de amor.

Th. Ribeiro.

Deserto o firmamento.

Nem uma estrella a tremeluzir fulgente
na vastidão luctuosamente sombria dos
céos.

Nuvens pezadas, cor de chumbo, arras-
tam-se lentas e tristes, como um enorme
véo teatrico a se desdobrar funebre enluc-
tando o azul.

A lua—a pallida magnolia dos céos—
envolve-se em um negro sudario.

Noite infernal. Cai pausadamente ry-
thmadamente uma chuva intermitente
como um longo choro dolorido.

De quando em vez o echo monotonamente
sinistro do trovão irrompe brusco do
silencio profundo, imitando o soluçar
plangente de uma dor immensa.

Amortalha o espaço uma tristeza in-
finda.

Tudo deserto.

Ha noites tormentosas no coração.

Fev. de 1896.

Alcides Pereira.

O beijo do mar

A Oscar d'Alva.

Lá nas lanchas que o sol morrendo deora,
Nua ultima lancheta fulva, quente,
Envolvida na aureola refolgente
De lousa e lousa cabellista lousa;

Lá parou que o mar, n'um beijo ardente,
Serviu-se tal o sol, voluptuoso,
Como quem quer rabelar o gozo,
Suborale e demoralmente.

Tudo é assim na vida; elle se amou,
Ambos se querem, fôr, ambos se chamam,
Todos os dias se se vão beijar.

E elles se beijam, fôr, ha um tempo infinto!
E vão... e vão... dentro o traço é lido!
Ah! si fôrça o sol e eu fôrça o mar!

Rock.

REVISTA LLEGANTE

GRAVATAS

Occasião excepcional

GRANDE NOVIDADE

800 gravatas recentemente despachadas, de feitos inteiramente novos, em todos os tecidos e cores e para todos os preços.

CARTEIRAS

Artigo especial para mimos

Carteiras de couro da Rússia próprias para guardar dinheiro.

SUSPENSORIOS

De seda e de algodão, grande sortimento.

COLLARINHOS

Constante sortimento d'este artigo, de todos os feitos e punctuações.

PEITILHOS

Grande variedade de peitilhos, lisos, com pregas, bordados, brancos e de cores a 5\$000, 6\$000, 7\$000 e 8\$000.

PERFUMARIA RIEGER

Extracto, pó de arroz, agua de toilette e sabonete—**Nirvana.**



LUVAS de pelica
branca, preta, e de cor,
lisas e bordadas a 10\$
e 12\$.

CASEMIRAS

Pretas e azues próprias para fatos de cerimonia e meia cerimonia, recentemente despachadas.

Machinas de costura

-DAVIS-

As primeiras do mundo—Trabalham sem dentes, só com um alimentador vertical. Um thesou.º para as familias. Quasi sem ferros, e sem engrenagens. Uma completa maravilha.

PÓ PARA DENTES

Modin—limpa os dentes sem os deteriorar.

1:000 REIS

1 vidro de graxa Bostock.

AGULHAS

Para as machinas—Davis, Singer e Domestic.

SABONETES

Dos grandes perfumistas francezes, inglezes, allemães, americanos 2\$500, 3\$500, 3\$500 e 4\$000.

CAMISAS DE NOITE

Grande sortimento, com bordados lindissimos e fazenda especial.

CAMISOLAS

Camisolas de algodão, de lã, de lã e seda—artigo de completa novidade—

AGUA PARA DENTES

Ilodin—conserva os dentes e fortalece as gengivas.

DE BOSTOCK

Barseguins e sapatos—recentemente despatchados.

Artigos a despachar

Chapeus de feltro.

Punhos.

Chapeus de sol.

BENGALAS

Surprehendente sortimento de bengalas de diversas qualidades de madeira, com cabos de chifre, corno de veado, marfim, dente de hippopotamo, ebano, prata, nikel e ouro.

--300 Bengala\$ em depósito--



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Julho de 1896 | NUMERO 50

REVISTA ELEGANTE

Contra o pessimismo

O meu estimavel amigo, chronista da *Revista*, deu, na edição ultima, replica ás minhas innocentes e singelas considerações, que tiveram publicidade no numero de março, sob a mesma epigraphia destas linhas.

Mas, voltou o escriptor das COUSAS DA ACTUALIDADE como peor pessimista que no dia em que as suas retrogradas divagações tanta repulsa causaram-me.

E', assim, que já não nos fala somente de crises, de desleixos e de incurias, mas, agora, tristemente amedrontador, de esphacellamento, de completo destroço do nosso paiz-colosso, da sua breve posse pelo estrangeiro...

Horresco referens!

Ainda bem que o meu distincto amigo se confessa pessimista, com as suas palavras:—... «não sustento esta proposição (a da imaginaria crise) só por *simplex pessimismo*». Basta a confissão, que dá-me o direito de dizer: Pois, é só devido ao seu pessimismo que o amigo assim fala, perdido em mar de horrores, creado por mera imaginação.

Nesse seu phantastico mar de horrores, o meu amigo não faz e não pode fazer deducções consentaneas com a razão e com a attestation dos factos reaes: consequentemente, d'um acontecimento que nada mais vem a ser que a genuina confirmação do nosso progresso e da nossa riqueza, elle tira conclusões exactamente contrarias, e... tem materia para as suas divagações retrogradadas...

Difficil, senão impossivel, portanto, convencer-o do erro em que se acha.

E' questão de temperamento, e... basta.

Todavia, dir-lhe-hei ainda algumas palavras, em conversação amistosa, não dando desenvolvimento a esta minha palestra, por me haver prevenido o amigo Teixeira que o espaço que elle reservou não pode deixar de ser limitado.

«Triste estado o do nosso paiz, horrivel o seu futuro, suas finanças arruinadas, má gestão dos negocios publicos, sua divida cresce, sua receita diminui...»

Horresco referens!

Mas, felizmente tudo isto são divagações do meu amigo chronista da *Revista*, que tudo exagera, que tudo inventa; por isso que os factos reaes são de cabal negação áquellas suas affirmativas, e de significação exactamente a ellas em contrario.

Porque diz o meu amigo que—é triste o estado do nosso paiz—quando o vemos forte e bem considerado, fazendo baquear os seus inimigos, e solvendo, sem o menor sacrificio, todos os seus compromissos?

Horrivel o seu futuro—como?—si todo elle floresce, e se torna-se gigantesco?

—Má gestão dos negocios publicos—Onde a prova? o que tem o chronista de articular contra os homens—nosso governo e nossos legisladores? Não são competentes? Onde estão as competências?

—A divida cresce, a receita diminui.—Mas isto é uma inverdade, pois que as demonstrações do Thesouro e os orçamentos provam o contrario.

Não permitindo o espaço que me foi reservado para outras demous-

—*TELEPHONE 56*—

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

das da grande superioridade das coisas actuaes das deixadas antigo regimen, basta-mos-a que se usa, para um calculo approximado da fortuna do paiz, que os bens que recebeu a Republica, no acervo do antigo regimen, tem-nos conservado e augmentado no seu valor; e isto se vê das seguintes palavras do mais instantissimo relatorio do sr. ministro da fazenda, que acaba de ser distribuido:

«Possue a União uma rede de vias ferreas que representa mais de 250.000.000 de emprego de dinheiro, e na actualidade vale, muito mais do duplo; é credora do Banco da Republica de somma superior a 180.000.000; tem em caixa mais de..... 100.000.000 de apolices representativas do lastro das emissões bancarias; possui valiosissimas propriedades onde funcionam serviços federaes na Capital Federal e nos Estados; é credora de sommas avultadas por diferentes titulos; o que tudo reunido eleva-se a muitos centos de mil contos.

Por mais alto que se compute a nossa divida interna e externa, só nos valores que acabo de mencionar encontram-se recursos para amortização de sua maior parte, sem fallar nos meios organimentarios resultantes da impostos e contribuições de que se poderá lançar mão.

—Tudo mais é grita dos adeptos das instituições decadas... e... eu tenho desconfianças que o pessimismo do meu estimado amigo reune-se ás saudades que tem elle de taes instituições.

E... só, attendendo ao soberano determino da falta de espaço.

As linhas acima deixaram de ter publicidade na ultima edição da *Revista Elegante*, cujas dimensões não me dão direito a maior espaço.

Devido a tal facto é que deixo de conversar tambem hoje com o amigo auctor do editorial—*A situação*—, ultimamente publico, escriptor este que, a seu turno, faz considerações na qualidade de pessimista de temperamento, ou, pelo menos, na de opposicionista systematico.

Como humilde e antigo collaborador da *Revista Elegante*, parece-me necessario lavar a minha testada, ante tamanhas heresias em modernos ideaes.

AUGUSTO BRITTO.

A MODA

Paris

Foi uma bonita festa, o dia do envernamento no salão de pintura dos campos Elísios. Houve uma concorrência admirável e surpreendente. A noite pouco se podia transitar por aquelles vastos recintos bellamente illuminados.

Já não é o envernamento de outrora em que as salas estavam cheias de escadas, atravancadas, e onde se podia ver os artistas dar o ultimo retoque ás suas obras antes de as expor á critica do povo; hoje já não se enverniza nem se retoca mais, é com grande difficuldade que lá se pode ir ver e admirar essas obras tão bem acabadas, tão artisticamente feitas.

A essa festa acode toda a massa parisiense, toda a elegancia vai ter seu rendez-

vous; e é ali que apparecem as novidades da estação do estio.

As toilettes das senhoras foram, como sempre, arrebatadoras de formas.

Notava-se as mangas mais estreitas e até algumas um pouco justas no braco com enfiados no hombro symetricos e adequados, saias com menos roda.

A toilette dos homens, era classica, absolutamente classica. As sobrecostas e os fraques eram pretos, e de tres botões, uns com vistas, outros sem ella, chegando até ao joelho ou um pouco mais compridos para os mecos. Alguns fraques tinham tambem um só botão. O colete, branco; as calças, justas desenhando levemente a perna.

Entre a multidão via-se grande numero de elegantes audaciosos que rompiam com o classicismo; trajavam costumes a estylo de 1833, por em, modernisados como os que fizemos menção.

E' o que lhes temos por enquanto a informar relativamente á moda.

(Dos nossos correspondentes.)

LITTERATURA

Minha infancia

A' José Maranhão Sobrinho.

Por um dia... só um... d'esse tempo
Minha esperança mais bella durou!

Sara Dorcas.

Quão doce era minha vida
Naquelles tempos ditos,
Naquelles campos vicosos,
Naquellas praias d'amor!
Vivia sempre sorrindo,
Pelas campinas perfidas,
Nos bosques adormecidos,
Sob o teu encantador!

Que vida soberba eu tinha
Naquelles bosques formosos,
Naquelles prados reivosos
Onde nasci e chorei!
Sempre alegre e satisfeito
Correndo pelo terreiro,
Trepando no capoteiro,
Ainda tanto folguei!

Quando a aurora despertava
Corria para as campinas,
Tão formosas, tão divinas
Como o divino arcebispo!
Lá eu brincava, sonhava,
Deleitava-me a brincar,
Ouvindo as canções fagueiras
E temas da parental!

Corria como um leão
Atrás das borboletas
Que viviam inquietas
Pelas matas de mangal!

Armava arapucas, laços,
Com frutinhos leões maldades,
Pra pegar as sircuras
Nos mecos de branjal!

Oh! como eu era travesso
Naquella tão doce vida,
Naquella quadra querida
Cheia de esperança e amor!
Em vez de tantos gemidos
Que agora em solidão, chorando,
Vivia sempre cantando
E a pegar boia-flor!

Quando a tarde feneceu
Vinha pra casa chorando,
Todo triste—sozinho,
Com saudades da minha;
Minha mãe me recebia
Com mil beijos e carinhos,
Me deitava nos braços
De minha querida irmã!

Naquella hora tristinha
Recordava a bella vida
Junto a minha irmã querida,
Deitadas nos braços meus!
Oh! que vida meiga e bella,
Que gozo, que tanta flores!
Ah! minha infancia de amores,
Adena para sempre—adeus!

Diogenes.

Alice

Ao Euclydes Marinho.

Pra as bandas do occidente ia morrendo o sol...

A' porta da pequenina casa do outeiro surgia um vulto de mulher, apenas sahido da adolescencia!

Quinze annos tinha a encantadora Alice, aquella que habitava a falda do outeiro na pequenina casa pintada de branco e cercada de amendoeiras...

Foi n'uma formosa tarde de verão quando do chitava alegre a passarada, que a vi pela primeira vez quando p'ra as bandas do occidente ia morrendo o sol...

Desde esse dia voltei repetidas vezes a falda do outeiro onde habitava a encantadora Alice na pequenina casa cercada de amendoeiras!

O talho flexível de seu corpo, a aveludada cor da pelle, fuma pallidez doce e poetica, e especialmente os grandes olhos pretos e luzidios, atraíram-me, dominaram-me!

Alice em d'uma belleza meiga e suave, que embora sem o brilho flamejante dos meteoros, attrahe o fascina!

Sua voz, era como o farfalhar das brisas na folhagem das amendoeiras que ella se havia habituado a ouvir... O olhar, tinha o mysticismo do sol e da lua; brilhante como elle e como ella nostalgico...

III

Sentia em mim não sei que indizível attracção áquelle ser que vi n'uma formosa tarde quando p'ra as bandas do occidente ia morrendo o sol?

Impellido por um desejo invencível, dalde busquei-a muitas vezes pela falda do outeiro em torno da pequenina casa branca cercada de amendoeiras.

Muito tempo depois, n'uma tarde formosa como aquella em que a vi pela primeira vez, sob a fronde d'uma amendoeira em flor, Alice reclinava-se n'uma cadeira longe lendo um livro... de poetas thalvez.

Saudei-a...

Sorrio-me...

Amamo-nos...

IV

Todas as tardes em frente á casinha branca que ella habitava, passeávamos a sós sob as virentes frondes das amendoeiras em flor, confessando as intimas revelações de nossas almas intimas e os mutuos pensamentos de nossos pensiers mutuos...

Como é bom amar-se e como é divino o amor?

Dous mezes se passaram tão velozes, tão rapidos como a felicidade que os borifou...

Quanto me lembro e quanto é dolorida a saudade!

Dous mezes se decorreram cheios de idylls e de venturas cheios!

Como é ditosa a quadra do novado!

Tendo por tecto a copa das amendoeiras, sentados na alfombrada relva, quantas tardes passamos juntos, quantas tardes?

Parti depois p'ra longe, muito longe, ficando assente o nosso casamento para o meu regresso...

Oh! lagrimas, benditas lagrimas que me inundaste os olhos n'essa hora triste de triste separação, como me lembraste esse momento, como me lembraste?

Lá, de muito longe, duas abençoadas cartas de Alice, instando pelo meu regresso, mitigaram-me a saudade.

Voltei.

Oh triste e cruel volta!

Apenas desembarcado, corri em busca da casinha branca do outeiro, ninho dos meus affectos e dos meus amores.

Fatal desillusão!

Já proximo do outeiro, vi um feretro com grande presito que sahia da pequenina casa branca cercada de amendoeiras!

Oh coração presago!

Menos soffrora eu se morresse n'aquelle instante.

V

O cadaver que segeta para a ribanceira era de Alice a qual morrera chamando por mim!

Beijei, beijei-lhe pela ultima vez a fronte hirta e inanimada e estive sem sentidos...

Quando despertei, mergulhava-se o sol no coração cycloptico do mar!...

Lucio Moreno.

Cadaver fidei

Esta que eu vejo morta, enegrecida,
Nas de flocos asperos e fofa,
E a moeira que já vi outra cheia
De encantos ideais, de amor, de vida.

Não mais o sol de seu olhar carola,
Nem perfume a o mouroso labio;
Morreu-lhe a luz, a cor e nem um sôto
Lhe dar poderia sua vital fôrça.

E o cadaver da fé que vive n'as
Essa morta melhor que me apparece,
Como um negro phantasma que apparece.

Foi que, crente, a adormi quando viva,
E ao seu altar ergui ardente prece,
Incedo venozosa morte e fôrça.

Oscar d'Alva.

Antithese

Esta que offerece e o seu olhar fallando
Ao meu, tudo em segredo me diz;
Esta a sua coração que se contendo
Tudo o que instantaneamente ella sentia.

En embelleza em contemplação a si, vir,
Ouvia a minha voz e a voz falando
Também lhe revelava o que eu sentia,
—Era o meu coração que se fallando!

Quanta profecia nos olhos lizes!
Que longo amor, que longo amor, incerto;
E como instantaneamente o eu apprehendia!

Hoje delibado o mesmo olhar lizo e amado:
As illuzões e a dor — tu lá perdeste
E nem parece já que me amava.

W. Broadbent.

As charadas que demos em nossa ultima edição foram decitadas por um distincto collega.

Ellas são:—1.ª Gira-sol—2.ª arroz-doce—3.ª Phosphoros—4.ª Alfaiate—5.ª Poesia—e—6.ª Anagua.

Nini

Serena, loira, bella, immaculada,
Como Vênus surgindo d'entre as nuvens;
E branca, como os brancos e os alvos;
E pura, como a luz de uma alvorada.

Na letra faz suavissima doirada
De sua alma ingenua de criança
Gargalha sem tanto mystico d'esp'rança,
Festivamente trina uma ballada.

Na sua perfil de donna legendaria
Da chimera e vultus redigitoras,
Um lucto primor de estalarias.

E em seus cabellos falva reluzente
Bastita a ardeente luz extraordinaria,
Que ilumina de chibros o Gêo das crentes.

Maio—90

Fraga de Castro.

Tentação

Voges de mim e eu breves-te, que lá;
A tua imagem tenta-me: bem como
Aos tristes o somado praece
Que amarguram-me para sempre a vida.

O poezia era de trevas cheia;
Iluminava-o Deus, dando-lhe luz,
E a luz mergulhava—dado de trevas—
Na escuridão de luz d'aquelle seia.

Quem—fôrça os forte, agostante, os salda—
Não cultorisa a flor d'aquelle labio,
D'aquelle labio a flor nas colhorias?

Ah! queira um Eden nos hortos d'ada!
Pois meior a paz do peccado,
—Mais do que a paz peccada em peccada!

Julho de 1895.

M. Rock.

SIRVA DE CHRONICA

D'esta vez, ain lá não quiz o nosso amavel chronista dar ao leitor a sua boa prosa. Disse-nos que não tinha tempo, andava muito alarefado, cheio de serviços, carregado de outros cuidados. Acreditamos e desculpamos-o á vista das razões que apresenta.

A sua imaginação fértil, abundante em verso e prosa an lá realmente muito occupada. Nestas bellas noites de luar esplendido, elle, como é de acreditar, tem afinado a sua lyra e cantado sem duvida, com primor o ideal que o inspira, que o affaga.

Não conhecem d-o, mas acreditamos que o tenha porque ain lá é moço e sente.

E depois quando eu já estivesse cansado pelos annos (isto é um cavaquinho aos vellos), quando mesmo decrepito, sem aspirações, sem futuro; poderia um rosto bellamente formoso, um sorriso, um olhar attraente de mulher se infiltrar em sua alma e rejuvenesce-la e dar-lhe vigor e dar-lhe frescor—fazer do velho criança. O amor é o orvalho do coração.

Elle, porem, não está neste caso ainda é moço e sente.

Senr. Pedro Salgado, dê-nos a sua prosa no numero seguinte e deixe por momento suas occupações, escreva.

Zuccides.

HIGH-LIFE

Fazem annos na mesa de Agostinho.

Em 1-ª e 2-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. commendação Gaudioso Costa da Silva Rosa;

Em 2-ª e 3-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Francisco Zaldívar Gaudioso e Antonio Almeida;

Em 3-ª e 4-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 4-ª e 5-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 5-ª e 6-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 6-ª e 7-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 7-ª e 8-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 8-ª e 9-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 9-ª e 10-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 10-ª e 11-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 11-ª e 12-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 12-ª e 13-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 13-ª e 14-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 14-ª e 15-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 15-ª e 16-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 16-ª e 17-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 17-ª e 18-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 18-ª e 19-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 19-ª e 20-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 20-ª e 21-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 21-ª e 22-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 22-ª e 23-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 23-ª e 24-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 24-ª e 25-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 25-ª e 26-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 26-ª e 27-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 27-ª e 28-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 28-ª e 29-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 29-ª e 30-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 30-ª e 31-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 31-ª e 32-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 32-ª e 33-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 33-ª e 34-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 34-ª e 35-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 35-ª e 36-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 36-ª e 37-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 37-ª e 38-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 38-ª e 39-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 39-ª e 40-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 40-ª e 41-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 41-ª e 42-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 42-ª e 43-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 43-ª e 44-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 44-ª e 45-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 45-ª e 46-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 46-ª e 47-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 47-ª e 48-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 48-ª e 49-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 49-ª e 50-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 50-ª e 51-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 51-ª e 52-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 52-ª e 53-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 53-ª e 54-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 54-ª e 55-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 55-ª e 56-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 56-ª e 57-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 57-ª e 58-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 58-ª e 59-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 59-ª e 60-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 60-ª e 61-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 61-ª e 62-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 62-ª e 63-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 63-ª e 64-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 64-ª e 65-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 65-ª e 66-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 66-ª e 67-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 67-ª e 68-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 68-ª e 69-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 69-ª e 70-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 70-ª e 71-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 71-ª e 72-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 72-ª e 73-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 73-ª e 74-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 74-ª e 75-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 75-ª e 76-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 76-ª e 77-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 77-ª e 78-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 78-ª e 79-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 79-ª e 80-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 80-ª e 81-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 81-ª e 82-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

Em 82-ª e 83-ª, de J. J. Ferreira de Souza e o sr. Manoel B. B. Costa;

CHAPEUS**Recentemente despachados.**

Grande e variada collecção de chapéus de feltro, duros e molles pretos e de cores.

Luvas de pellica

pretas, brancas e de cor, lisas e bordadas a 102000 e 125000.

ILLODIN**Agua e pó para dentes**

Os melhores no genero até hoje conhecidos.

Caixa.....	25000
O vidro grande...	75000
O vidro pequeno...	25000

Camisolas

Grande sortimento de camisolas de algodão e de lã—artigo especial—a 52000 e 102000.

BENGALAS

Importante sortimento d'este artigo de 52000 para cima.

Camisas de flanela

Artigo de completa novidade—de cor bordada a seda a 102000.

3:000 Rs.

4 par de botões para punhos, de metal, cor de ouro, garantida.

**GRANDE**

e variado sortimento de ca-
semiras pretas, azues e de
cores proprias para fatos de
ceremonia, meia--ceremonia
e de phantasia.

**Cordões de seda**

Proprios para camisas de flanela a 600 rs. cada um.

Lenços

Bomita collecção de lenços de seda com iniciaes, proprios para homens.

Carteiras

De couro da Russia—um diversos tamanhos e feitos, pretas avermelhadas e amarellas a 62000 e 102000.

Gravata-manta

—Artigo de completa novidade—

De algodão com um anel de metal, cor de ouro, garantida 62000.
De seda idem 102000.**Collarinhos**

Constante sortimento d'este artigo, em todos os feitos e punctuações.

Suspensorios

Ultima invenção n'este artigo—grande novidade—52000, 82000 e 102000.

Camisas

Brancas e de chita, sem punhos e sem collarinhos, lisas, bordadas e com pregas para 1002, 1202, 1502 e 1702 a duzia—artigo especial.

Artigos a despachar

Calçado Bostock.

Punhos.

Chapeus de sol.

Imp. na Typ. a vapor da—Alfaiataria Teixeira—por J. B. A. Lomila



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Agosto de 1896 | NUMERO 51

REVISTA ELEGANTE

Pelo Theatro

Deste assumpto, já occupamo-nos nas columnas da «Pacotilha», relativamente ao estado decadente em que se achava o nosso «S. Luiz», e agora voltamos á novas considerações, petendo a quem o direito competir que providencie no sentido de melhorar aquelle edificio, unico arrimo de diversão que ainda contamos.

Nem sabemos que as nossas palavras pouco echo produzirão e que estamos pregando nos desertos do Sahara. Mas, não nos importamos; havemos de proseguir na nossa missão até que um dia sejamos ouvidos.

A companhia Souza Bastos, que ultimamente trabalhava nesta cidade tem feito um bonito reclame quanto ao nosso theatro, e cooperou bastante para a não vinda da companhia Mattos & Machado, que de passagem por esta capital com destino ao Pará, prometteu-nos vir ao Maranhão dar algumas recitas no «S. Luiz», e até hoje estamos na expectativa d'essa promessa.

A companhia já regressou e actualmente trabalha no «S. Izidoro» de Pernambuco, e nem se quer deu-nos o motivo de não cumprir o prometido.

O publico que ajuze o motivo porque aquella Companhia assim procedeu.

Sabemos perfeitamente que o Estado não pode subvencionar companhias theatraes, mas, pode ornar o nosso theatro em edificações de receber companhias decentes.

Se não for iniciativa particular estaremos condemnados a não ter companhias neste fim de seculo!

Os nossos vizinhos de Italoia, preparão-se para receber a importante companhia lyrica italiana, organizada em Milão pelo muito conhecido maestro bra-

sileiro Franco; de cujos artistas já se achão algumas photographias em uma das vitrinas da rua João Alfredo, de que tanto se tem occupado a imprensa paraense.

Occupamo-nos em dizer que os paraenses se preparão para a recepção dessa companhia, subvencionada pelos Estados de Amazonas e Pará, porque o Maestro Franco nunca se esqueceu do nosso Maranhão, e é provavel que com sacrificios se lembre de visitar-nos com essa importante companhia e termos então de passar pelo vexame de ver artistas que trabalharam nos theatros «Amazonense e Paz», os dois mais importantes do Brasil, venham trabalhar no «S. Luiz» que causa vergonha ao publico maranhense.

E por isso que bradamos, que invocamos a quem o direito competir que empregue os meios necessarios para o aformoseamento do theatro, porque assim podemos contar constantemente com as visitas de companhias que desejão trabalhar no Maranhão.

Como autor que somos do editorial «A situação», publicado no numero quarenta e nove deste jornal, aguardamos a prevenção do Sr. Augusto Brito, prevenção essa feita no final do seu artigo «Contra o pessimismo», inserido no ultimo numero da Revista.

Temos muito prazer em receber as honras de uma replica. Aguardamos oportunidade.

—*TELEPHONE 56*—

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

A MODA

Paris

Ha tempos que a moda tem feito greve, resolução que nos tem inquietado bastante; não tem tido mudança sensível, alterações que se possam enumerar.

Todos vestem-se com o unico fim de conservar a ordem habitual do seu guarda-roupa; nada de perfumes, nada de caprichos, nada de accrescimos.

A uniformidade dos costumes espalha-se por todas as classes e em breve não se poderá perfeitamente distinguir o rico galante do simples caixeiro.

A moda é quasi commum, está em união para todos; se não ha mudança também não ha distincção.

O traje mais apropriado para o outono e o inverno, tem sido nestes ultimos tempos, sobrecasaca de 4 botões e gola de veludo, comprimento até aos joelhos; fraques de cheviotte preto ou azul, cinzento, marrom, e fazendas mescladas. Collete para casaca é de 4 e 5 botões; uzam-se dos colletes pretos para as visitas de cerimonia, officiaes e dos brancos para as soirées, casamentos, jantares e outras occasiões.

Por enquanto é o que lhes tenho a informar.

(Dos nossos correspondentes.)

LITTERATURA

Realidade

Ao Herdema.

Quando ella invadio os salões artisticos do baile, ostentando todo o fulgor de sua luxuosa belleza, olharam-na todos, pasmos, em delicioso extasis, admirando aquelles braços delicadamente correctos a destacarem-se nitidos, divinos, perfeitos, na carne fresca, palpitante e rosea.

Dir-se-lia que cada qual via naquella monumento de belleza a real subjectivação de um ideal havia muito sonhado.

Faziam-lhe verdadeira apothéose.

Alguem ao ver-a passar esculpturalmente bella, não a saudou delirante de entusiasmo como fizeram os outros; sentio-se triste e dos labios lhe escapou esta expressiva phrase dolente: Coitada!

Fôra esse o unico, d'entre tantos que alli estavam, o unico homem que soube realmente admirar aquella mulher.

E' que profun-da-lhe foi a dolorosa lembrança de que um dia aquelle corpo de setim, aquella carne rosea e pura se havia de transformar em materia informe e que d'aquelle corpo resplandecente a magnolia e violetas, como se dellas fora formado, havia de exalar o fetido horror da podridão.

Pôz por isso que se fez triste: Não poder a humanidade subtrair aquella eresia sublime as leis fatalmente iniquas da natureza: não poder ser ella

eternamente viva, eternamente bella eternamente joven.

Foi o desespero dessa terrivel convicção que o fez profundamente commovido—ella—o artista—que desejava que a natureza perpetuasse as suas perfeições.

Maio—1896.

Alcides Pereira.

No banho

Sob as raias frouxas
Das frezas sapegas nubladas
De sua ribeira crystallina,
Estava ao romper d'aurora
A innocente Delata
Bastando o corpo fraterno.

Depois de ter coisado lo
Seu vestido agasalhado
Na molha de rosmaninho,
Enmaldice contemplando
As aguas que marmuravam
Querem, hejar nos peixinhos.

Vae se chorando de leve
Entregando o corpo a neve
A's caricias do remanso...
O regato se entremecia
E de contente puerco
Que se desliza mais manso.

Beijam as aguas fugaces
As suas setiminas faces
A bocca pequena e bella...

A brisa sente ciúmes
Traz um beijo de perfumes
E depois nos labios d'ella.

Alli pendente do galho
Que servia de agasalho
A respiração de Delata,
Ilusão o querido ninho
D'um garrido peixinho
Que brinca com sua manobra.

Sabe a mecnica contente,
Toma o vestido, ribete,
E segue pelo caminho;
Levando a grata lembrança
De seu banho de ericaça
Do canto do passarinho.

En que via aquella fada,
Como uma diva encantada,
Do sol aos primeiros raios,
Naquelle chusma de beijos
Sentiu ardentes desejos...
E vive tambem ciúmes!

Valdirino Tito.

Campo-maior, 7 de Março de 1893—Pianhy.

Na alcova

Ao Alcides Pereira.

Não, não, dizia ella no morno arrebatamento d'uma volupia doce... as carnes n'uma vitalidade exuberante e rigida, tremião n'um convulsivo extasis nervoso...

E enquanto estalidos de beijos quentes se misturavam com os suspiros de respirações ofegantes, a pallida luz de uma lampada se extinguia, e a alcova perfumada e pura como a virgindade, deixava-os no tenebroso delirio d'uma aventura amorosa...

Deixa-me, deixa-me, balbuciava ella com a voz nervosamente meliflua, como se fosse antes uma supplica que uma recusa!... E elle, o mais feliz dos amantes, no auge do seu temperamento cioso, sentido em dous los boibolhões o sangue a percorrer-lhe as veias, queimava-a com os seus olhos, vencia-a com os seus beijos!...

Não, não, murmurava ella... e o sol que surgia escancarando as cortinas do oriente, vio sob aquelle leito maculado, murchas flores d'uma grinalda de virgem...

Lucio Moreno.

ALBUM POETICO

Calumnias

Revelas mais segredos em toda a parte:
—Em toda parte dizes que eu te adoro;
Dizes que eu rio quando souso eu choro,
Que entusiasmado talves de tanto amor te.

Sabem afinal que nos teus labios quentes
Borbulham beijos que quizes dar-me;
Sabem que de louca tu de tanto amar-me...
E fallam... e todo contem malizantes!

Sabem tanto, meu Deus, e sabem pouco!
Fallam de meu amor, que louco chamam,
Porque de tanto amar-te fiquei louco!

De mim só dizem o que é verdade, estante,
Mas como mentem, tanta, quando exclamam:
Que tu me amas!... Como mentem tanto!

W. Broadbent.

Antiphona

Offerecendo as Thuribularias.

Tal como o incenso, que se queima a varias
Direções vai subindo, pouco a pouco,
—D'este livro thuribulo de um livro,
Sabem fuma de um thuribulario.

Joelhos em terra, em posição contracta,
Com a locura ideal de um visionario,
Queixo veado no mystico sacario
Do Egreja de tal alta supla e bonita!

Na pobre lyra que doilho e trajo
Eu thurifero em febre de delirio
Um corpo de mulher que é quasi um lyrio
E uma alma de mulher que é quasi um lyrio.

Torcendo a phrase a todos os momentos
Quando a divulgo entre espiras subindo
Ao branco templo do teu solo lido
—Solto rixas a lã aos quatro ventos!

Todos, trazendo de deilho a palma,
Nas são mais estes versos doloridos
Que um puchado de grãos e grãos
Embebedados nos restos de minifalax!

Sacerdote do amor ou celebrante
Entre estes cantos pallidos que fago
A hostia branca e ideal do teu regao
E sacrifico sublimo do teu rio!

Do poder lyrio que escuro a esmo,
D'api a muitos annos quando leres
Os versos e fugidos dizes
Que te pertencem mais de que a mim o mesmo

Porque foram traçados a teu lado
Porque foram molhados a teu solo
—Ho de dizer, a um doleido anseio:
—Quanto me amava aquillo desgraçado!

E las de coque aos fillos, aos fiores,
Com o coração a estremecer de todo
Nosso ogalho tão propicio aos meliores
A negra historia de um poeta doado,

Que vicia a cantar por toda a parte
Como um louco xarido pelas ruas
O coqueito gentil das graças tuas,
A consola de um sorriso a meubige-te

Predas, senhora, se este livro podes
Perder o qual o coração doado
Foi trahido a que eu quizes te lo
Nas for coqueito de teu solo molhe

Li do nicho onde estás, Santa alcova,
Santa do meu amor, o livro molhe,
Ta um livro signor a balança
Que a tua seio de Virgem se coqueita!

L. Xavier de Góes.

(Do Thuribulario.)

Na festa

Ao H. Mattos.

Na vae e vem da festa, eis que apparece
Um vulto de mulher—alta e bella!
O coração me pulsa—o dor esquece
A dor sentida pela ausência della!

Elle de a contemplar, elle estremece
E sentio-se feliz entre por tel-a,
Como se flickeado lhe visse
Envolta a' luz d'aquella estrella...

Porto de não um velho que do mundo
Vive espedido n'um seimor possenda,
Exclama ao tel-a: Cova!—eis a rainha!

Como Othello fiqui... e lamenteo
Que emagor a velha impertencia
Que ouzou Star essa mulher que é minha!

A. Rago.

Despreso e odio

Tal e qual como um passaro ferido,
Após o tiro luctuoso atravessado
A posta da azo, vou resmungando
Do caçador fugido espavorido,

Assim também meu coração, coitado,
—Por teu odio ao tiro desejado—
Fugiu, voou, exultou, encheu-se,
Tal e qual como um passaro ferido!

Inepta que tu foste! Tiro inepto
O que sileteu, tiro que eu leveigo
Entre a epistola do teu rancor revólvo...

Inepta que não viste que um secreto
Aster levava o coração meuligo
A teu despreso prefere teu odio!

I. Xavier da Carvalha.

Dalila

Melhor fatal esplendida e formosa,
E' a deusa do crime e do pecado,
Nos teus labios de polpa cor de rosa,
Brilha o rio do amor allucinado.

Quando te vejo a pousa da belleza
Tremendo não ao olhar em brasa
Como que sinto da voluptuosa aza
Evocar por sobre a natureza.

E contemplo-te o corpo principesco
Essa typo bíblica e romanesca
Que alvamente entorpeço quando posso,

E ao vê-te assim em radiações de graça,
Meu olhar tem a chama do desejo
E quando te olho penso que te beijo.

Oscar d'Alva.

Para breve...

Mantê pinto um quadro delirando...
Foi este o plano:—representa o calar.

Do um par ditoso abençoado em face
Do altar—mór, d'uma igreja, illuminado...

Uma obra d'arte onde a Ventura passe
A illuminar-nos um porvir dorado:
—Uma noiva gentil com o noivo ao lado...
(Ah! se a quem me dirijo adivinhasse!...)

Entre as trevas do quadro, n'uma franca
Phantasia de amor que em mim delira,
Pedi que ardessem sob um fogo destro

Um ves de noiva e uma grinalda branca
Entrelaçando as cordas de uma lyra:
—Tua innocencia a incendiar-nos o estro!

I. Xavier de Carvalha.

HIGH-LIFE

Fareis annos no mez de Setembro futuro.

Em 1-a as exmas. sras. M. Zolheira Ribeiro de Castro e Maria Edmunda Lisboa Capricornio, as sras. Filomeno Cesar Baccalho e Edmundo da Silva Perdigão;

Em 2-a as exmas. sras. M. Maria Izabel Collares Maciel, Anna Emilia Gonçalves Galvão Lisboa e Anna Izabel dos Santos Ribeiro, digna consorte do tenente coronel João Pedro Ribeiro, o dr. José Antonio de Mello Fernandes e a senhora Nelia, filha do sr. major Otilio T. Faria.

Em 3-a as exmas. sras. M. Guimaraes Theodora de Góes, Anna de Bittencourt, digna esposa do sr. Manoel de Bittencourt, Maria Emilia de Azevedo Valle, virtuosa consorte do sr. major Libanio Valle e a senhora Geizaria, filha do sr. capitão Ladislau B. de Castro Romão;

Em 4-a exma. sr. M. Maria Edmunda da Silva;
Em 5-a exma. sr. M. Henriqueta Fozza, a senhora Nelia, filha do dr. Antonio B. Barbosa de Góes, as sras. major Libanio Valle, Manoel José Azevedo Costa e Arthur Bellag.

Em 6-a exma. sr. M. Alvaro Sautier de Pierrelève e o tenente coronel Octavio Burack;

Em 7-a exmas. sras. M. Amélia Pereira de Souza, Joaquina N. da Silva Fernandes, Amélia Barosa e Filomena Zeli Franco de Mattos e o sr. Antonio Rodrigues de Souza;

Em 8-a exmas. sras. M. Leocadia Amélia Faria de Mattos, Joana Maia e Faria Martins e o capitão Raimundo Joaquim da Silva Azevedo;

Em 9-a exma. sr. M. Sebastião Neves;
Em 10-a exmas. sras. M. Maria Regina Parga Nina e Henriqueta Quadros Barbosa Alvares Ferreira, digna esposa do sr. desembargador Manoel Barbosa Alvares Ferreira;

Em 11-a exmas. sras. M. Maria José Góes Maciel e Rosa Almeida da Silva;

Em 12-a exma. sr. M. Pacifica Duarte Socio;

Em 13-a exma. sr. M. Benedita dos Santos Amato, a exma. sr. M. Regina Gonçalves Rodrigues, a senhora Abda, filha do l. tenente José Alves P. Bastos Junior, as sras. Carlos Marques, Raimundo Machado Guimarães e Manoel Virgilio de Barros;

Em 14-a exma. sr. M. Christina Alvares dos Santos e Manoel Affonso Lima Fortado;

Em 15-a exmas. sras. M. Edmunda Grotewill, Anna da Cunha Lisboa e Cláudia Rosa Marinho, e o sr. Antonio Barba de Castro;

Em 16-a exma. sr. M. Rosália S. Bastos e Amélia de Azevedo Ramos, digna consorte do sr. Dr. de Azevedo Ramos;

Em 17-a exma. sr. M. Edmunda Zelia da Silva;

Em 18-a exma. sr. M. Rosalia Laura de Mello Fernandes e o sr. coronel Joaquim Marques Rodrigues Netto;

Em 19-a exmas. sras. M. Antonia Góes dos Santos e Anna Joaquina de Moraes Rego e o sr. José Maria da Gama;

Em 20-a exma. sr. M. Luiza Passos, esposa do sr. Julio Passos;

Em 21-a exma. sr. M. Innocencia de Oliveira Rodrigues;

Em 22-a exma. sr. M. Eudice Raposo Nino;

Em 23-a exma. sr. M. Filomena Saraiva e Herculanio Formoso d'Almeida;

Em 24-a exma. sr. M. Doolinda dos Prazeres Bello e Ubaldo Pinto de Alencar, digna esposa do sr. Raul Alencar, o sr. Edmundo Rodrigues de Mello e o coronel cargo Dario Althayre da Cruz;

Em 25-a exmas. sras. M. Adélia Coelho Ribeiro da Fonseca e Almerinda Souza Lima Pereira, a gentil senhora Benedita Pires da Fonseca, premiada filha do sr. coronel Adolpho Pires da Fonseca, as sras. Antonio José de Souza Assumpção, Joaquina Faria Guimarães e Antonia Carneiro de Araújo;

Em 26-a exma. sr. M. Dalila, filha do sr. tenente Arthur Eduardo Pereira;

Em 27-a exmas. sras. M. Adélia da Cunha Barboza e Vasconcellos, digna esposa do sr. capitão Leopoldo de Barros Vasconcellos, Christina da Silva Texeira, digna consorte do sr. Antonio José Texeira e o sr. Canabito Costa;

Em 28-a exma. sr. M. Maria Evangelina Marques de Souza, as sras. capitães Alcides Passos e José de Sant'Anna Pinto.

Arrechem os noivos e convidados.

EXPEDIENTE

Recebemos para ter logar em nossa Revista a poesia intitulada—Soneto—da Barra do Corda. Sentimos dizer ao vate barracordense que seus versos, aparte alguma coisa de bom, como seja a sentimentalidade e lyrismo com que os reveste, resente-se de muita correcção metrica.

Sendo assim, releve, sem offensa, dizer-lhe que depois de ter estudado melhor a arte, continue a nos honrar com a promessa de suas produções que serão gratamente publicadas.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho, além de alguns jornaes do interior e exterior que muito agradecemos, mais a excellente revista litteraria e scientificca «Congresso Academico» da qual é redactor chefe o sr. Rodrigo Costa. Não a temos ainda, apenas abrimos-a neste instante e percorremos todas as suas paginas que nos hão de dar momentos de leitura bem agradáveis.

Logo faremos a devida apreciação. Deparamos tambem, sobre a mesa com o «Estudante», um jornalzinho catita, cheio de esperança que se publica nesta capital. Avante!

Temos presente a carta com que nos honrou o «Gremio Litterario Quinze de Dezembro».

Corresponderemos a sua delicadeza, terá sempre a nossa revista.

No mez passado foi o nosso estabelecimento visitado pelos seguintes senrs. residentes fora d'esta capital, a quem somos agradecidos:

João Paulo Vieira Torres, de Picos; Dr. João Silva, juiz de direito de Aragoes; Francisco Silva, da Parnahiba; Dr. Estevão Fortes Castello Branco, da União; Antonio da Costa Rodrigues, de Bragança; Martinus B. Hoyer, de S. Bento; Manoel F. de Azevedo Junior, da Pará; Joaquim Caribé da Rocha e Augusto Andrade, de Manaus; Manuel Pereira de Sá, de Picos e Verissimo José Borges, de Vianna.

Scientificamos aos nossos amáveis leitores de que a casa—Gaspar Teixeira & Irmão,—proprietaria d'esta revista, acaba de reformar o seu estabelecimento com todo o gosto e esmero, tendo ao lado no antigo deposito de roupas feitas, mais uma secção exclusivamente destinada a exposição de perfumarias dos melhores e mais conceituados fabricantes.

Reservaremos para o seguinte numero annunciar descriptivamente as marcas dos perfumes, afirmando desde já que a collecção é grande e unica.

MACHINAS DE COSTURA

Grande deposito de machinas Davis, Domestic, Singer, New-Home, Columbia, Minerva, Corona e Domina, de mão, de pé e de pé e mão, para todos os preços. Com 65:000 pode-se obter uma boa machina de mão e com 110:000 uma magnifica machina de pé--ambas garantidas.

Constante sortimento de agulhas para todas as machinas acima mencionadas, assim como ferros de sobreceleste.

N'este deposito ha profissional habilitadissimo que se encarrega do concerto de toda e qualquer machina.

5\$000 rs.

Escovas para fato—artigo especial.

4\$500 rs.

Escovas para cabelo—artigo fino.

25\$000 rs.

1 chapéu de sol—para verão—com duas capas de seda.

5\$000 rs.

Camisolas de algodão.

5\$000 rs.

1 par de suspensórios de algodão—artigo bom.

2\$000 rs.

Vaporizadores para bolso.

Gravatas

Constante sortimento d'este artigo.

Cintos

Grande variedade a 54000 64000, 84000 e 104000.

Chapeus

Lindissimo sortimento de chapeus, altos e baixos, abas largas e estreitas, duros e molles, pretos e de cores, sem forro e forrados de seda branca a 18\$ e 20\$000.

20\$000 rs.

1 chapéu de feltro duro, preto ou de cor—com um bem preparado forro de cortiça—artigo especial.

Carteiras para fumo

Grande variedade d'este artigo a 6\$, 7\$, 8\$, 10\$, 12\$, 14\$, 16\$, 18 e 20\$000.

Bostock

Sapatos e burseguins de couro de polidro e de polimento.

Carteiras para dinheiro

Esplendido sortimento d'este artigo a 6\$—8\$—10\$—12\$—14\$—16\$—18\$—20\$—e—25\$000.

Meias

Meias pretas, de cor, lisas e listadas, simples e bordadas, de algodão, fio da Escocia e de seda—para todos os preços.

Perfumaria

Constante sortimento de perfumaria de todos os fabricantes francezes—inglezes—allemaes—e—americanos.

ARTIGOS A DESPACHAR

Machinas New-Home, Columbia e Domestic, chapéus de sol, collarinhos, punhos, ceroulas de fustão, casemiras, calçados, navalhas para barba—artigo de inteira novidade n'este mercado, pertences para as mesmas, perfumaria Crown (1. perfumaria ingleza,) graxa preta, amarella e branca, para calçado preto, amarello e de polimento.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Outubro de 1896 | NUMERO 53

REVISTA ELEGANTE

Contra o pessimismo

Traçando, por me considerar a isto forçado, um humilde artigo, na edição d'esta Revista, de 31 de Julho ultimo, declarei, ao concluir-o, que deixava de conversar com o amigo auctor do editorial—A situação—constante do n. 49, em razão da estreiteza de espaço que me era reservado. Deixei, no entanto de firmar proposito de levar essa conversa para o numero seguinte, isto, não somente porque o artigo—A situação—nada mais era, do que uma reprodução, com pequenas variantes, do escripto a que eu vinha de responder, como porque parecia-me prudente, reservar espaço aos infatigáveis e adestrados collaboradores da Revista.

Vendo, porém, que aquelle amigo tem desejos sinceros de commigo palestrar, eis-me com elle hoje. Chameto de pessimista de temperamento, ou, pelo menos, de opposicionista systematico, porque as suas heresias nos ideaes economicos e sociais, modernos, são enormes.

E, si assim não é, que explicação pôde ter essa descrença que—encalhe-lhe a alma, não deixando-lhe sequer um raio de esperança de esperança, oh! céos, a unica consolação dos tristes no qual diálogue um uivo por onde a Nação brasileira trilhou para livrar-se do abismo em que se acha!—

Tudo, conseqüentemente perdido, irremediavelmente perdido, tudo se afunda—não ha mais esperança sequer!

Ora, diante d'um bruto semelhante, que ha por ali com que se opponha, em boa fe, a pensamento tão desastroso?

Quando ao homem falha a esperança, é porque

tudo mais lhe falha—até a propria vida.

E vai por diante o auctor d'A situação, preso de terrores, se lhe afigurando ser inepto o Parlamento Nacional, e que, particularmente, o Sr. Glycerio, segundo disse um jornal opposicionista, é incapaz de inspirar fé, como financeiro, bem como o Sr. Quintino Bocayna, como diplomata. Venha, portanto outro Parlamento; Mas... pergunto, d'onde?—da se vê que dos homens que retrogradam dos monarchistas—d'esta gente que acredita que o rei reina por graça de Deus.

Tomados por taes ideias—horrorisando-se dos impostos... esquecendo-se que os impostos, é tanto receita do paiz, tão necessários e indispensáveis, como ao particular o estipendio, o resultado do seu trabalho,—que tanto, relativamente, hão de se elevar aquelles, quanto ao mesmo se der com este.

Mas—os preços dos generos, a recompensa do trabalho, os impostos se elevam—é isto um mal, hato-nos a porta a ruína?

Não ha tal; ao contrario, é isto um bom symptoma—de progresso, de vida.

Depois, não são os impostos que determinam a carestia, mas esta a que os les.

Mas, como me embarça a falta de espaço ainda!

A situação trata-nos de decrescimento da receita da nossa Alfandega e de um plano de abandono dos Estados—Decrescimento de receita? E' o que, não nos consta, Alem d'isto, o meu amigo esquece-se dos productos das nossas fabricas, que não pagam direitos adu-

—TELEPHONE 562—

ENDERECO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa do correio 40

...também que a indústria brasileira, combinando o direito de propriedade com a possibilidade de exportação, é possível que, de alguma maneira, diminua a receita de importação das nossas alfândegas, a menos que não tenham de ser alterados tais impostos.

E de abandonar os Estados o plano do Sr. Glycerio? Porque? O plano, a meu ver, é de dar-lhes maior autonomia, força e prestigio. E a Republica Federativa adoptada pelo nosso estatuto fundamental. O amigo labora em engano, ainda, por esse lado, tendo os encargos que viriam aos Estados. Eles viriam, não há dúvida, mas a União teria de ceder, aquelles, parte do que elles lhe outorgam actualmente, em troca dos auxilios que recebe para sua manutenção.

De resto, não se atemorise d'essas agitações, de que tem noticia o diário mesmo, si quizer dar-lhes o nome de—crise—podrá fazê-lo; mas, enquanto o amigo toma por calamitoso o seu resultado, em antevejo n'essas proprias agitações e descontentamentos que, aliás, foram e serão de todos os tempos naturaes, um prenuncio evidente do proseguimento pela esplendorosa estrada do progresso e da prosperidade em que vai a gigantesca e magestosa Republica Brasileira.

As linhas que acima ficam traçadas deixaram de ter publicidade na edição anterior da Revista, visto haver sido essa edição consagrada á memoria do grande brasileiro que teve o nome de Carlos Gomes. —E no entanto, como eu me entristeço vendo o gangrenoso pessimismo chegar-se para junto de alguns de meus estimaveis companheiros de batalha, de modo tal, que, mesmo n'aquella occasião—quando deveriamos estar aoidos pelo pensamento, a tributar somente preitos a que tinha direito indeclinavel o vulto ingente que de nós eternamente separou-se—uma voz se fez destoar, embuida n'aquelles damnosos ideaes, rompendo o seu, alias, bello hymno por uma introdução tão desconhecida!

AUGUSTO BRITO.

A MODA

Por falta de carta do nosso correspondente de Paris, deixamos de communicar aos nossos leitores o que de novo ha na moda, mas quasi que podemos garantir-lhes que nenhuma alteração se tem operado.

A Redacção.

LITTERATURA

A Situação

E' preciso agarrarmos contra os despotas; e auctoridades do territorio brasileiro.

Além, com a tremenda energia que os olhos da república affronta que todos os dias se atrahem em face d'este grande mundo.

Devemos seguir as pegadas dos filhos de Antília, para mostrarmos a poderosa Europa, não também ao Brazil, se sabe o quanto os estranhos admiram que todos os dias se mostram a seguir-se de um lado para o outro.

Quem como nós, já tem lido os insultos que constantemente são atirados contra o Brazil, pela Italia, Franca, Inglaterra e Alemanha, é, com certeza, de ficar enraivecido por não poder com vigoroso azorrague tomar a devida represalia.

Em um boletim que foi distribuido em Napoles, por occasião do levanto da colonia italiana em S. Paulo, não é do ultimo conflicto que tratamos, occupava-se exclusivamente da patria dos *maecios* como somos conhecidos nos países *civilizados*.

Uma proposição assim versava:—O governo Italiano não trepidará em mandar dois vasos de guerra á patria dos *maecios*, bombardear o cemiterio de febre amarella, Rio de Janeiro, que tem servido somente para ceifar a vida de milhares de europeus, mas, os *maecios* são tão covardes que no primeiro rebombar dos canhões o terão espavoridos.

Agora por este outro conflicto travado lá mesmo em S. Paulo, tivemos assereção dos antigos desejos da Italia, mandando immediatamente preparar uma esquadra que se destinava ao Brazil, além de secundar os seus compatriotas.

Foi um preparativo bellico que soon em todo o mundo, fazendo tremer céu e terra.

Vendo depois o disparate do Sr. Glycerio, o *leader* das camaras, apresentando um projecto *fin de siècle*, em que autorizava o Thesouro a indemnizar as reclamações estrangeiras, resolveu immediatamente a Italia, mandar somente no vaso da esquadra que destinava ao Brazil, conduzindo um seu representante para tratar da monumental questão *macarrônica*.

E' preciso saber que Menelik, impoz á Italia, só entregar os italianos prisioneiros mediante uma certa indemnização e a Italia por sua vez, segundo nos parece, acha que o Brazil, seja o pai da Patria, e então trata de por meios *pacíficos*, *amigáveis*, *honrosos* para as duas nações *irmãs*, acabar com a questão mediante.....

E o caso de firmarmos applicação do *ori beraiques* do velho Tiberio, e perguntarmos sem demora: quanto é que o Thesouro tem de dar a Menelik?

Quanto ao cemiterio de febre amarella, temos a dizer que ha bem pouco tempo foi creada uma verba de trezentos contos para premiar o medico que descobrisse o meio de extinguir essa peste que tanto afflagella o Brazil.

A opinião, porém, d'um notavel profissional foi que só poderia ser removido aquelle mal, se o governo obstasse a emigração italiana para o Brazil.

A Italia não satisfeita com a victoria que alcançou na Africa queria também ver se conseguia os mesmos louros no Brazil, porém, interpoz-se a tudo isso o estúpido projecto Glycerio.

E' triste a nossa situação. Confiamos porém, ao povo brasileiro porque d'elle é que esperamos os energicos protestos aos vergonhosos demandos, que se operam no Brazil.

Confiamos na sua energia, muito embora seja esmagada nas patas das corças da policia, como foi por occasião do protesto feito contra o protocollo italiano que ia de solução contraria á que teve.

Devemos, pois, ao povo fluminense a solução *humana* que teve a tão fallada questão *problema* dos Glycerio, Carvalho & C. que ainda hoje tem o nosso governo em constantes *balbucios* *amigáveis*, *pacíficos*, *honrosos* e *amigáveis* para as duas nações *irmãs*.

*Belletrismo.

Enclino estas linhas o nome d'um jovem cavalheiro a quem uma pleiade de moças da elite maranhense fez na noite de sábado, uma manifestação de apreço e estima, dada do seu anniversario natalicio.

Foi uma *soirée* que os moços prometteram entre si, tendo logar no *chalet* em que reside o Sr. Filomeno Lebre, á rua de Alacrin.

Esteve imponentissima: a mimosa das corações das salas, a profusão dos convites, foram as provas mais evidentes da sympathia e estima que tem o festejado no seio da nossa sociedade.

Após chegar o Sr. Villar, teve comegada a festa em um repouso intimo, onde os gentis Senhoritas, solheciaram-se a primeira pela simplicidade das *toilettes*, que muita realce deram á manifestação.

Enfim, era um jardim onde as flores delicavam a expectativa dos convites.

Notavam-se as Senhoritas Sarah Tiberti, Zelmira, Amélia e Virgínia Vianna, Sinhá Rocha, Alino e Lúdy Story, Alzira Fragozo, Zenilde e Zina Magalhães, Lau Marques, Virgínia Frazão, Naiza, Anadia e Ida Ferreira, Virgínia, Maria e Rohália Rego, Silvia Miranda e Apolonia Marques.

Não podemos dar detalhadamente a descrição da festa, attendendo ao pequeno espaço que temos n'este jornal. Fazia porém, dizer que além d'aquellas gentis senhoritas que ornavam as salas da *soirée*, tivemos a pleiade de moços composta de Eduardo Soares, Altino Rego, Raul Villar, José Reis, João Fernandes, João Nunes, Homero Cavalcante, Abelardo Fernandes, Abeylard Mattos, Carlos Belchior, Antonio Rocha, Zeca Pinheiro, Zeca Moreira, Antonio Costa, Zeca Barbosa e Jose Arango.

As duas horas da madrugada, quando a orchestra do baile ia retirando-se foi no momento em que chegava uma outra orchestra do Professor Malheiros, executando sublimes valsas, prolongando a *soirée* até a hora em que a matutina luz vinha despertando os passarinhos que pressurosos entoavam maviosos gorgoros.

CHRONICA

O mez

—OUTUBRO—

Como se estivessemos em um palco, representando invariavelmente a mesma comedia que, graças ás repetições, tornou-se insulsa, de modo a não provocar mais a gargalhada sonora e estridente do espectador, assim vai desfilando monotona a vida maranhense—apresentando sempre os mesmos quibros de todos os dias, e uma reprodução fastidiosa de scenas identicas e sem o minimo interesse.

Apenas de longe em longe surge um acontecimento estranho, e então é de ver-se o fervilhar dos applausos on da critica moria a tomar proporções gigantescas de ante da pequenez microscopica do estranho incidente.

Depois... continua a comedia da vida quotidiana fria, calma a provocar o sono pesado do tedio. E o sono peza-nos sobre os palpebras.

Não progredimos, ao contrario, damos passos a decréscima.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 16 de Outubro de 1896 | NUMERO 52

REVISTA ELEGANTE

Carlos Gomes

A História acaba de registrar nas suas páginas de ouro mais um acontecimento notável que cobre de pezar todos os corações brasileiros: Carlos Gomes, o eminente maestro do vasto cruzado americano, o prodigioso autor do Guarany, o admirável tradutor do sentimentalismo nacional, o cantor sublime das harmonias, exalou o último alento e desapareceu na cerrada e profunda escuridão do túmulo.

Maestro do cruzado americano,—conquistou fóra de sua Pátria querida, longe das affeições que lhe podiam cercar, todos os louros que lhe deu o genio: autor do Guarany,—foi por toda a parte applaudido com os hymnos retumbantes da victoria; tradutor do sentimentalismo nacional,—foi o mais possante artista que soube divinizar o canto idyllico do selvagem e cantar com enormissima expressão as notas singelas e puras desta natureza tropical.

Rarissimas são as celebridades que, como elle, têm ouvido os applausos do mundo, tem a estirpe de frente as grandes apothéoses que lhe são feitas: Carlos Gomes, como Victor Hugo, não se em vida reconheceu que seu nome aureolado de fulgores estava para sempre ligado aos postereis; sua fronte magestática inclinou-se repetidas vezes para agradecer, calmo e soberano, as palmas do triumpho.

Feliz dos que em vida são comprehendidos como elle foi!

Dixou grandes obras, escreveu a Divina Arte com as flores indomitas do seu invencível talento. O Guarany, o Guarany sobre tudo, foi a mais gigantesca produção musical que brotou do seu cerebro potente e vigoroso, a flor mais odorata que desabrochou de sua

alma verdadeiramente patriótica e rica de imaginação. Sim, e elle procurou extrahir essa encantadora opera que tanto agradou a Italia,—berço das harmonias—e que tanto tem agradado o mundo culto, do monumental romance do illustre publicista brasileiro José de Alencar. Outro não podia escolher, de certo, que não fosse elle, um dos que mais animou e deu vida a litteratura nacional. A seu lado, na poesia, surge o Cantor dos Tymbiras, Joaquim Serra, Gonçalves de Magalhães e outros; mas, Carlos Gomes precisava de um romance que fosse alma do seu Paiz, a expressão fiel do seu sentir. O romance de Alencar foi o unico que achou. E, de facto, nelle ha estylo e pensamento, ha bellezas taes e tantas que não se descrevem. E' o amor do indio, a megalomania do selvagem, o sentimento puro, celestial que explode de um coração magnanimo, forte e generoso; é o aroma delicioso que embalsama as brisas, é o eco engastado de estrellas que lava o azul, é o canto sereníssimo das aves que pululam pelos folhedos, é o som viarante das matas que retumba ao longe, é o susurro melancolico da fonte que serpenteia, é o sel no zenith que dardelha. O Guarany é um romance feito musica, Carlos Gomes reconheceu isso e soube interpretá-lo com singular mestria.

A Opera é uma musica feita romance. Na nota exprime um pensamento, ressoa no coração, é do principio ao fim toda a descriptiva. Ouvise o canto da ave, o balio da floresta, a voz do indio, o tilintar das danças, pressentese que a noite encerra, ouve-se Ave-Maria! Como é bello, como é explosiva esta

—TELEPHONO 55—

ENDERECO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

obra! Carlos Gomes compoz muitas outras de grande e reconhecido valor artístico—musical, porém distinguimos essa, porque é onde se assentava mais culminantemente o seu coração de patriota. Elle escreveu-a longe, muito longe, de seu Paiz amado, mas lá mesmo, em outro meio, de baixo de outro céu, elle não se esqueceu da bella natureza que cercava a vasta região onde nasceu.

Brasileiro distincto! Encarnação da Patria! basta! não posso nem devo com a minha penna fraca, sacrilega, incompetente, revolver a tua sagrada memoria, mas direi terminando, que se o Brazil teve um dia em que podesse, infelizmente, dizer a face de outras nações—ha uma dor pesada, uma tristeza eterna que opprime os filhos d'este solo,—foi justamente no dia em que tu fraquejaste no tumulo.

Dêste nome e soubeste honrar a tua Patria. Tu viverás sempre no canto de Ceci, nos bellos trechos de Pery, grande no seu amor, como tu és grande no seculo.

E. MARINHO ABANHA.

A Carlos Gomes

(o poeta que na divina Arte cantou a extrema liberdade do Indio e chorou a extrema escravidão do Negro.)

Perto já da cidade e já longe da fôrça
Do Indio, como quem de um grande sonho acaba,
A ouvir do Guarany o musical eucado,
Num mudo de praez de sensações e medos
Perguntou se Tupan o Deus a cuja espera
Elle vivia desde a mais remota era
Era Aquelle que assim, em vozes de harmonia,
As selvagens palmas inteiras resumia?

E depois se proutou e, em terras o joelho,
Conheceu o adorno o magistoso velho
E fez repercutir, no júbilo de um grito,
Tudo o seu coração no selo do infinito...
E o Mestre ao ver-se assim, da Musica as lutas,
Desencosou um momento a esplendida botata
Enquanto o mundo almeja, cheio de amor e pânico,
Acclamava de pé no ar do entusiasmo!

Um dia uma princesa abdoando ao mundo
Da Noiva, deu o golpe ao tragico e nefando
Jogo da escravidão! e o Mestre a' sua delírio
—A resenha a fazer dos negros do martírio—
Estremecido de fé, de luctos ao lado,
Um poema escreveu, tristonho e amargurado,
Um poema de amor, uma elegia amarga
Onde transparecia a desventura larga
Que duendes abelhaes o coração do escuro!

—Este grido de dor chorava-se Schiavo!

E o pulso do ex-escravo ao se livrar d'alguém
Beijou ambas as mãos do dono do poema
Dizendo conhecer ao poeta encastado
Toda a historia interior da paga escravidão!
—Osculando o escravo assim, o genial maestro
Deixou que puzes as lutas do seu castelo
Jornaram com mais força e sentimentalismo
Que quando depõem da escravidão o alívio!

Bemlito o cidadão que assim se revelava!
Bemlito o cidadão que era pois da gente escrava
Disforia a infeliz criança do espócio
Com o coração nas mãos e extraculo inteiro
A reflectir a dor das almas patriotas
Nos assombros da luz de um turbilhão de notas!

Carlos Gomes morreu! —A amargurada plume
Era desventurada, não se dá de morte quasi,
Nem teve a coragem a' sua desolada eufonia,
Sob a cruz do cruceiro onde p'ra sempre durava
O corpo diluido d'aquelle grande homem
D'aquelle que no tempo ao tempo não cessava
A patria a grande sua delirante eufonia
E a guerra e a vitoria tristonha deposita
Como um prelo do amor, do dor e da amargura,
O seu lucto de amor unido de brevidade!

O grito do Indio e o grito do Tormento...
O Indio que chorou do explorador o torço...
Foi o Indio que chorou o Indio da liberdade
Do selvagem cantou ao céu da liberdade!

O mesmo que mudou ante uma face estranha
As notas de Schiavo em lagrimas de sangue
Foi o mesmo que almas eternizou um dia
A palmas de Pery nas vagas do harmonia!

Schiavo e Guarany as duas obras primas
Do Mestre que morreu, as obras primas
Devem servir de luto ao pedestal que hão
Para sempre o apertar para a posteridade.

—Ao erguer-se-lhe a estatu, em torno ao monumento
Deveria da gravar com arte e sentimento,
Entre as vozes de luz de um singelo alegro:
—A flecha junto a alguma e o Indio junto ao negro!

I. XAVIER DE CARVALHO.

Antonio Carlos Gomes

O Brasil cobre-se de lucto pela sensível perda que acaba de soffrer com a morte do celebre brasileiro Carlos Gomes.

Ha bem poucos dias o telegrapho nos transmittio essa tristissima noticia de que já não existia o genial maestro, o homem musical das duas Américas.

Foi uma noticia que repercutio em um momento todo o Brasil, produzindo grande abalo no mundo artistico.

S. Paulo, berço dessa aguda musical, quer tambem ser o seu tumulo para encerrar o corpo gelado do grande vulto que não ouve mais essa profusão de notas sublimes que formavam a muita applaudida *Opera-ballo*—*Il Guarany*.

Os jornaes desta capital já derão detalhadamente a biographia do illustre brasileiro, que desde a idade de dez nove annos quando se matriculou no conservatorio do Rio de Janeiro, que se tornou notavel, apresentado ao publico fluminense a sua primeira composição: a *Guilata Nacional*, exhibida no Theatro Lyrico, onde recebeu grandes ovacões.

«Vendo que seu talento enraquecia n'aquelle ambiente, confeccionou a partitura da *Joanna Flandres*, que foi geralmente applaudida em 1872.

Por esse tempo já o centro do Brasil começava a ser puzido para o talento do nosso compatriota, e seus admiradores do Rio, o animavam a proseguir em sua vertiginosa carreira, auxiliando-o para seguir até Milão.

Chegado ali Gomes matriculou-se no conservatorio tendo por lente de contraponto e fuga o grande Laur. Rossi e por condiscipulo o celebre Amore Panchielli, primoroso auctor da *Guacolda do Feglio prodigo*, do *Prinncipi Spasi* e tantas outras obras primas, Carlos Gomes e Panchielli, foram os dois contemporaneos mais distinctos do conservatorio.

Foi em 1870 que pela vez primeira cantou-se em Milão no theatro «Scal» o *Guarany*, sendo a orquestra composta de cento e vinte professores.

Milão immediatamente a seu grido de admiração ao grande brasileiro que se distinguia com denodo na sublime arte de Rossi.

Foi n'um momento enquanto se estendeu do Norte ao Sul da Italia, a noticia da celebridade do eminente brasileiro Carlos Gomes.

Nessa epocha foi no «Paradiso» de Florença, cantado vinte vezes o *Guarany*, no delírio d'um enthusiasmo admiravel.

Em Roma, Genova, Ferrara, Vicenza, Trieste, Treviso, Turim, Palermo etc., foi no anno de 1872 representada a Opera que tanto celebrou o immortal Gomes.

Suave foi ao *Guarany* a composição da *Fanci*, *Salvador Rosa*, *Maria Tudor*, *Schiavo*, *Condor*, *Colombo*, *Cantici dei cantici* e muitas outras produções importantissi-

mas como a *Joanna Flandres* do Centenario da America do Norte.

Depois de Carlos Gomes receber os applausos da Italia, foi então que desejou de vir ao patrio-lar, embarcou com destino ao Brasil onde chegou no mesmo anno de 1870, trazendo os laureas da sua conquista.

Levou no Rio de Janeiro, no dia dois de Dezembro, a universidade do Imperador, a representação da *Opera*, que tanta attenção despertava na Europa meridional.

Em curto espaço de tempo regressou a Italia onde teve a satisfação de ver a sua filha para a abertura da exposição industrial de Milão, a sua primeira *Opera*, que tantos elogios recebera dos grandes mestres da arte.

Ao terminarmos o nosso pequeno artigo, enviamos ao povo parense as nossas saudações pela aguda nobre e civilizada com que soube desempenhar-se nos ultimos estereos de Carlos Gomes, encandecendo todos os sentidos, não poupano meios ao denodo campineiro, que exalou o ultimo suspiro com a se fora uma nota funerea vibrada do seu immortal *Guarany*.

ADRYLAND MATTON.

Uma lagrima

A Carlos Gomes.

Infelicidade atroz! Já não existe
Carlos Gomes—nosso genio!
Separou-se de nós, amargo e triste,
Calando a dura lei, a lei fatal!

Deixa, Brasil, correr sentidos prontos,
Na lousa sepulchral desce teu filho,
Cujos hymnos sublimes, cujos cantos
Fotografam pra nós de eterno lucto.

Morreste luctador! A Patria chorou
No seu canto de dor e a toda hora
Triste ancora sobre os restos teus!

Si é certo que de nós te separaste,
Si certo a dor da luz aos olhos vende,
Entre a dor da luz vive o teu Deus.

ALFONSO REGO.

Carlos Gomes

Compuen-se os talentos privilegiados do homem aos respeito-as: é isto um dever da humanidade, porque os talentos se irradiam derramando luzes fulgurantes pelo mundo por onde a esmo transigem. Será um prelo de admiração, e ao mesmo tempo, de agradecimento, ou, melhor, de gratidão.—Elles nos conferem as grandes maravilhas, e nos proporcionam a posse de inestimaveis dons.

E os talentos privilegiados, ou os Gómes, adiantam-se ás estâncias da perfeição, palavra esta embora de significação imaginária,—que serão limitados, eternamente, os nossos conhecimentos, perante as sabias leis da natureza—como que ella apresentava-nos uma bela maga e seductora.

Distanciam-se elles dos erros sobre os quies a ignorancia tropeça, entanto que o homem, em virtude de luz, com intuito impenetravel, tão sinceramente tendo em to as exactidões dos factos e das coisas, como repudia os desvarios dos inexpertos. É possível que tal veneração funde-se na vulgaridade dos quies formam os carlejos d'estes ultimos, e a raridade do encontro d'aquelles, em todo o caso, o processo é soberano, e a elle a humanidade se curva reverente.

REVISTA ELEGANTE

E. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

— ALFAIATARIA TEIXEIRA —

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — IMPERIAL —

CAIXA POSTAL 40

ANNO VI

Maranhão, 1.º de Setembro de 1897

NUMERO 63

REVISTA ELEGANTE

Poetas e Sonetos

Se não fosse o pedido que nos fez o redactor chefe desta folha para escrevermos alguma coisa sobre litteratura, teriamos-nos deixado ficar em silencio ouvindo a deliciosa harmonia do verso n'uma partitura divina—ruflando as azas da maza espacia em fóra, attentos a nossa incapacidade para nos occuparmos de tão vasto assumpto.

E assim é que apresentamos aos leitores o soneto intitulado «Passeio» do Sr. Julio Olympio, poeta que não temos o prazer de conhecer, mas que se fez ouvir do alto das columnas de honra da «Pacotilha», toda ha bem pouco tempo.

El-o:

Não sei que vaga e delicada borboleta
Ao recostar-se a essa folha agora,
Vilas em vulto sobre o campo d'um tempo
Nessa harmonia singeira e sonora.

Eu sou a borboleta desolada
Murmurando todo o desolamento
Tinha no teu a vista desolada
E havia um choro no rumor do vento.

Não paramos de subito, ao meu lado
Tu a olhar-me tremulo, offegante,
E eu a ficar-me tremulo e calado.

Por fim chegamos, tacha os braços cheios
De um vago aroma calido, vibrante
Da tepida brancura dos teus seios...

Incontestavelmente o Sr. Julio Olympio, comprou um livro de poesias de Olavo Bilac, leu-o, arrebatou-se nos acordes da lyra do burilador do verso; extasiou-se no conjunto d'aquellas melodiosas phrases, ora a cascadearem nas margens tranquilas d'um ribeiro, ora como perolas caindo n'uma bacia de prata, sentio-se embriagado, mas n'uma embriaguez suavissima e povoada de sonhos que elle tambem sentia a povoar-lhe o coração! E, moço (pois julgamos que o Sr. Olympio, seja moço) em pleno entusiasmo d'uma paixão ardente, porque poeta, não d'esses poetas d'outra idade, de cabellos a Nazareno e fronte sonhadora, mas d'esses novos filhos da muza, de bigode retorcido e flor na boutonniere do fato claro, disse com-sigo mesmo:—Esta gravata que trago no pescoço e que comprei na Alfaiataria Teixeira, não será minha por acaso? De certo que sim! Por tanto, posso fazer d'ella o uso que entender, dal-a mesmo si isso me aprouver!—

E pensando d'este modo, concluiu:—Comprei o livro de poesias de Olavo Bilac e posso fazer d'elle o que bem entender e lá vai olha: Traz-zás e eis um soneto prompto da genuina lavra de Bilac, com um novo titulo e a nova assignatura do magistral poeta Julio Olympio!!

E hão de dizer que estamos inventando cousas do arco da velha, que a culpa cabe ao Bilac que se aproveitou do soneto do Sr. Julio para fazer outros tantos sonetos e não que foi o Sr. Julio que resumio uma boa parte dos sonetos do Olavo, em um só passacio que fez pela Via-lactea e Sarças de fogo...

O Sr. Julio, inverte a ordem dos factores e com tal pericia poetica, que não alte-

ra o valor do producto; vejamos por exemplo o soneto de Bilac—«Nel mezzo del Camin»...

... «préa à minha
A tua mão, a vista desolada»

e agora o Sr. Julio:

«Tinha na tua a vista desolada»

Ainda no mesmo soneto de Bilac, lê-se:

«E paramos de subito, na estrada»

e o Sr. Julio:

«Nós paramos de subito, ao meu lado»

N'um outro soneto de Bilac, lê-se:

«E havia um choro no rumor do vento»...

e agora o Sr. Julio:

«E havia um choro no rumor do vento»

Como os leitores veem, isto nem é plagio, nem imitação, porem uma copia verdadeira!

No ultimo terceto do «Passeio» do Sr. Julio Olympio, é que achamos mais pericia poetica e mais arte de fazer do alheio seu!

El-o:

Por fim chegamos, tacha os braços cheios
De um vago aroma calido, vibrante
Da tepida brancura dos teus seios...

leio agora o do Bilac:

E os seus se estendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
Do um torbellino de braços e de seios...

Incontestavelmente ha em tudo isto, os nomes de dois poetas distinctos, mas o d'um só verdadeiro!...

O primeiro quarteto do soneto do Sr. Julio Olympio, temos a lembrança d'o já terido, assignado por uma outra victima do Sr. Julio, cujo nome se nos escapa agora da memoria.

D'esta maneira, tendo a commercial casa poetica do Sr. Julio Olympio, tão diminuto activo e tão vasto passivo, nós o

aconselhámos que reuna os seus credores e requiera a sua fallencia poetica, antes que o prejuizo seja maior.

Para tirarmos esta má impressão dos leitores, vamos lhes offerecer um sublime soneto de Carlos Rego, digno de figurar com as produções dos nossos melhores poetas brasileiros.

El-o:

O beijo do mar

La nas ondas que o sol morrendo doera,
Nem ultimo lampião, favela, queite,
Esvaziadas as areias resplandecentes
Da longa e basta cabeleira loira;

La parece que o mar, nam beijo ardente,
Sorvendo vai o sol, voluptuoso,
Como quem quer saborear o gozo,
Submerso e demoralmente.

Tudo é assim na vida: elles se amam,
Amor se crece, flor, amor se chama;
Tudo os dias lá se vão beijar.

E elles se beijam, flor, ha um tempo infinito!
E não... e não... como o teu rosto é flido!
Ah! se fosses o sol, e eu fosse o mar.

Enquanto no Maranhão houver poetas que escrevam sonetos do valor poetico do que vimos de citar, o nome da velha Athenas, embora decalado, ha-de ser respeitado em toda parte onde se cultivar a litteratura.

LITTERATURA

Canudos

O que se ha passado nessa localidade e n'outras, suas adjacentes, isto é—mortandade, desgraças—não me parece conciliar-se com a razão e a que espontaneamente se nos rebenta, e as noções hodiernas das salutaras praticas sociais.

Quer, perante a razão, que nos determine acatamento á existencia dos seres nossos semelhantes, quer, perante a norma de conducta estabelecida, na grande convenção, firmada em respeito aos sacrosantos principios do altruismo,—tornam-se repugnantes taes acontecimentos.

Defenda quem quizer as leis barbaras, anti-philosophicas, do direito da força, em tola a sua plenitude, que eu me encorpo-ro, humildemente, aos sentimentalistas, visionarios—como queiram—mas obedi-entes, pelo coração, pelos sentimentos que se apartam da individualidade propria e se afeioam aos generosos principios da co-operação mutua e da solidariedade hu-mana.

Rendendo homenagem sincera a estes principios, evidentemente salutaros e bel-los, eu me entristeco de veras, deplorando muito do intimo as hecatombes que no solo brasileiro se estão verificando, não se diga que promovidas por homens contra homens, mas por irmãos contra irmãos!

Eu não me proponho a entrar na apre-ciação dos motivos que militaram, ou ain-da militam, para que se affirme, ou não, que o conflicto que explodiu, podesse ser evitado ou resolvido pelas partes contenden-tes por meio differente do que lançaram mãos; nem, ao traçar estas linhas, dehei e ligeiramente, occorreu-me o menor pensamento de militar seitas, religião, autoridades—a quem quer que seja.

Longe vai disto o meu proposito.—Apenas se me offerece o ensejo de regis-trar os effeitos calamitosos d'um infeliz ideal, brotado nas primitivas eras, e ainda hoje seguido pela humanidade, ou seja in-dividualmente manifestado, ou seja na ag-gregação d'uma seita, d'uma associação religiosa, d'uma organização governamental qualquer. Para a vida individual—d'um ho-mem, d'uma destas aggregrações, em res-pectos aos direitos divinos ou temporais, são postos, antes de tudo, em jogo aquelles ideaes, vindos da barbaria, com o seu fundo de ferocidade.

De modo que, muitas vezes, um intui-to reconhecidamente generoso, torna-se prejudicado, e nullo.

Absortos, no pensamento de tão de-sastrosas praticas, pareço-lhes baldada, em pendencias de maior valia, a applica-ção de outros meios que não sejam o que vem do ensinamento rebentado em epo-chas que a experiencia não nos havia feito comprehender que assiste-nos todos os di-reitos e deveres para a vida em socieda-de.

E, si assim é, como impor-se o amor pelo odio, o direito pela força, a paz pela guerra—a vida pela morte?!

Eu bem sei que para rebater a doutri-na que apresento com estas interrogações, ha por ahí, dizem, valiosos antagonis-mos.

Mas, como quer que seja, apresentam-do exemplos palpitanes, com os succes-sos lamentaveis de Canudos, assiste-me, pelo menos, o direito de cogitar no effeito pernicioso para a humanidade da rotina porque esta segue, ou seja impellida pela sua condição virtualmente feroz, ou, o que mais lamentavel se torna, pelo apego, des-cuidoso, ás concepções dos seus antepas-sados.

AUGUSTO BRITTO.

Campânula

Lembro-me, como si fôra hoje, minha cara Judith, contemplavamos ambas o for-moso luar, sentadas em um banco no jar-dim, para mim desconhecido, e que coin-cidência, a 23 de Novembro, cujo era o dia do teu anniversário.

Activa, vagueava a formosa e branca deusa da noite por sobre as nuvens erran-tes no seu azul lo manto bordado de es-trellas, umas vivas e scintillantes, outras quasi imperceptiveis.

A pouca distancia, visivel de nós, cor-ria mansa e subtilmente n'um pequeno re-gato com suave murmúrio uma agua lim-pida cujas pequeninas on-las brilhavam aos brandos raios da lua; aqui e acolá nas margens verde-negro faiscavam lindos py-rilampos.

Ciciava a fresca brisa entre as folha-gens, trazendo-nos doces perfumes das flores, e de quando em quando sentiamos exibir-nos sobre a fronte uma gotta de orvalho.

Multas, contemplavamos a natureza bo-quialberta por tantas bellezas, e fitavamos com admiração o firmamento.—Assim per-mancecíamos horas infinitas, si não fosse-mos despertadas por uma voz de mulher, fraca e ao mesmo tempo terna, que assim fallava:

To, oh! minha lua, seras a minha con-fidante, vou contar-te o meu segredo, que

só tu, minha unica companheira, o sabê-rás, occultando-o mesmo ás brilhantes es-trellas que te cercam, óuve...

Ea... também fui jovem e bella, de fa-ces rosadas e pelle leve e fina, tive como as outras meus sonhos dourados e ver-bozas esperanças, boa e casta fui sempre o idolo de uma mãe adoravel que me idolatrava mais do que tudo na vida, também corri descuidosa pelos campos, colhi-to violen-tas e perseguindo as fazeis mariposadas; ah!... durou tão pouco essa felicidade... (a voz estremeceu, e, quasi que soluçante, tornou ainda mais fraca)...

Um dia, tremendo e fatal, chamou Denc para junto de si minha mãe, e com ella foram-se todos os meus sonhos, espe-ranças e alegrias, os meus olhos jamais seccaram!...

Em uma noite, bella como esta, foste testemunha, lembra-te?—eu, triste e pen-sativa, contemplava-te, quando vi para mim dirigir-se uma encantadora donzella vestida de branco e azul, pegou-me de for-na nas mãos indagando da minha tristeza, e eu contei-lhe a minha infeliz historia.

Acariciou-me ella os cabellos e per-guntou-me—queres ser uma flor? Eu sou a rainha de todas ellas, vé! disse-me, apen-tando a variada grinalda que lhe cingia a fronte!

Enlevada, respondi resolutamente, sim.

Pois bem, tornou ella, serás uma boni-ta flor azul e branca, como ora estás, e co-mo, alegrarás os prados, os jardins e os cam-pos, e chamar-te-has «Campânula». Nin-guem ousará tocar-te, porque, colhida, ter-ão logo o dissabor de te verem murcha e descora-fa, tal será a tua delicadeza.

E de repente transformei-me n'esta mimosa flor que aqui ves, e que se abre ao romper da aurora. Eis ali o meu se-gredo!

Nisto acordei; foi este um dos meus melhores sonhos.

8 Agosto—1897.

Laura Rosa.

Lenita

A Abeylard Mattos.

Lenita, a pobre rapariga dos vinte annos, cada vez mais pensativa, cada vez mais triste arreitava-se de todos porque o desgosto e o tedio lhe invadiam a alma.

Outra mais bella, talvez mais nobre e mais rica conquistara o amor do seu amante.

Hontem pensava em viver para elle, hoje, em morrer por elle.

Pobre rapariga; cada vez mais pensa-tiva, cada vez mais triste arreitava-se de todos porque o desgosto e o tedio lhe invadiam a alma.

Um dia, ce-lo ainda, quando as aves deixam o nido cantando os arreboes e a luz vem espalhando em clarões de festas, Lenita recostava-se á sombra do arvoredo, bella como nunca, formosa como ella, to-la de branco, cabellos soltos, a olhar para o ho-rizonte, olhar amoroso e calmo, era Silvia, acastal grega, pallida e diaphana, recostada á borda da cisterna bebendo ao longe a im-mensidade.

Foi nesse momento de extasi univer-sal, nesse encantamento da natureza, que Lenita, n'um magno e d'avo de ternura, ou-vio pela primeira vez as flores e fallou com ellas.

Estes acontecimentos irreductíveis evidenciavam-se com a atroz notícia que nos chegou da cessação da vida do Genio portento, que tanto soube glorificar-se, como a sua patria glorificou, a ella—mãe amargurada, que, n'um pensamento angustioso, deplora a perda immensa que acaba de suportar.

Elle, esse artista Rei, era um Deus das harmonias e dos sentimentos: com os seus effluvios divinos arrebatavam-nos a alma e a imaginação. Astro luminoso, collocado em esphera superior, expargia luz benéfica, esplendorosa e suavissima,—luz que se tornava n'um bálsamo santo, n'um conforto insuperável aos dissabores repartido a humanidade. E, para gloria nossa, havia esse astro surgido na nossa patria, que, portanto, era também sua, e que elle amava com os ardores dos grandes e puros affectos.

Era d'ella—da nossa patria querida—era d'aqui que partiam os seus raios de grandeza e de sublimidade,—raios que alem se iam estender.

E, nós, brasileiros, nós que tivemos o berço no paiz onde teve também o seu esse artista Rei, esse Deus das harmonias, teríamos sido para com elle generosos? Pouco, talvez, o que tenho como procedimento criminoso.

Mas, si houve algum descuido de cumprimento de dever, outr'ora, ao tempo, que do luminoso astro brotavam, com vida propria, torrentes de harmonias, vibrantes e arrebatadoras,—hoje, que, materialmente, desapareceu elle de junto de nós, mas que jamais isto succederá do nosso pensamento—porque os Deuses e os Genios não morrem nunca—, hoje, de norte ao sul, é assás reconhecida a perda enorme que sofremos, e o muito que elle merecia,—motivo pelo qual, abalados profundamente por tão lamentavel acontecimento, tributamos as homenagens respeitadas, a que tem incontestavel direito a memoria do grande vulto, cujo nome encima estas singelas e humildes linhas.

AUGUSTO BRITTO.

Gloria in excelsis...

Em mevens de ouro e púrpura levado
Ao céu da Gloria e da Immortalidade,
Ele partiu—o Genio sublimado—
Pra as regiões fétas da Eternidade.

Mesmoando o seu corpo inualizado
Entre as plúgias tristes da saudade,
A sua alma de artista consumado
Ha de viver eternamente, ha de...

Não morre o Genio! E o portento mestre
Como o bruto eterno da estatu espostre
Realidade da longa sua ventura.

E entre os seus das lendas immortaes,
No regio Pastheon dos grandes nomes,
Ha de se erguer um throno a Carlos Gomes!

OSCAR D'ALVA.

Carlos Gomes

Brasileiro. Mas neste momento não é somente o Brasil que chora doloridamente a morte do genial artista: não é somente a nacionalidade brasileira que traja de luto.

O mundo inteiro—a humanidade—deplora angustiosa a ausencia do maestro—ausencia eterna para a patria eterna.

E que, como já disse alguém, o genio não tem nacionalidade. E Carlos Gomes era um genio não ha negal-o.

Genio sublimado que concebeu as obras primas, Guarany, Foscá, Gondor, Schiavo,—sagrado penhor legado ao mundo.

Em vida teve todas as alegrias da gloria, todos os applausos do triumpho, mas também soffreu não raras vezes a raiva da inveja indomável de inimigos perversos.

Mas nem as alegrias do triumpho fizeram-n'o valdoso; nem as cicatrizes da inveja um fraco.

Depois de morto é apothosado, sagrado rei, rei divino da harmonia.

Feliz que foste, aliceravel patricio, mestre sublime!

Depois da glorificação que te fez o Pará, o Pará que te acolheu hospitaleiro e que guarda com orgulho o teu ultimo suspiro e que recorda contristado o teu ultimo olhar agonizante; depois da tua glorificação no Norte; S. Paulo, o teu Estado natal, reclama, em nome de Campinas—o teu berço glorioso, reclama os teus santos despojos. Alem de ter sido o teu berço quer ser o teu túmulo.

Nada mais justo que essa aspiração de teos irmãos.

E o Maranhão, que em vida apenas te sabia repetir o nome sagrado, o Maranhão, que não teve uma salvação para ti, quando ainda sentias palpar dentro do peito o coração, quando ainda te surgiam a mente as grandes idéas que traduzias na poesia cantando dos accordes do Maranhão, que, ao te ver passar ainda ha um anno para o sul, deixou-se ficar em criminosa apothia, concorrendo apenas para aliviar-te em adoração, à bordo do navio que te conduzia, dous unicos moços, almas entusiastas onde scintilla ardente o sentimento do Bello; o Maranhão quer hoje redimir-se dessa grande, dessa immensa culpa e verdadeiramente commovido, em pesado luto te offerece esta polyanthes, onde deixa extravassar toda a agonia pungente que lhe assoberta a alma.

O Maranhão vem pagar-te o tributo de dor, chorando lagrimas ardentes de profunda saudade sobre o athaude que te conserva o corpo.

Que essas lagrimas sejam outras tantas flores, as flores da nossa dor, a te aareolarem a fronte palli da morte.

Maestro! A morte arrebatou-te a existencia, mas o teu nome será eternamente vivo, junto a nós.

«O que separa é o esquecimento e nunca poderemos esquecer-te.

Enquanto palpitar um coração brasileiro, terás nesse coração um altar; enquanto não se extinguir o ultimo acorde da ultima harmonia, teu nome será lembrado com saudade.

E quando nos vierem dizer que definhamos e quando nos repetirem que o Brazil decabe, nós responderemos altivos invocando o teu nome que valle um seculo de artistas.

Outubro—96. ALCIDES PEREIRA.

Carlos Gomes

Está de luto a patria brasileira. Acaba de desaparecer nas profundezas do túmulo o unico genio musical que o Brasil tem produzido: o grande Carlos Gomes.

Triste fatalidade!

O infortunio persegue atrozmente o Brazil. Alem do estado precario de suas finanças, do descredito em que cahimos, de todas as calamidades que atravessamos, ainda mais veio amargar o coração da patria a perda irreparavel do immortal maestro, uma das maiores glorias do Brazil. Carlos Gomes tem sido pranteado pelo mundo inteiro! Seu nome é conhecido até o orbis, pelas admiráveis composições de seu genio. Quem não fica extasiado ao ou-

vir os arrebatadores trechos do Guarany, da Foscá, do Salvador Rosa e todas as outras bellissimas composições do maestro, apreciadas em todos os theatros lyricos do mundo!

O Pará teve a triste gloria de assistir aos ultimos momentos do grande homem, fazendo-lhe uma apothese brilhante e que tanto tem recommendado o nome paraense ao reconhecimento de todos os brasileiros. E que o Pará soube comprehender, que o genio não tem patria é cosmopolita. O genio é como o sol em toda a parte derrama a luz.

O Pará, fazendo as manifestações pompas de pesar pelo fallecimento de Carlos Gomes, consubstanciou o pensamento de todos os brasileiros, dando às nações cultas uma prova eloquente de que o Brasil não é indifferente aos filhos que elevão e engrandecem a patria, tornando-a conhecida por seu talento privilegiado. Foi imponente a apothese que fez o Pará.

Todos devemos louvar seu nobre procedimento. Não somos d'aquelles que pensão ser, o homem que a patria acaba de perder, um individuo vulgar: não, elle representa no mundo das bellas artes a nome brasileiro, dando-lhe o brilho e esplendor que emanão dos genios. Quem não se sentirá orgulhoso ao ver applaudir as maravilhosas composições do nosso grande compatriota?

E' preciso que o sentimento nacional esteja de todo amorticido em nossos corações, para achar exaggerado o que se tem feito em honra à memoria de Carlos Gomes. Si a patria não soube apreciar tantos filhos illustres como Rio Branco, Zacharias de Goes e Vasconcellos, Cotegipe e muitos outros, na altura de seus merecimentos, pode-se, por isso, censurar ou até taxar de excessiva a manifestação justa que se tem feito ao unico compositor notavel que o Brasil tem tido? Não. Carlos Gomes é grande por si, não pelo juizo que d'elle se possa formar. Bastava ter nascido em nosso paiz para nos mostrarmos ufanosos em tel-o como patricio. Nós, maranhenses, fazendo parte também da nacionalidade brasileira, não podemos ficar indifferentes ao justo preito de homenagem que a patria consagra ao egregio maestro, gloria immorredora das bellas artes, cujo cultivo tanto elevou seu nome.

A alma nacional ainda sente o duro golpe que acaba de soffrer, com o passamento do illustre maestro. O coração da patria ainda sangra, pela ferida profunda que lhe foi recentemente feita pelo punhal da implacavel Morte. Associando-nos ao pesar intenso que tão profundamente afflige o Brasil inteiro, juntamos nossas lagrimas ás dos nossos compatriotas e deponemos também uma coroa de saudades e, respeitosos curvamos-nos ante o athaude que encerra os gloriosos despojos do pranteado genio que acabamos de ver sumir-se nas sombras da eternidade e que no seio da communhão humana se chamou CARLOS GOMES.

A. M.

EXPEDIENTE

A—Revista Elegante deixando de sair no ultimo dia do mez que findou, o fez propositalmente para consagrar este numero ao glorioso maestro das duas americanas no dia em que se celebram no Maranhão as exequias pelo seu passamento.

NAVALHAS DE BARBA

Artigo de completa novidade n'este mercado

Com estas navalhas de um systema inteiramente moderno, alem de se poder fazer a barba com a terça parte do tempo empregado nas do systema antigo, não ha possibilidade de se dar um golpe.

Elegantes, solidas, duradouras e portateis

Cada navalha é acomodada n'uma pequena caixa.

ACCESSORIOS: aparelhos automaticos para assentar, assentadores, laminas de sobrecelente e pinceis.

PEARS

Sabonetes perfumados a 435000.

10:000

O par de meias de seda.

33:000

A duzia de pares de meias de fio da Escocia, pretas, pretas com bordados a seda de cor e listradas em fundo preto.

COLUMBIA

Constante deposito d'estas machinas de costura.

CROWN

Perfumadores de aposentos 62000.

-DAVIS-

Unicos agentes e unico deposito d'estas maravilhosas machinas.

73:000

Uma machina de costura Singer de mão.

CHAPEUS DE SOL

Recentemente despachados, com cabos de marfim e madeira em diversos feitios, cobertos de seda preta.

BENGALAS

Constante sortimento d'este artigo.

CINTOS

Grande variedade 53, 66, 83 e 103000.

BOSTOCK

Grande sortimento de burzains de poldro, botinas e sapatos de poldro e com gaspas de verniz, para todas as punctuações.

CHAPEUS

Nova remessa de chapéus de feltro duros, sem forro e forrados a seda branca e cortiça.

NEW-HOME

Deposito permanente d'estas machinas.

CROWN

1.ª perfumaria Inglesa

Grande variedade de extractos d'esta famosa perfumista.

A DESPACHAR

400--duzias de collarinhos 50--duzias de pares de punhos

1000--gravatas em feitios e gostos, inteiramente modernos.

peitinhos, camisas com peito de linho, ceroulas de fustão, camisolas e camisas de algodão (artigo fino.)

Não temos a menor educação physica; a raça deinha empobrecida, n'uma triste fraqueza de musculos e n'uma atrophía crescente de membros. Crianças pallidas, anemicas, franzinas passam o dia inteiro na escola n'um estudo constante, sem repouso e sem recreio.

As mães de familia (ellas que nos perdoem esta verdade) não procuram na sciencia meios de melhorar as condições vitaes dos pequeninos seres,—esperança d'esta patria. Confiam demasiadamente na natureza a qual deixam agir livremente.

Não temos mais uma unica sociedade de dança; a ultima que se fundou entre nós, o Familienlag provocou-nos ainda suas lesões. Não temos um passeio, um ponto de reunião onde os habitantes d'esta ilha possam espalheirar, distrair-se da enfadonha insipidez que nos assoberba.

Não temos a projectada villa balnearia; nem d'ella mais se falla. Cuido no esquecimento, depois de se haver gasto algum dinheiro; depois de se haver dado o primeiro passo para tornar uma realidade essa util aspiração.

Nem pôde a gente ir alli ao Cutim—unico refugio que nos resta. A companhia Ferro-Carril manda-nos uns bonos arruinados a correrem por sobre velhos trilhos, dando-nos solavancos medonhos. Não tem horario! A locomotiva, que da Estação nos transporta ao Cutim, enche-nos de fumaça e jogamos fagulhas, alem de nos ensurdecer de apitos.

Não temos Theatro. O nosso S. Luiz, velho, reclamando serios e urgentes concertos, jaz fechado ha muito.

Não temos Sport. O nosso prado, alli ao Caminho Grande tem já a configuração de um lugubre esqueleto.

—O Maranhão que outr'ora vio-se aureolado com o nome glorioso de Athenas, hoje vive dessa tradição.

Não temos um jornal litterario, a não ser esta pequenina revista mensal que o Teixeira tem mantido á custa de serios esforços. A Philomathia, creada e mantida por moços distinctos e laboriosos, finou-se diante da indifferença do nosso publico. Não temos um centro, uma sociedade litteraria. Não temos ha muito um livro. O ultimo folheto que lemos, aqui da terra, foi a interessante comedia de Americo Azevedo—Um par de commendadores. O Azevedo arrosta impavido a indifferença popular e vai proseguindo corajoso a sua gloriosa jornada litteraria. Oxalá todos os que estudam e pensam, procurassem imitar o Americo.

Não temos uma unica revista scientifica. Não temos uma polyclinica; não temos um Instituto de Advogados.

Não temos um lyceu de Artes e Officios. O que se nos prometteu, parece ficará em projecto.

—Já nem temos caridade.

Mandamos os loucos para a cadeia, como se a casa de correição fosse um hospital! Não se lhes ministra tratamento algum!

Todos os dias o obituario registra casos de individuos que succumbiram sem assistencia medica;—necessitamos de assistencia publica. Deveramos ter um medico pago pelo municipio para socorrer a pobreza.

—O que temos é politica; muita politica. Politica nas repartições publicas, nas praças, nas ruas, nas lojas; politica no almoço, no jantar e á ceia; politica desde o amanhecer até ao toque das nove horas nos quartéis, que é quando vamos todos dormir, deixando a cidade deserta e muda.

Tal o estado da nossa terra, que ainda financeiramente vae mal, que industrialmente vae peor; que commercialmente atravessa medonha crise e que não mais tem agricultura!

—Desviaram-nos essas considerações do nosso objectivo. O nosso fim é seleccionar, dos 31 dias de Outubro, os acontecimentos principais e relatar-os ao leitor.

O dia 12 de Outubro, consagrado pelo governo a commemoração do descobrimento da America, foi apenas assignalado entre nós pela illuminação dos edificios publicos e pela saudação harmoniosa do hymno nacional. O povo limitou-se a ir, modestamente, á noite, ver a illuminação e ouvir a musica.

—A missa por Carlos Gomes esteve imponentissima. Quando sobre o catafalco foi collocado o retrato do Immortal Maestro, a multidão que enchia o Carmo deixou patente a commoção dolorosa que experimentou.

—Pretendem alguns moços adquirir um retrato de Carlos Gomes para ser collocado no salão de honra do nosso Theatro. Somos da commissão e pois apenas diremos que o publico nos deve auxiliar para realisação d'essa homenagem ao querido Maestro.

—Fundou-se n'esta capital uma sociedade anonyma—Gaz incandescente. A accelleração que teve a nova empreza é motivo bastante poderoso para contar-se com feliz exito. E' o que desejamos.

O nosso contrerroneo Pedro Mello, um moço trabalhador e intelligente, é o introductor do novo aparelho.

Diversas casas particulares têm já as lampadas destinadas a produzir o Gaz incandescente.

E' de crer que dentro em breve a illuminação publica tão mal, esteja substituida pela brilhante luz incandescente. Assim seja.

—Deram os jornaes diarios a grata noticia de que a Alfandega tivera ordem de entregar ao nosso Thesouro a quantia de 38 contos e tantos mil réis para ser applicado em despesas com a emigração. Apesar da exiguidade da quantia, folgamos com essa noticia e esperamos que se de logo começo a esse trabalho, a ver se é possível finalmente conseguir a tão almejada colonisação. Todo o cuidado na escolha do pessoal que temos de importar; eis tudo.

—De volta dos trabalhos parlamentares, achase entre nós o illustre senador por este Estado, Dr. Benedito Leite. Seus amigos receberam-no festivamente.

—Realizou-se a 28 o casamento do Governador do Estado, Capitão Tenente Manoel Ignacio Belfort Vieira com a Exma. Sra. D. Carolina Amancia Moreira de Souza.

A cerimonia religiosa que teve lugar no templo de S. Antonio esteve imponentissima. Nossos parabens aos recém-casados.

—De modo assustador tem descido o cambio. Está a 7 3/4. E dizem ainda que isto não é banca-rola!

—A Companhia Ferro-Carril está substituido os trilhos da rua Grande. Tão moroso vai o serviço, que cremos não será concluido n'este fim de seculo!

—Trava-se amanhã n'esta capital um spleito gigante.—Os municipes tem de eleger os poderes—legislativo e executivo do municipio.

Que a escola receia em cidadãos prestimosos e dignos são os nossos sinceros desejos.

A. P.

—E termina a chronica.
31 de Outubro de 1896.

HIGH-LIFE

Fazem annos no seio de Novembro faustos.

Em 1—na exma. srta. d. Rosa Augusta de Maciel Brito, prezada irmã do nosso distincto amigo e collaborador Augusto Brito, Zenaide L. Gaudêncio Moreira, digna consorte do sr. coronel Alexandre Collares Moreira Junior, os srs. tenentes coronel Alfredo Nicolas dos Santos e Bernardino José Mala;

Em 4—o sr. capitão José da Silva Sardinha;
Em 5—o sr. Manuel José de Azevedo Almeida;
Em 6—na exma. srta. d. Joaquim Miranda, digna esposa do sr. major Francisco da Silva Miranda e Mathilde Leopoldina Maya, e o sr. José da Silva Rodrigues;
Em 7—na exma. srta. d. Antonia Barreto da Costa Rodrigues, a mezinha Amestilda filha do sr. Alfonso Pinho e o sr. capitão Antonio Raymundo Bello;

Em 8—na exma. srta. d. Benedita S. Campos Costa, Francisca de Souza e Silva, esposa do sr. Alfredo Gonçalves dos Santos Silva e o sr. José Gonçalves Machado;

Em 9—o sr. Eduardo de Almeida Lopes;
Em 10—o sr. dr. Antonio B. Bastos de Góes;

Em 11—na exma. srta. d. Filomena Pereira Guterres, Joseph Guterres de Almeida e Isabel de Menezes Pinho, esposa do sr. José de Sant'Anna Pinho, os srs. Benjamin Rodrigues de Mello, Antonio Pires da Fonseca e Sebastião C. de Faria;
Em 12—os srs. Filomeno Lebre e Joaquim Mariano de Azevedo Perdigão;

Em 13—na exma. srta. d. Sophia Emilia de Almeida Pereira, digna consorte do tenente Arthur Eduardo Pereira;

Em 14—na exma. srta. d. Benedita Fernandes, Silvia Miranda, Filomena Vieira da Silva Goyos e Francisca Ruyro, o sr. Eduardo de Magalhães Salles e o mezinha Dary Filho do sr. Arraio Tavares;

Em 15—na exma. srta. d. Sarah Ribeiro, os srs. Joaquim Simpliciano Nunes Lisboa, Altino Quirino de Moraes Rego e a mezinha Helena, prezada filha do sr. Geraldo Pereira de Oliveira;

Em 16—na exma. srta. d. Augusta Borlo de Castro;

Em 17—na exma. srta. d. Maria Amelia Coelho, Esther Ribeiro da Costa e Maria José Lopes, o sr. Raymundo Honório do Lago Parga e o mezinha Ildi Filho do sr. João Hilário Cardoso;

Em 18—na exma. srta. d. Corina Lopes Leite, digna consorte do sr. Alberto de Castro Leite e o sr. major Pedro Freire;

Em 19—na exma. srta. d. Hecemegilda Jansen Pereira, virtuosa esposa do sr. dr. Antonio J. de Mattos Pereira, o mezinha Hedyr Filho do sr. Francisco Postans e o sr. Horacio Anselmo;

Em 20—na exma. srta. d. Hermilina Rosa, Antonia Costa Lobos, Hedyr d'Oliveira e Souza e Hermilina Lopes, e o sr. Luiz Almeida;

Em 21—na exma. srta. d. Victoria da Serra Gandra, digna consorte do sr. Lino de Castro Gandra, Victoria da Serra Santos e Christina da Serra Santos, filhas do capitão Adriano Pedro dos Santos e o sr. Elmi Fróis;

Em 22—na exma. srta. d. Eugenia Leanne de Vilhena Fernandes, virtuosa consorte do sr. José Rodrigues Fernandes e Belarmina Zaida da Silva Ribeiro, os srs. dr. José da Silva Sardinha e Joaquim Alves Junior;

Em 23—na exma. srta. d. Eliza Story, os srs. Alberto de Castro Leite e João Fernandes Marques;

Em 24—na exma. srta. d. Luiza Soares Pereira e João Vieira da Cruz;

Em 25—na exma. srta. d. Marianna Anselma de Souza e o sr. Benjamin Freitas;

Em 26—na exma. srta. d. Alexandrina Victoria Costa Lobos, digna consorte do sr. Antonio Costa Lobos;

Em 27—na exma. srta. d. Adriana da Cunha Lobos e Perolina Smith, a interessada mezinha Bertha dilecta filha do nosso particular amigo e genro, Alfredo Pinto Teixeira e o sr. José Custodio da Silva Guimarães;

Em 28—na exma. srta. d. Guilhermina Adelaide de Almeida e Maria Lúcia Alvim Nina, virtuosa esposa do sr. Alvaro Nina, os srs. João Gonçalves Machado, José Barbosa de Andrade e Augusto Ayres da Silva e o mezinha Antonio Filho do sr. Manoel Moreira Pinho;

Em 29—na exma. srta. d. Elvira Moreira e Anna S. Ribeiro;

Em 30—o sr. capitão Carlos Antonio Gomes.

EXPEDIENTE

Temos sobre a mesa de nossa escriptoria, o descobrimento da America e do Brazil por Castello Branco, trabalho de muito valor pelos abundantes detalhes e documentos historicos de que o seu autor se serve para evidenciar os factos de que trata a referida obra.

Aquelle que se dedica ao estudo historico do nosso País e mais ainda da exatidão da sua descoberta, não o recomendaríamos como officina sem indifferença.

—Do dr. Pedro Nogueira Leal, o velho mestre, pouco mais além da linha do interior, recebemos um exemplar de Lexicographia, trabalho sciencico e que requererá a lingua vernacula, para cuja engrandecimento muito tem cooperado o illustre Professor.

Sentimos muito que ainda o nosso jornal pequeno, não tenhamos espaço necessario para especificar convenientemente as duas obras litterarias que haurem actualmente o nosso escriptorio.

Publicados, leremos aos seus leitores a fôrça com que nos distinguem, louvamos os seus valores e a fôrça com que produzem o

GRAVATAS

Grande e variada collecção d'este artigo, salientando-se as novas gravatas—L'economique—ultima novidade no genero.

30:000

Um par de sapatos—Bostock—de verniz ou de couro de poldro.

123:000

Uma machina de costura—DAVIS—, a unica de alimentação vertical, cosendo sem dentes.

REAL HOUBIGANT

O vidro..... 154000.

CAMISAS

de meia—artigo muito fino—a duzia a 605000.

GUERLAIN

Nova remessa de extractos d'este famoso perfumista—o vidro 84000.

CAMISOLAS

de lã—artigo especial—a 102000.

CEROULAS

de lustrão, recentemente despendidas.

CARTEIRAS

para dinheiro, fumo e viagem—a R. 10, 12, e 154000.

73:000

Uma machina de mao, garantida.

CHAPEUS

de feltro, pretos e de cor, duros e molles a 15:, 18: e 20:000

PERFUMADORES

de aposentos—o vidro a 154000.

PREGADORES

de gravatas—a 14500 e 28000.

SUSPENSORIOS

hygienicos d'algodão—a 5800 e 72000.

HOUBIGANT

Perfumaria de Houbigant—extractos, aguas de toilette, sabonetes, pós de arroz etc., etc. em constante sortimento.

COLLARINHOS

e punhos—surprehendente sortimento d'este artigo, em todas as punctuações e feitios—gostos inteiramente novos.

CAMISAS

brancas com polka, e pretas com bordado, recentemente despendidas.

PEITILHOS

Nova remessa de peitilhos em gostos e feitios inteiramente modernos.

BOTINAS

de Bostock—com corpo de pelica e gapeadas de poldro e de verniz.

GRAXA

preta Bostock—o vidro 14300.

PERFUMARIA

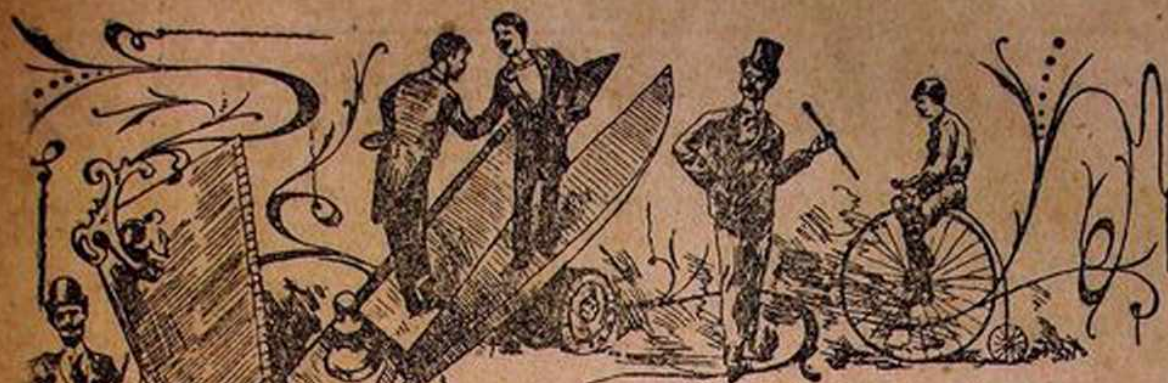
Roger & Gallet—Em ricos, excepto proprios para mim—objecto de luxo.

MACHINAS

de costura—constante deposito de machinas de costura de todos os fabricantes.

CASEMIRAS

Constante sortimento de casemiras de lan, preta, azul e de cor, proprias para fatos de cerimonia, meia-ceremonia e phantasia.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V || Maranhão, 30 de Novembro de 1896 || NUMERO 54

REVISTA ELEGANTE

A situação

Esta «Revista» se tem occupado repetidas vezes sobre a situação actual do Maranhão, uns insistindo cheios de convicção que tudo vai bem, tudo progride, outros em afirmar que tudo vai mal, tudo se desmorona, que não temos progresso nem adiantamento algum digno de reparo.

Qual, pois, o que tem razão?

Examinemos. Saíamos a percorrer algumas ruas da cidade e vejamos que de atrazo, que de monotonia existe em todas ellas. Procuremos o theatro, os bailes, os cafés, nada d'isso existe em proporção a uma cidade adiantada.

O velho S. Luiz está fechado, só se abre de longe em longe, recebendo um publico exigente que reclama boas emprezas lyricas, dramaticas ou de operetas, sem lhes dar o verdadeiro apoio, isto é, sem corresponder as despesas que estas são obrigadas a fazer com seus artistas.

Clubs de bailes não existem nenhuns porque está comprovado não se podem sustentar alem de um ou dois mezes devido não só ao estado precario de que todos se queixam, como da falta de constancia dos que os podem manter. Cafés, botecos, ve-se alguns, mas n'esses, quasi sempre invade tal frieza que causa do.

Quer de dia, quer de noite, a cidade é triste; reflecta a vista de todos o constrangimento de um povo opprimido. No bairro commercial, que deve ser o centro da actividade, nota-se tão extraordinario esvaziamento que contrista o espirito mais indifferente, mais alienado nos interesses de prosperidade. O sol do dia, bate em cheio nas arvores que espremeiam a sombra de suas folhas por sobre as pedras das calça-

das e que, como boas amigas que são, vêm dar abrigo às carroças e carroceiros estendidos pelo chão n'uma inercia estúpida. Em certos dias, a voz do leiloeiro vem cortar por instante a monotonia d'esse logar que se chama «Praça do commercio»! Pelos armazens, lojas, quitandas, ha um desanimo cruel, que faz perceber o quanto se torna difficil e penosa a vida que se arrasta.

Reina em todos a desconfiança a par das grandes ambições e dos grandes interesses que de dia para dia vão sendo malogrados. Não ha negocio, dizem elles, os tempos correm mal. Diminuto é numero de pessoas que transitam por aquelle bairro; alguns caixeiros, negociantes, correctores andam em numero contado a medir os passos na fadiga da indolencia.

Isto não é pessimismo, é realidade.

A noite, que necropole! as ruas, logo cedo, ficam despovoadas, silenciosas. Muitas vezes temos percorrido algumas d'ellas, ainda cedo, sem encontrar um só transeunte! As casas geralmente estão fechadas, pelo menos as janellas. Não ha convívio, não ha sociabilidade.

O ancoradouro do nosso porto, é vergonhoso, dizel-o, quase sempre está deserto, sem um navio, sem uma lancha ao menos.

Os jornaes da terra, o «Diário», a «Pacotilha», o «Federalista», etc, aparte muito poucos artigos de interesse geral, limitam-se ao noticiario pequeno, transaccão e... politica, politicagem. Revista litteraria, actualmente só existe a «Elegante», isto porque seus proprietarios a tem sustentado a custa do es-

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

IMPERIAL

Caixa no correio 40

forças por ser ella tambem um reclamo que faz a sua loja, bella loja de alfaiatearia que não tem rival em todo o norte.

Quanto a instrução publica, ha com effeito, um estabelecimento bem montado, porém, seus professores que constituem uma corporação distincta, são mal remunerados pelos cofres publicos asserberbados hoje com outras despesas excessivas, tal como o pagamento do corpo policial, ou corpo de infantaria do Estado que se compoe, perto de 300 praças para estarem aquarteladas.

O que se acontece com a magistratura do Estado que se lamenta do exiguo ordenado para se manter ante essa quadra difficil que se levanta cada vez peor.

Podamos ir mais adiante e facilmente enumerar outros factos que demonstram o nosso atraso, porém nos restringimos tão somente a esses que ahí ficam apontados; d'essas primicias o leitor poderá facilmente tirar uma conclusão verdadeira.

O commercio é uma das alas das poderosas para o progresso e desenvolvimento material de qualquer povo; a instrução bem regularizada é o lar cristalino e civilizador para fortalecer os espiritos; a navegação é o signal que patenteia a vista de todos o grau de adiantamento que existe e a multiplica relação que ha com outros centros; a diversão quer seja particular, quer seja publica, é uma demonstração patente da jovialidade, entretanto nada d'isso existe digno de nota.

Não falamos da nossa industria nem das nossas finanças porque teriamos de alongar este humilde artigo, mas para fazeremos lica rapida e segura basta que nos passe pelas mãos as *debetures*, os *creditos*; basta termos em vista a importação e exportação do Estado, que se olhe as nossas fabricas, algumas hypothecadas e outras lactando com serios embarazos para apresentar dividendos que agradeam. Se quizessemos fallar da lavoura... não podiamos porque essa é nulla relativamente com a necessidade que existe d'ella.

Orá, sendo assim, qual a conclusão a tirar do nosso Estado? Falamos só quanto ao Maranhão, porque se estendessamos as vistas mais ao longe, pelo horizonte da Patria, então não teriamos papel nem pena para escrever o descoronamento. E a nosso ver uma casa fallida em epoca de liquidação.

Assim pensamos.

Por falta absoluta de espaço deixamos de responder a proposta do assumpto que nos referimos, uma carta do nosso amigo Augusto Brito ao Sr. Arthur Azevedo, publicada num dos numeroz do *«Folha de São Paulo»* do mez passado.

LITTERATURA

A Situação

Volto, finalmente, o sr. Augusto Brito a quem contradição o nosso artigo — A Situação — publicado no numero quarenta e nove d'este jornal.

Comegou analysando uma proposição nossa e disse: *Quando o homem fallar a esperanca, e porq' tudo mais lhe fallar — ate a propria vida.*

Orá, muito obrigado sr. Brito. Então sr. acha que, por dizermos que não nos

resta um raio de esperanca no actual governo que cura o destino d'este infeliz Brazil, *nos fallou a esperanca para tudo até a propria vida?*

Sr. quer pois, que nutramos esperanca n'um governo que metamorphoseou uma nação rica prestigiada e acreditada, de um povo feliz pela abastancia em que vivia, em uma nação pauperissima e humilhada, desacreditada e infeliz, e um povo de mendigos?

Sr. quer que tenhamos esperanca na subida do cambio em quanto por-tur-nar no governo os mesmos personagens que temia conduzir o nosso credito a uma taxa de 7 (7) nunca vista no Brazil, nem mesmo no tempo da guerra do Paraguay, que o maximo a que attingiu foi 16?

Podemos ter esperanca n'um governo que assiste de palanque o abandono de muitas fazendas de lavoura de café em S. Paulo, fallencia de casas importantissimas e fecho de muitas fabricas na praça do Rio de Janeiro, atirando a miseria milhares de operarios que clamam pelo — pão de cada dia?

— Deste modo, enquanto o commercio debilita-se com a ruina, o governo tratava da politica de Sergipe!

Quer ainda o sr. Brito que tenhamos esperanças no sr. Glycerio, como fôr-niceiro de cambio a 7?

Quer tambem esperanças para o sr. Quintino Bocayuva, como diplomata das Missões?

Fé e Esperança, sr. Brito, é o que os brasileiros não tem no seu governo, porém, Caridade, achô que to-los nos temos, e é porisso que lutamos contra os desmandos que se operão neste infeliz Paiz.

Finalmente, sr. confessa acreditar em uma crise que atravessamos.

Levando de Lafayette, em seu *«Novo vocabulario universal»*, nos ensina que a — crise — é o estado arriscado d'um negocio, perigoso.

Orá, pelo que nos parece o sr. Brito, supõe que uma crise seja um facto natural, ephemero e de pouca attenção, e tanto é verdade o que pensamos a respeito, que o nosso contendor — *ante* — nossas *propias agitações e descontentamentos que aliás, foram e serão de todos os tempos naturaes, um prenuncio evidente do progresso e da prosperidade em que se a gigante e magestosa Republica Brasileira.*

Por essa gigantesca estrada do deserdito, por essa prosperidade da meopia da actualidade, foi que, n'estes ultimos tempos, deram lugar as sandalões feitas pelos inglezes da Ilha da Trindade, pelos francezes do Annam e pelos Italianos de S. Paulo.

Se isto não é optimismo não sabemos que qualificativo lhe havemos dar.

Proseguindo o seu artigo acha que os impostos são *lento recito da paiz, tão necessario e indispensavel, como no particular o estipendio.*

Mas, quando esse estipendio esteja em razão directa do producto do seu trabalho.

Não soffre a minima contradicção.

Não sabemos, porém, é que, os impostos onerosos e vexatorios excitam o governo sem excitar nas consequentes, d'etron contra um povo, *que não necessita mais e no particular o estipendio.*

Chamando a sua attenção sr. Brito, para o authentic protesto lançado pela Associação Commercial, do Rio de Janeiro, contra o excessivo augmento de direitos aduani-tros, cujo protesto teve lugar no dia

dez do corrente, conforme telegrammas publicados pela *«Prensa»*.

Orá, sr. Brito, se não deve ignorar que além d'esses onerosos direitos a que alludimos, o commercio tem a cada de arcar com o pagamento em ouro e a manobra porque tem de ser recebido nas Alfândegas, que será como da outra vez, em um cambio ao par, muito embora a taxa continue a 7 ou 8!

E se o sr. Brito?

Então, esperemos mais esse raço de fanceiro dos Glycerios, que não tardará em sr. ter confirmção d'esta nossa asserção.

Finalmente, o sr. Brito, não apresentou uma prova que contralizesse o nosso artigo, começo criticando-nos e terminando dizendo que o Brazil — *é um gigante e magestosa prosperidade.*

Por falta de espaço, deixamos de tratar de outros pontos do artigo do sr. Brito, que pedimos de nos dispensar.

Já o publico sabe o quanto tem o thesouro nacional de entregar a *«Prensa»*, de que tratamos na o numero passado d'este jornal, no nosso artigo — A Situação.

E' apenas a esguelha de quatro mil contos!!

Barbarrino.

Contra o pessimismo

Constante que a presente edição do *«Recista»* os meus compatriotas, ou alguns dos meus compatriotas de trabalho, amantes apaixonados do entesado pessimismo, assistiram contra mim sans formidaveis baterias.

Dizem-me que a descarga é cerrada, rijamente deslanchada, porque pretendi eu, humilde soldado, em guarda a sagrados direitos da patria e da humanidade, erguer a minha debil voz, e dizer — Não, os retrogrados não devem formar! Elles tentam embargar os nossos passos com essa grita descompassada. Não perturbem, embora, os nossos contrarios, nem d'erão os nossos passos o caminho nobre, que firmemente percorremos.

E, sendo assim, como temer esses adversarios, fortes embora pela mentalidade, mas barbaes e inconsistentes pelo temperamento?

Aqui estou eu, meus estimaveis amigos, de peito aberto, a espera da descarga rija de vossas baterias: esperem firme, no meu posto, e, si não morreo, prometto que do meu fraco reduto terão resposta immediata.

AUGUSTO BRITO.

Contos d'outr'ora

Naquella pequena povoação que ahí se vê, na margem do rio, lá no alto da barreira, n'aquella casa de barro coberta d'um telhado, é que morava a encantadora Angelica.

Amica, amica muito, ella tambem amava-me...

Triste e saudoso parti depois, para longe, guardando sempre no coração as lagrimas que lhe correram pelas faces, quando parti, n'esse momento triste e saudoso.

Elle, criança ainda, apenas froze annos tinha... e eu, era muito mais doze annos.

E nos amavamos muito... elle me achava bonito e eu lhe chamava anjo...

Anos se foram passando sempre tristes, saudosos, sem que eu a visse sentada a sombra da pitombeira que fica em frente da sua casita de barro coberta de pindoba e sem que jamais eu me esquecesse dos outros tempos, dos outros dias do nosso amor, annos se foram passando sempre...

Voltei, apóz quatro longos annos, cheio do immenso affecto d'essa amada pura e sincera, tendo ainda no oscurinho d'alma guardadas todas as recordações d'esse tempo d'outr'ora...

Angelica, tinha a florescencia da flor que desabrocha as petalas intumescidas, na plena colheita dos dez-sete annos...

O mesmo olhar suave e o mesmo rosto lindo, apenas mais compridos os cabellos e mais desenvolvida a forma. O mesmo riso angelical d'outr'ora e a mesma voz harmoniosa e doce.

Amei-a ainda mais e ella que me não reconheceu da primeira vista, quando falei-lhe, angelica enrubescou e tornou-se esquiua como se eu já não fora o mesmo.

Todas as tardes bellas, serenas, sob a fronde da pitombeira, ao doce murmuro do rio corrente, nós, eu e ella sentados juntos, recontavamos felizes os dias d'outr'ora, inda saudosos d'esse outro tempo, nós, eu e ella, todas as tardes...

A noite nos surpreendia alli no grato idyllio d'uma ventura tão passageira!

Ella cantava os mesmos versos que eu lhe ensinara e quantas vezes adormeci nuvindo a musica tenra e suave de sua voz, quantas vezes?!

Parti de novo, tendo-lhe feito todo o protesto do meu amor.

Angelica, minha noiva, entristecida, chorava tanto n'esse momento, chorava tanto... Quanto me foi difficil partir, deixando alli o coração partido?!

Palavras que balbucio o labio tremulo no afflicto momento d'uma separação e que só as entende quem as pronuncia, como as disseste coração, como as ouviste?

Anos se foram passando sempre tristes, saudosos sem que eu a visse sentada a sombra da pitombeira que fica em frente da sua casita de barro coberta de pindobas, annos se foram...

Logo a principio, ella escreveu-me algumas vezes cartas minúsculas, minúsculas cartas que ainda conservo como lembrança, lembrança amarga d'esse outro tempo, d'essa outra idade.

Voltei de novo, apóz dois annos d'essa ausencia crua, revivendo na imaginação os outros dias do nosso amor e formando projectos, constraindo castello sobre areia movediça, idealizando vel-a mais formosa talvez, pensando não mais separar-me d'ella, em fim conjecturando n'um momento, mil pensamentos diversos, mas todos bonos, roseos e doirados.

Ancioso buscava ver nas margens do rio um lugar conhecido d'on te eu pudesse calcular as horas que faltavam para chegar. Já o vapor apitava e um porto se destacava!

O coração batia-me nervosamente febril, como se desejasse quebrar os muros de sua prisão...

Olhos tão em terra e lá no alto da barreira via-se uma casita de barro coberta de pindoba, tendo na frente uma pitombeira, nós... fulgorem pelas janelas, a casa estava triste.

la, coração oppresso, penetrar na casita que sabe dos nossos amores, quando alguém, me embarcando a passagem, disse:—Silencio... não a desperteis não desperteis a pobre Angelica que inda lá bem pouco deu á luz ao primeiro fructo do seu matrimonio.

Lucio Moreno.

CHRONICA

0 mez

—NOVEMBRO—

Pede-nos Teixeira uma chronica breve, por isso que é pequeno o espaço que nos foi reservado na «Revista».

De bom grado satisfazemos o pedido, mormente quando o mez desliza frio, monotono, apresentando ligeiros acontecimentos, pequeninos, insignificantes que não merecem commentarios.

E antes de salientar os factos culminantes dos 30 dias de Novembro, somos forçados a algumas considerações, no sentido de defender a nossa Athenas tão maltratada nos tempos que correm.

E' inadmissivel que o Maranhão decahe e A. A. na «Palestra» lamenta profundamente contristado esse mal que nos assobinha. Pede-nos fazer publico essas verdades, mas podemos tolerar que nos queiram humilhar taxando-nos de plagiarios.

Pouco produzimos, mas o que publicamos, bom ou mau, é resultado do nosso esforço intellectual; traz a cunho da originalidade; é nosso, muito nosso. Fomos levados a essas considerações por uma local de um dos jornais diários, em que E. Jardim é surpreendido em flagrante delicto de vergonhoso plágio. Mas esse sr. Jardim, ao que nos consta, não é maranhense. A' Cezar o que é de Cezar.

—O dia 1.º de Novembro foi assignalado pela eleição municipal realisada em todo o Estado.

São ardentes des-foz nossos que os novos eleitos não poupem sacrificio pelo progresso da nossa terra. Precisamos de muita dedicação e de muito patriotismo.

Folgamos immenso em registrar um facto altamente significativo occorrido n'esse pleito:—A opposição appareceu no campo da luta.

Já era tempo de ser condemnada a abstenção. A abstenção é um crime quando se trata de fazer valer um direito.

E' nas urnas que o povo exerce sua soberania; é nas urnas que triumpham os tyrannos; é nas urnas que castiga os maos governos. E a esse respeito, Pernambuco fornece bellissimo exemplo, n'aquelle grande assomo de coragem e de cinismo com que, a contra gosto do despota Barboza Lima, elegeu por grande maioria de votos, deputados federaes a José Mariano e mais 4 ou 5 companheiros que a esse tempo soffriam as mais pueris e atrozes humilhações nos cárceres da tyrannia.

—2 de Novembro. Dobram dolorosamente d'uma catadema funebre os sitios das Igrejas.—Dia de finados!

A Religião soluça no bronze os seus ais sentidos pelos que se finaram.

As egrejas concorrem gran le parte da população.

Grutas soluçam preces.

Lágrimas, soluços e ais formam poemas de dor que é relido na sombria morada dos mortos.

—15 e 18. A primeira das duas datas assignala o anniversario do esplendido triumpho da mais santa das ideias. A Republica foi proclamada na patria brasileira, tendo o applauso unanime de todo o povo.

A segunda lembra o dia em que o Maranhão adheriu a causa da democracia.

Amhas essas datas foram festejadas entre nós.

—Doe-nos favelo na alma a saudade de de um amigo, de um moço disincto, de um caracter bellissimo a quem a morte implacavel rontou a existencia. Fallamos do Elind.

Na noite, ao joven viajor da eterna patria!

—Como de costume realisa-se este anno a popular festa do Hospital Portuguez. A nós, que vivemos carentes de diversões, é summamente satisfaitos que venos approximar-se esses tres dias de festa.

—Reservamos para o final da nossa chronica uma surpresa a gentil e amavel leitora.

Dois livros novos estão prestes a provocar a nossa attenção; dois livros que são duas lindas perolas litterarias; as Thurbularias e as Insulares.

São dois nimosos escriptos de bellissimas poesias—I. de Carvalho e B. Mattos vol-os promettem.

A. P.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Dezembro futuro.

Em 1.º—o exm. sr. d. Eliza Rosa Monteiro, esposa do sr. tenente Theodorico Julio Monteiro, os srs. dr. Arthur Queiroz Colares Moreira, Carlos Ferreira Coelho, dr. Schmitts Iodo e Falcão Ayres Insack da Silva;

Em 2.º—o exm. sr. José Roberto Martins e Joaquim de Souza Filho;

Em 3.º—o exm. sr. Angelina Gonçalves, Francisco de Mello Anacleto e Francisco Carneiro Jussupina;

Em 4.º—o exm. sr. Antonio Augusto, filho do sr. Horacio Azevedo, os srs. dr. Martinho Serro;

Em 5.º—o exm. sr. dr. Maria Amélia Duarte Soares e Leonillo Cavalcanti, preside esposa do sr. Antonio de Brito Costa Calvino, os srs. Manoel José Soares e Gerardo Pereira de Oliveira;

Em 6.º—o exm. sr. d. Colinda Gomes, os srs. José Gomes Maria Filho e Anacleta Valente de Figueiredo;

Em 7.º—o exm. sr. Raimundo Asclei da Silva;

Em 8.º—o exm. sr. d. Eládio Gonçalves Neto;

Em 9.º—o exm. sr. d. Lúcia de Azevedo Nunes, esposa do sr. Luiz Nunes e o sr. Manoel Ribeiro Lopes da Silva;

Em 10.º—o exm. sr. José da Cunha Santos Guimarães e o sr. Alfredo, filho do sr. Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 11.º—o exm. sr. dr. Alcir, esposa do sr. dr. Sousa Telles, filha do sr. dr. Carlos Horacio Bello, filha do sr. dr. Carlos Horacio Bello, filha do sr. dr. Carlos Horacio Bello;

Em 12.º—o exm. sr. d. Joana d'Almeida Ribeiro;

Em 13.º—o exm. sr. Leonillo Jussupina de Medeiros;

Em 14.º—o exm. sr. dr. Lúcia Oliveira Telles e Anna Rachel Braga, filha do sr. Manoel Adolpho filho do sr. Alfredo Nogueira dos Santos;

Em 15.º—o exm. sr. dr. Abigail Augusta de Araújo Brito, filha do sr. Luiz de Mello Brito e Francisca Brito de Medeiros;

Em 16.º—o exm. sr. d. Carolina Coutinho de Oliveira e o sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 17.º—o exm. sr. d. Maria Zuleide de Sá Ribeiro e o sr. Antonio Ruyal;

Em 18.º—o exm. sr. Antonio do Couto Leão;

Em 19.º—o exm. sr. Olympio Ferreira e o sr. Manoel Filho do sr. Manoel Antonio de Lages;

Em 20.º—o exm. sr. dr. Antonio F. Ribeiro e Maria Augusta de C. Braga e o sr. dr. Joaquim Pinto Franco de Sá;

Em 21.º—o exm. sr. d. Maria José Padua e o sr. dr. Carlos Horacio Bello;

Em 22.º—o exm. sr. d. Fátima Nina e o sr. dr. Augusto de Oliveira;

Em 23.º—o exm. sr. dr. José Pereira, filha do sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 24.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 25.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 26.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 27.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 28.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 29.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira;

Em 30.º—o exm. sr. dr. Augusto de Oliveira e Francisco de Oliveira.

BY JAPANESE REFINEMENT

MATSUKITA

A CHARMING-UNIQUE AND DELICIOUS NEW SCENT



REDOLENT OF THE LAND OF FLOWERS

LATEST PRODUCTION OF THE

CROWN PERFUMERY CO.
177 NEW BOND ST. LONDON.
commended to all lovers of
Crab Apple Blossom Perfume,
and the Crown Lavender Salts

CROWN

CROWN PERFUMERY CO.

A primeira perfumaria inglesa



EXTRACTOS PARA O LENÇO
Jockey Club, Violette, Crab Apple
Blossoms, Matsukita e Ess. Bouquet

O vidro 15\$000

Perfumadores de aposentos

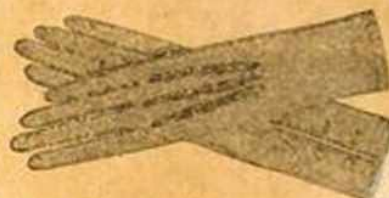
Cada um . . . 6\$000



Punhos e collarinhos, constante sortimento d'estes artigos, em todos os feitios e pontuações.

BOTÕES PARA PUNHOS

Duplos — em metal muito fino e madreperola, o par 10\$000.



Lovas — pretas e brancas, lisas e bordadas.

OCCASIÃO EXCEPCIONAL



FIM DE ANNO

GRANDE E ESPLENDIDA COLLECCÃO DE CAMISAS DA PRIMEIRA FABRICA DO MUNDO "MAISON DU LION"



STYLE 51

Camisas brancas, sem punhos e sem collarinhos, peito liso, linho puro, a duzia 1003, 1203, 1303 e 1403. Camisas brancas, idem idem, com peito bordado, a duzia 1804. Camisas brancas, idem, idem, com peito de fustão com pregas, a duzia 1803. Camisas brancas, idem, idem, com peito de pregas e bordado, a duzia 1804. Camisas brancas, idem, idem, com peito enfeitado, a duzia 1504. Camisas de chita, idem, idem, a duzia 1604.

Peitinhos — 50 padrões diferentes — em linho e algodão, para todos os preços.



STYLE 50

CRÈME-SIMON
PÓ DE ARROZ-SIMON

J. SIMON

SABONETE-SIMON

Recentemente despatchados

REVISTA ELEGANTE

E. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

— ALFAIATARIA TEIXEIRA —

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO V

Maranhão, 31 de Dezembro de 1896

NUMERO 55

REVISTA ELEGANTE

O novo anno

A «Revista Elegante», entre flores e rios, vem trazer aos seus amáveis leitores mil votos de felicidades pelo novo anno que vai começar. Que seja de rosas para todos, cada dia, petalas de ventura a se desfolharem odoríferas.

Um anno que surge é sempre um acontecimento que, se por um lado entristece, por outro rejubila a alma, desperta-lhe esses dois sentimentos oppostos mas unidos sempre — o prazer e a dor. O ponteiro do tempo quando marca mais uma era que passou, marca também que mais se aproxima o termo da existencia; que viemos do berço e caminhamos para o túmulo.

Quantas esperanças perdidas no passado, quantas illusões a esperar no futuro! Si, caminheiros pela estrada arenosa da vida, descansamos afadigados a beira das nossas cogitações, puras, crystalinas como as aguas, veneladas com o pressuroso se derivam para o mar da descrença. Mas outros felizes, apenas saodem o pó das sandalias e corajosos proseguem de novo, aqui chorando a desgraça, ali sorrindo a ventura. Felizes estes que não se desanimam nunca e esperam sempre.

Para estes o anno novo, o anno que surge, é uma estrella de fulgurações benéficas que lhes illumina a alma de esperança, fortalece, anima e encoraja as novas lutas.

A «Revista Elegante» deseja que como estes, amáveis leitores, caminheiros sempre sorridentes e alegres cheios de confiança no futuro; a estrada da vida é longa, e se ha flagellos que torturam o espirito, barreiras a se transpor, ha também prazeres que dulcificam, perfumes que embriagam, planicies cheias de sombra.

LITTERATURA

Infantil

AO E. SALLES

Nêde era uma d'essas crianças deliciosas que constitue o doce encanto do lar.

Gostava imensamente de beijos e não tinha máo gosto o pequenito.

Mocas que fossem em visita á sua casa, pagavam-lhe indubitavelmente o cantado tributo de demorados beijos nas faces.

Nem uma se julgasse isenta do fatal imposto!

Visitava um dia uma gentil demoiselle, recém-chegada de Paris e o diabrete, esquecido de que sua lei devia ter por limites o limite de seu paiz, esquecido das imunidades estrangeiras, cantarolou nas faces rubras da franceza dous longos beijos triumphaes...

E desatou a rir... a rir...

No rosto, então pallido da gentil demoiselle, destacava-se nitido um longo traço negro, como uma enorme admiração...

Nêde ao beijal-a destruiu um primoroso signal aveludadamente negro que ella garbosa e faceira arrojara á face.

E então muito surprehendido ria-se apontando o signal, — ria-se doudamente o diabrete.

Set. 96.

Alcides Pereira.

Noctivago

AO ALCIDES PEREIRA

E' noite.

A lua pallida e bella, vagueia flacidamente pelo celestial azul, derramando sobre a terra as flammias de sua luz arceotea e o zephíro suave e brando, perfumado dos jasmims e angelicas que vem de desabrochar, cicla nos leques das palmeiras, n'um farfalar amistoso como segredos de amor, n'uma confusão de beijos ternos e doces...

Alem, o mar querulo e levemente agitado, na monotonia d'um queixume infido, lança sobre a areia finissima da praia, um leonel alvissimo de espumas, balanceando lá, barra fóra, as embarcações n'um compasso certo e cadencioso.

Para em toda a natureza, uma tristeza dolente, magra suave a um tempo, como se fóra produzida pelo murmúrio do mar e pelo farfalar da brisa...

Tudo silencio!

A propria natureza parece que impõe um entorpecimento geral!

Tudo é deserto... e n'este grande vacuo, echôa surdo e horrído o uivo horrído e surdo d'um cão que inda mais apavora e entristece esta grande necropole — a terra!

Ali, uma igreja, na torre pia um mocho desolado, pio estridulo e triste das aves agouceiras dos cemiterios...

E a igreja, em presença da natureza adormecida, ao brando sussurrar do vento no arvoredo do largo, ao uivo lugubre do cão, aos queixumes do mar, traz-nos á mente o quadro funebre, tetrico e desolador d'um cemiterio, orlado de casuarinas, onde o vento pelo murmúrio, nas horas silentes da noite, povôa de saudades amargas o coração da gente.

Tudo dorme! Para, por toda parte, uma tranquillidade religiosa... E a lua, segue, caminho a fóra estrada do occidente.

Lucio Moreno.

Ultima folha

A. ANTONIO A. DE ALMEIDA BRITO

Viu por aqui... Sei que esta de castidade
E a curva extrema; slato-me caído.
Furos altos e bonos e pubezinhos
Das ilhas gentis de meu passado.

Trago a cabeça, a si mure e murejinho
A noite má de cabos intomando.
Baquei a luz e a luz cegou-me; e o espelho
Da tolia, pingo o coração magado.

Em jogo as asas, quiceluz, chorando
Os alares a um presencio budo
Passar, arrojado do beirante a bruma.

E os meus anêloz, recetado os ares,
Squalham gorças tremadas, aos pares:
— Alvaras castas, maceis de pluma?

Corralito Aranha.

(Das Praticas, no prólo)

Eliud Frias

Temos sobre a nossa meza de trabalho um jornal, edição unica, consagrado á memoria de Eliud Frias.

Seu retrato occupa a primeira pagina, onde lê-se mais abaixo a data em que nasceu—24 de Novembro de 1871, a data em que falleceu—20 de Novembro de 1896.

Olhamos para seu busto e parece que nos enfrentamos com aquelle moço tão cheio de vida a conversar connosco sorrindo entre fumaradas de seu cigarro.

Eliud Frias era geralmente estimado pelas bellas qualidades que exornavam o seu caracter altivo e independente.

Morreu moço, 25 annos. Quantas esperanças!

Nós, seus amigos que eramos, depomos associados á dor de sua desolada familia, uma corôa de saudades sobre o tumulo onde tão cedo se foi abrigar do mundo.

FOLHETIM

Scenas de amor

Mas, sim senhores!... Estamos boquiabertos em saber de semelhante trama!...

Pois o Alfredo não fez uma das suas?!... aquelle moço que parecia um santarrão de cartilha?!...

Não pensem os leitores que seja algum caso de revolução ou cousa do outro mundo!... Nada d'isso... é cousa simples; porém, de muito engenho e arte.

O Alfredo é um d'esses rapazes da moda, que ainda ha bem pouco fez a sua estrêa nos bailes, dançando melhor a valsa americana do que os professores da grande arte Terpeschicore.

As moças fallam em seu Alfredo como autoridade nos salões, em summa, é um leão da moda como diz o Xavier.

O Alfredo entrou nos bailes com o pé direito, não ha moça que não almeje dançar uma valsa com elle.

Apar de ser um dançarino de monta, o Alfredo metteu-se a litterato, fazendo pequenas citações de romance que ouviu ser elogiado por outrem e recita sempre as tres ultimas linhas de Sonetos de poetas desconhecidos. Falla muito em musica mostrando-se grande apreciador de *La Forza del Destino*, fazendo as devidas apreciações. Não satisfeito ainda, canta um trecho da opera alludida; avaliem pois, a decepção dos ouvintes que em vez de *La Forza* ouvem o *Corvo do Jacintho* do Sal e Pimenta de Freitas Gazul e Souza Ilustrado!...

Recuerdo

A. ...

Elle partiu, senhores; e o mar immenso,
O immenso mar pôde direllos tudo
Qu'elle soffria e que puz istosio
Levas no coração d'amar trancado!

Fallou se tudo do mar!... O vento agudo
Tambem direllos pôde que sorpreso
O leve a'vun acimar deserto, nudo,
Embevecido no oceano estivo.

Falle o secreto d'alma mudo, senhores,
Im apde aua; as libellos d'outros
Nem mar de pontos secundaristas!

Falle a morte, o luar, a lousandade,
Falle a distancia aua; talis a condade:
Deixe fallar todas a coceias!

22-11-96.

A. Rigo

Contra o pessimismo

Razão tive eu, e de sobra, quando na edição d'esta «Revista» de 31 de julho ultimo, disse, ao terminar o artigo que publiquei, sob a epigraphe d'este, que—tinha desconfiança que o pessimismo do meu estimavel amigo auctor das *Cousas da actualidade*, reunisse ás saudades que tem elle das instituições decahidas, e, em seguida, que as objecções que fizera um outro amigo, auctor do editorial *A situação*, posteriormente publicado, o foram, a seu turno, na qualidade de pessimista de temperamento, ou, pelo menos, de opposicionista systemático.

Convicto e bem convicto estou eu hoje que esses meus amigos—é necessario dizel-o por uma vez—são com effeito, não somente pessimistas de temperamento, mas sebastianistas profundos e opposicionistas obstinados e intransigentes.

E d'esse modo vai o moço fazendo as suas conquistas e sendo muito admirado como intelligente e espirotozo.

Pois bem, é d'esse Alfredo da americana, d'esse litterato, d'esse maestro que—vamos contar o caso como o caso foi.—

Antonio Ambrosio, é um joven que em tudo assemelha-se ao Coruja de que nos falla Aluizio Azevedo. Metten-se-lhe na cachola de namorar uma gentil Signorina, que parecia detestá-lo.

Ambrosio ferido no amor proprio, por que notava não ser correspondido, teve a idéa de narrar o occorrido ao seu intimo amigo Alfredo, que depois de ouvir-lhe a narração, aconselhou a Ambrosio a fazer um bonito Soneto em que debuchasse a distincta Signorina, e o publicasse em um dos jornaes diário.

Ambrosio não se fez esperar, dois dias depois era dado a luz da publicidade em uma das folhas de maior circulação, na competente secção de—A pedidos—ao bello Soneto do sympathico Coruja.

Ambrosio quando viu a sua monumental producção estampada nas columnas do jornal, não faltou gato a que elle não desse a conhecer que a tão sublime obra era de sua lavra.

Desde então lia-se de quando em quando um dos Sonetos de Ambrosio que se tornou por demais conhecido na sociedade como poeta primoroso.

Mezes depois, foi presenciado em uma festa o Ambrosio em amistososa conversação com a gentil Signorina, resultando valizarar-se o seu breve enlace.

Ambrosio, despedido pelos—parabens—de semelhante facto e não sabendo—com a tola e a sua lra as pomas—

Os artigos que deram publicidade na edição anterior da mesma «Revista», são ambos, um d'elles e ainda outro dos que commungam em suas idéas, com os que dizem que reboeram as humilides considerações que tenho feito, favoraveis aos interesses do nosso Estado, á sustentação da Republica Brasileira e á felicidade da nossa patria, esses artigos evidentemente confirmam taes verdades.

Um d'estes amigos, dos meus compaheiros adestrados de batalha, sahio-me á frente, irrequieto e talvez sopeando alguma rancor, a fazer refutações, de encontro directo ao nosso amado torção natal, esta que eu houvesse contra elle hallucando a mais leve allusão, e o outro d'estes meus compaheiros veio responder-me, «Vixe, mas outra cousa não fez sino escrever um artigo politico».

Sentimento tenho eu, e grande, de não lhes poder relligiar—pharse por pharse, palavra por palavra—tudo que escreveram nos dois artigos sob o título d'«arte», porque, d'um lado, é a pequena «Revista» não comporta escriptos de tal folego, e, de outro, lhe seria impropria estas polemicas, mormente na parte referente á politica.

O que disse o primeiro no seu editorial?

Fallou do nosso atrazo, quando as suas idéas é que andam em atrazo; referiu-se ás nossas tristezas, quando é elle que se achava entristecido, pelo facto de estarmos regidos por uma instituição que seus idéas irritam; fallou do nosso empecimento, quando esmorecido é elle que se achava prostrado, enfim, deprimiu o nosso Estado, abateu-o, entorpeciu-o, exagorou tudo, inventando muito. O que temos e bem, procurou calar, o que temos de peor, des-

foi novamente aconselhar-se á Alfredo.

Alfredo que tem recursos para tudo, disse que devia ser dirigida uma carta á Signorina, cuja copia entregou a Ambrosio com os seguintes dizeres:

Ex.ª Signorina

—Sei de tudo.—

Ambrosio

A carta quando chegou ás mãos da gentil menina proloxiu um panico horroroso! —Todos em casa bradaram contra a pobre criança e o casal de velhos tornou-se incorrigivel clamando contra a Signorina, que tinha dado com os pés na fortuna; porque Ambrosio não voltaria mais nunca, porque estava coberto de razes...

E preciso notar que, aquelle—Sei de tudo—foi inspiração phantasiada por Alfredo e Ambrosio de nada sabia, porque a gentil Signorina é d'um correctissim admiravel na sua aprimorada reputação.

D'esse modo o Ambrosio continua como um joven exemplar e já publicando novos Sonetos á uma *mademoiselle* que todas as tardes vai á janella esperar os comprimentos de seu Ambrosinho.

E assim, moças, que fazem os poetas: —Em soneto intitulado «A Ella», dá principio ao namoro, um outro «Como te amo» põe os sentidos em revolução e quando se falla no *casamento*, o mellifluido roxei no *lwa*—beteito as asas e sacudido as pomas—e vai d'atraz varsa a cantar.

Belle e o dia.

REVISTA ELEGANTE

GRANDE NOVIDADE

Um deliçoso mimo a todo o comprador durante o mez de Janeiro

ALFAIATARIA

Constante sortimento de casemiras de lã pura, pretas, azues e de cor, proprias para fatos de cerimonia, meia cerimonia e phantasia.

MODAS

Variada collecção de gravatas, collarinhos, punhos, camisas, camisolas, peitilhos, ceroulas, meias, chapéus, calçado, bengalas, chapéus de sol e todos os mais artigos indispensaveis para homens.

PERFUMARIAS

De todos os fabricantes francezes, inglezes, allemães e americanos: Guerlain, Houbigant, Violet, Roger & Gallet, Deleltrez, Jones, Lubin, Atkinson, Pears, Rieger, Mouson, Crown Perfumery, Colgate, Lazell etc., etc., etc.

MACHINAS DE COSTURA

Davis, Domestic, Singer, New-Home, Columbia, Minerva, Domina, Corona, Nothmann, Gritzner, etc., etc., etc.



W^m. RIEGER "NIRVANA"

A ULTIMA PRODUÇÃO

Extractos, oleos, pós de arroz, sabonetes e aguas de toilette.
Pó de sabão para barba.

R.R.P.P. BENEDICTINOS

Agua para dentes, pó e pasta.
UNICO DEPOSITO

Imp. na Typ. a vapor da—Alfaiataria Teixeira—por J. B. A. Lomba.



PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

—ALFARIATARIA TEIXEIRA—

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VI

Maranhão, 31 de Janeiro de 1897

NUMERO 56

REVISTA ELEGANTE

A Finança

O arrendamento das vias ferreas do Brasil é o assumpto de maior importancia que de prompto se nos offerece para o artigo de fundo na presente Revista.

Não podemos detalhadamente fazer uma apreciação d'esse passo dado pelos financeiros porque nos falta margem neste pequeno jornal para um assumpto de tão grande monta.

O arrendamento constitue, segundo os homens da actualidade, uma grande medida que tem a levar o nosso credito a uma normalidade definida.

Se assim petição os actuaes financeiros, com certeza que brevemente, teremos novos arrendamentos, e serão então os das alfândegas, porque logo que se effectuem os das estradas de ferro o cambio melhorará, si bem que seja uma melhora ephemera, mas dirão ser devido as medidas energicas por elles tomadas.

O que podemos assegurar é que, antes de serem publicadas editaes chamando a concorrência para o tal arrendamento, já o estrangeiro enviou para o Rio de Janeiro,

representantes de syndicates a fim de lançarem na liquidação das estradas de ferro da União.

E assim vão os nossos representantes chamando de—medidas financeiras—o que chamamos de—liquidação, sem que saibão dizer o motivo da baixa ou subida do cambio.

Em quanto o governo geral trata de arrendamentos, o telegrapho por sua vez nos transmite que da tomada de contas no Banco da Republica verificou-se esbanjamentos inexplicaveis naquello estabelecimento de credito.

Entre outros muitos apparecerá, segundo um jornal, um adiantamento de vinte seis mil contos!!

Deante de tal descabro, melindro que se opera no Brazil, sem que appareça um protesto contra os desmandos, ha quem diga que o Brazil vai em occas de prosperidade (!)

O nosso intuito não é censurar esta ou aquella forma de governo como supõem, é tão somente mostrar evidentemente que aproveitou-se d'uma forma de governo democratico e accedido pelos povos civilizados, para commetterem quanta sorte de esbanjamentos que tão depressa transformou um Paiz rico e prestigiado em uma Nação pauperrima e desacreditada.

Como dissemos no introito deste artigo, não podemos dilatar o assumpto que tomamos para a presente Revista, attendendo no pequeno espaço de que dispomos, ficando apenas o esboço do que pensamos a respeito dos arrendamentos das estradas de ferro da União, que nos parece virá trazer maior descrito para o Brazil.

No entretanto fazemos votos para que estejamos em erro e que os nossos representantes sejam uma realidade.

Deixamos de responder o artigo do Sr.

A. Brito inserido no numero passado desta Revista, attendendo a nova phase tomada por este jornal.

Publicação importante

A importante obra—«O Descobrimento da America e do Brasil»—de que é auctor o nosso estimavel amigo, o distincto publicista Candido Costa, obra que foi recebida com as melhores referencias por competentes auctoridades, vai ser reeditada em breve, largamente ampliada e com muitas illustrações.

Tivemos esta noticia não somente por um artigo que, a respeito, lemos na «Folia Nova» do Pará, onde reside o illustre historiographo, como por communicação especial que por elle nos foi feita, por cuja gentileza lhe agradecemos.

Esta noticia que, gustosos, transmitimos aos nossos leitores, certo que será recebida com summo prazer pelos amantes das lettras portugas e do inicio da historia do grande continente americano, e do Brazil.

Uma idéa generosa associa-se á da resolução que acaba de tomar o auctor do livro a que nos referimos, e vem a ser a do auxilio que deseja elle prestar á execução dos monumentos de Carlos Gomes, no Pará, e de Alvares Cabral, na Bahia, bem como de templos catholicos no Espírito Santo, sua terra natal, no Pará e no nosso Estado.

As linhas que são suas, e a estas seguem, demonstram melhor o plano traçado para a nova edição de sua importante obra.

Escrive elle:
«Tirando edição illustrada e augmentada de vinte mil exemplares do meu livro «O Descobrimento da America e do Brasil» trabalho este que será executado em Lisboa.

LITTERATURA

De regresso do interior do Estado acba de nos alcançar o nosso amigo Walter Broadbent, adido a furto, apresentando uma de suas bellas locuções poeticas que damos hoje aos nossos leitores:

Na estrada

A'...

Juntos nós dois seguíamos falando
Quasi em segredo, sim;—ah! não baixinho
Que nem o pó da rua e do caminho,
Sem as pedras que fomos pisando,

Poderam ouvir a nossa voz e quando
Passava alguma alfinando-nos o ouvido,
Via-se a inveja, a dor do polvilho,
—E que inveja nós fomos fazendo...

E quasi não me discorde e nada
Te disse eu quasi nunca alogre boca
Em que fomos juntos, minha amada,

Quasi nem nos falamos, mas pensando
Bem nos víamos falar, usados calozos,
Bem víamos nossos olhos encontrando,

26—Jornal—1897

Walter Broadbent.

Variedade

Treze annos, treze primaveras,—idade em que o coração se abre ás primeiras impressões do amor, em que a fronte cinge a aureola da formosura divina, treze annos, treze primaveras, conta apenas a minha amada, a minha doce amada, por quem eu soffro longe a longa magua da separação.

Ha muito tempo, mezes que parecem seculos, que nos amamos tanto. Viu-nos uma vez somente e logo nossas almas se entenderam. Fallaram nossos corações nos risos que trocamos, nos olhares que volvemos.

Juntos vivemos muito tempo após só pelo riso e pelo olhar falando.

Nunca e nunca uma phrase do amor balbuciamos, mas tudo o que sentiamos nossos corações tudo dissemos, revelamos um ao outro sem um gesto, uma palavra sequer. E para que falar, si a paixão primeira, como um poeta o disse, não pela voz, mas pelos olhos fala?

Um dia, triste recordação! eu tive de partir. Disse-lhe adeus, tremendo a voz de angustia mal contida, marejados de lagrimas os olhos, triste, dolorosamente triste, e, ai! de mim! sem nem sequer falar-lhe, e eu então queria, do eterno amor que n'alma me morava, sem nem ouvir-lhe ao menos a promessa, ephemera que fosse, de que sempre, ai! sempre se lembraria de mim.

E fui...—sufocando mares, voltando á terra rapido pelo pensamento, vendendo em tudo o que eu via, ouvindo a voz do vento e no choro das vagas.

No coração, ah! sim, no coração sentia-a comigo e se falassem as saudades que longo conte teriam, quasi lo os que ouvissem falar minhas saudades.

Fiz-me poeta e escrevi versos. N'elles vaguei os meus pensamentos, n'elles revolei ao mundo o meu segredo, contei-lhe o meu amor.

Assim durava a minha dor, havia muito, quando, torçei a vista.

Depressa esqueci o que soffrera. Em cada novo olhar com que nos viamos nossas almas se falavam, nossos corações se comprehendiam.

E aquella primeira phase do nosso amor reproduzio-se, ainda mais cheia de sonhos e de idylls.

Passavam rapidos os dias—e as noites, como eram curtas, curtas as noites que passamos juntos!

Meu coração de subito retrahio-se ferido de funda dor. No meu immenso amor projectou-se a sombra negra, a negra sombra do ciume.

Outro não eu, prendia-lhe a attenção, bebia-lhe os sorrisos, recebia-lhe toda a ternura do olhar.

Já para mim nenhum sorriso tinha, nenhum olhar voltava. E esse amargo desamparo em que eu me via era um tormento sem fim.

Parti de novo... vendendo outra vez em tudo quanto via, de novo ouvindo a voz do vento e no choro das vagas. Sempre, porém, como um corpo inerte, como uma illusão desfeita, como uma esperança morta!

E o ciume e a dor a dilacerarem-me o coração e eu amando-a mais cada vez mais, quanto mais lectava em vão por esquecer a—moria para mim!

Gualter.

Lendo a divina comedia

(Quatro e milharas)

A estrada é larga e franca. Eu seguindo o passo
Caminho, olhos no azul infinitamente vasto;
Caminhando sem fim e fúlguras de ago
Bailar de luzes nos montes infinitos.

Sobito a freza tonda encolheu-se o espaço
Simulão agora e choro de heróis grãos.
E ao veloz, compungido, esta pergunta fez:
Porque aqui sou e por que aqui sou?

Flores madas em lindos aglomerados pela estrada
Em fôrta a porta um grande desamparo era
E a miséria eternamente compungida.

Re a'inda livro uma das belas canções
Vigília cantando desce pela estrada
Nos braços de me galar no interior d'ella vida.

Alberto Antunes.

Flor do vicio

O escarpello do estudante cortava cruel na fra meza do interior, de um ambiente da Escola, o corpo da desventurada pobre filha da perdida.

A pallidez mortal dava um tom ainda mais trancamente obscuro a uma da bellissima e a rigidez da morte a contrastava com a nobreza delicadamente corada. Espalhou a

Quinze mil exemplares dessa obra serão vendidos no Brasil, e cinco mil em Portugal e suas colonias.

Do resultado da venda, cederei 30 % a: a) a favor dos projectados monumentos de Carlos Gomes, no Pará, por iniciativa da Folha do Norte, e de Pedro Alvares Cabral, na Bahia;

b) em auxilio de templos catholicos dos Estados do Espirito Santo, Maranhão e do Pará.

Para o bom exito da empreza que tomo sobre os hombros, conto com o auxilio dos arcebispos, bispos e do clero catholico do Brasil; com a recommendação de diversos governadores dos Estados da Republica; com o efficaz patrocínio dos Consules Portuguezes nas capitães da União e da respectiva colonia; com o apoio patriótico do florescente e liberal Estado de S. Paulo.

Nas capitães dos diversos Estados da Republica, que percorrerei no corrente anno, constituirei, em reunião solemne de brasileiros e portuguezes, tres membros de cada uma nacionalidade para iniciarem a subscrição nacional, cujo producto será applicado na aquisição dos monumentos de Cabral e de Carlos Gomes.

Nesta cidade os diferentes órgãos da imprensa serão advogados dessa nobilissima empreza, que concretisa significativa aspiração nacional, cabendo assim ao prospero e adiantado Estado do Pará a honra da iniciativa do meu plano.

Na capital da Bahia farei uma conferencia no Instituto Geographico e Historico, tomando por assumpto a individualidade do almirante portuguez e o effeito politico-social das suas viagens ás plagas do Brasil.

Associam-se ao meu plano, como prestigiosos cooperadores, os illustres cavalleiros residentes nesta cidade:

Visconde de S. Domingos, Commendador Leandro Ferreira Campos, Commendador Antonio José de Pinho, Coronel Joaquim Theodoro Bentes, Tenente-coronel J. J. Ferreira de Mendonça, Coronel Felippe de Araujo Sampaio, Dr. P. de A. Brito, Capitão-tenente Arthur de Serra Pinto, Cônego Hermenegildo Carlos Perdigão, Manoel Augusto Marques, Bernardino Ferreira de Oliveira, Emilio Adolpho de Castro Martins, Evaristo S. de Avillar, Alfredo Augusto da Silva, Tenente Adriano Severiano de Miranda, Francisco Pacheco, João de Deus Rego, Arthur Nunes Pinto Moita, João Affonso da Nascimento, Francisco Baptista da Silva Aguiar, Manoel Francisco da Silva, Cesar Pedro da Silva, Joaquim José de Oliveira e Silva, Barão da Cunha Rocha e Antonio de Almeida Facinda.

Pará, 4 de Janeiro de 1897.

CANDIDO COSTA.

A MODA

Nada temos de adiantar neste numero sobre a moda. O nosso correspondente em Paris, garante-nos que no proximo mez dará noticia circumstanciada do que houver de novo para a presente estação.

Esperamos para transmittir aos nossos leitores.

ESTAÇÃO INVERNOSA

Ultima novidade

CHAPEUS DE SOL, artigo especial com cabos de ouro e prata—artigo especial—40\$000 e..... 45\$000

Sobretudos de casemira impermeável

Com romeira—Fig. 33..... 75\$000
Sem romeira—Fig. 32..... 70\$000

Aviso importante

Não confundir estes sobretudos que são de casemira impermeável, com os que de ordinário se vendem n'este mercado que são de borracha.

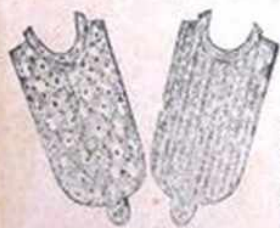
Perneiras impermeáveis—cada par 15\$000



Fig. 32 Fig. 33
DE NOSSO CATALOGO

BOSTOCK

Botinas de pelica gaspeadas de couro de poliro
Botinas de pelica gaspeadas de polimento
Borseguins de couro de poliro
Borseguins de couro de poliro amarello
Sapatos de couro de poliro preto
Sapatos de couro de poliro amarello
Sapatos de polimento
Sandalias de couro branco



PEITILHOS

Nova remessa em gostos inteiramente modernos a 5\$000, 6\$000 e 8\$000.



LUVAS

Recentemente despachadas
Branças e pretas, lisas e bordadas

Perfumadores de
apresentos 6-000



Perfumarias de todos os fabricantes

franceses, inglezes, allemães e americanos:—Extractos—Agua de toilette—Agua de Cologne—Pós de arroz—Sabonetes—Pós de sabão—Pós, Pastas e Agua para dentes—Perfumadores de apresentos—Cremes e Oleos.



Imp. na Typ. a vapor da—Alfândaria Teixeira—por J. B. A. Lomba.



REVISTA ELEGANTE

A Arbitragem

Por entre algumas das nações cultas, que se estendem pela face da terra, deu-se já um passo grandioso, de princípios levantados, como acontecimento de glória para a história da civilização, no seculo que prestes se vai findar.

Eu me refiro ás notícias que nos chegam sobre o tratado de arbitragem permanente entre a Gran Bretanha e os Estados Unidos da America do Norte, o qual encerra ideias que, igualmente, vão sendo afagados em outros países.

Nada mais vem a ser isto que a humanidade, obediência á acção dos seculos, ao estudo indeclinavel das sciencias exactas e positivas, á creança da verdade, que ha de, um dia, brotar jorros de luz sobre ella, arrancando-a, para isto mesmo, das trevas que ainda a envolvem; nada mais vem a ser que estes factos irredutíveis nos estão determinando o laminamento, de junto de nós, das enroscadas superstições, das velutas, e rúscas e barbaças praticas do direito, assentadas em bases completamente falsificadas, firmadas pela inexpe-

riencia, pela irreflexão e, porque não direi?—pelo interesse estupidamente brutal.

Direito da força! Pois haverá coisa mais negativa á razão, ao conjunto da lei soberana—nossa creadora e nossa defensora,—que o estabelecimento e a manutenção de semelhante direito?

Tem permanecido a humanidade como que inconsciente, praticando os maiores attentados, perpetrando crimes execratorios na sustentação de tão monstruoso direito. Coisa singular!—Reconhece ella as repulsivas doutrinas d'um tal direito, os seus insustentáveis productos, e não se revolta de vez contra os miasmas que lhe servem de alicerce, exterminando-os em proveito commum!

E, d'este seu estado vacillante, d'esta sua pouca consideração tem resultado uma incongruência deploravel nas normas de sua conducta. Diz o Tribunal Judiciario: E crime algum apoderar-se de um objecto alheio, cabendo á justiça a garantia do dominio. No entretanto, não ha um Tribunal que prohiba que um milhão de homens arranquem mutuamente suas existencias. Isto é—suas vidas, que uma lei, a todas superior, diz-lhes que é o que de maior valimento, o de mais sagrado ha, e que, absolutamente, lhes não pertence! Permitem que esse milhão ou mesmo muitos milhões de vidas fiquem sacrificadas ao joguete de pequeninos e, muitas vezes, de imaginarios interesses!

Temos, p'uma palavra, Tribunal Judiciario para julgamento das pequenas causas, e não o temos para as das grandes.

E, para a sustentação d'esses pleitos das enormes ecatombeas, disseram nas primitivas eras:—A força é o triumpho da razão, porque a força é o poder, e não pôde haver poder contra o poder.

Mais tarde, acreditaram no poder da Divindade, em absoluto; pelo que, si do lado materialmente fraco repousasse a razão, essa fraqueza, com o escudo divino, subjungia o outro lado.

Posteriormente, vacillou-se na intervenção da Divindade, sendo que, por fim—até os nossos contemporaneos—não ha quem se fie na divina providencia, e... o que apresentam como amparo á lei da guerra—usando ignominiosa, que por tantos annos foi gravada nas paginas aviltantes da historia da humanidade, é—exactamente como se dá nos duellos—á cynica sophisticção de todos os principios de direito e uma proclamação da lei primitiva, que põe, pura e simplesmente, a vida do mais iraco nas mãos do mais forte.

Passo gigantesco, portanto, é esse pela estrada luminosa da civilização dos povos, o que se cogita com a arbitragem permanente, mediante a bella politica da paz, annunciando, por este modo, a aproximação da epocha da concordia,—do triumpho pleno do direito sobre a força!

Sim!—a bella politica da paz e da solidariedade humana, que é a politica levantada, dos principios generosos e salutaros da grande communhão social, cujo triumpho se tornará extraordinariamente esplendoroso, por ser uma partilha de gloria que, com igualdade, será feita por cada um dos seus membros.

AUGUSTO BRITTO.

O ciúme de Judas

A EUGLYDES MARINHO ABANHA.

(Depois da leitura da «Amante de Jesus»)

Via-se outr'ora lá, nas areentas margens do lago de Genesareth, o palacio de Magdalo onde assistia Maria Magdalena, a mais fascinante e encantadora corteza desse tempo.

Foi, em torno ao Tiberiade e o Jordão

que Jesus fez a maior parte dos seus milagres.

II

Lá, em Jerusalém, nessa antiga cidade da Palestina, capital da tribo e do reino de Judá, situada mais ou menos a igual distancia do mediterrâneo e do lago Asphaltite, para as fontes do Cedron, lá, onde se levantam magestosas as colinas de Acrá e de Sion e de onde se desvendão os esplendidos vales de Hinnon e Josaphat, foi que Jesus de Nazareth, de pé, no Portico de Salomão, ao lado da porta de Suza, ministrava aos povos as sábias theorias que tão mal comprehendidas foram e que eram entretanto mais claras que os véos diaphanos da virgindade!...

Fallava o rabbi ao povo numa eloquente peroração, quando atravessando a multidão deslumbrada, surgiu a encantadora e formosíssima Magdalena.

III

Instinctivamente, magneticamente, os olhos do martyr da Religião, se volveram presurosos sobre a filha de Magdalo!

E aquelle coração todo votado a Deus, pulsou pela primeira vez, ante a belleza incomparavel da amante de Caiapha!

Todavia, Jesus de Nazareth, quiz conter as pulsações do peito, e ainda mais para dar um exemplo de abnegação, pelo menos a sua propria consciencia, fitou em Maria Magdalena o olhar, e censurou aquelle luxu desmesurado que envolvia o sublime corpo, corpo de alabastro da corteza de Magdalo! Apenas, ouvindo a sensacional voz do rabbi, Magdalena despoja-se de todas as pedras preciosas que lhe ornavam o collo e os braços, em cujo numero um riquissimo bracelete que na antecedente noite lhe offerecera Caiapha, e os arremessa aos pobres!

Sublime abnegação! Amor somente!

IV

Abandonando o seu palacio e o velho presidente do Synhedrim, despojada de todas as suas joias, detestando o luxo e a riqueza, ella que pertencia ao fausto, tudo deixava num arrependimento sincero, para seguir os passos do Nazareno em todas as suas missões, ella a formosíssima e encantadora corteza de Magdalo!

V

Judas, um dos apóstolos de Jesus, e que nos é demais conhecido, apaixonou-se pela formosura de Maria Magdalena! Não podendo occultar o seu amor desregado, esquecendo o passado de Magdalena, aproveitou-se d'uma occasião em que ella a sós, descansava sob os frondosos ramos d'uma figueira, contemplando um lotus azul e disse-lhe:

Magdalena, amo-te! Deixa esta vida errante e casa-te commigo; voltaremos para a tua ou para a minha casa e eu serei o teu esposo, amo-te muito!

E Magdalena respondeu-lhe: nunca! Judas, então já enciumado, comprehendeu que Magdalena jamais seria sua, porque amava o Mestre. E Judas, despeitado, sentindo todos os acicates do ciúme, jurou vingar-se!

VI

Uma noite em que o calor abafava, Judas dirigiu-se á margem do lago de Genézareth onde se achava ancorada uma barca. E ali chegando, resolveu pernoitar. Entregou nos seus pensamentos de amor, contemplava a lua, gazophiliaca dos céus, seguida d'um cortejo de myriades de estrelas luzidas... Finalmente, adormeceu no morno arfar das virações maritimas e quan-

do despertou, bruxoleavam os primeiros clarões matutinos e se lão empurpureando no horizonte. Judas, lançou o olhar em derredor e oh suprema felicidade!—Magdalena despiu-se e entrava no banho, patenteando, deixando ver aos olhos do apaixonado Judas, aquelle corpo sublime, da alvura candida das brumas, aquelles cabellos dourados que tocavam quasi ao chão, os quadris desenvoltos, produzindo sensações voluptuosas, enfim um todo de belleza indiscriptivel!...

VII

Já no Synhedrim, promovia o luxuriantes velho Caiapha, a captura do relemptor da Humanidade.

Não porque procedesse de accordo com a Justiça, mas sim porque inconscientemente Jesus lhe havia roubado a amante!

VIII

Judas, ainda mais apaixonado porque acabava de ver em plena nudez a mulher que amava, e ainda mais despeitado porque ella jamais seria sua, correu aos inimigos de Jesus a denunciá-lo, a denunciar o seu Divino Mestre!

Quanto pode o amor e o amor por uma mulher que vemos nua!...

IX

E um beijo foi o selo da ingratidão de Judas.

E Christo uma victima do ciúme.

H. MATTOS.

LITTERATURA

Lia

Eu gostava de Lia—uma criança
que passava os minutos a colher flores;
na matriz contendo uma esperança:
—queria ser feliz nos seus amores!—

Muitas vezes, lhe disse: Bella Lia,
consentes dar-me um beijo n'essas faces?
E a travessa menina, que sorria,
respondeva-me laçando:—se me amares...

Lia, um dia em que, só, a vi deitada,
em plena desalinhada, estupefacta,
mostrando nos olhos que faz despez...

Senti nas veias bochallar-me o sangue,
aflicto-me a senti por, cedei exorcismo,
depois de haver-lhe dado muitos beijos!...

Ruço Barredas.

Impressões de um baile

A Alguem.

Nos labios avelludados de uma senhora delicada ou, pelo menos, (da que se presa de o ser, eu tolero e até adoro (digo-o francamente) a pilheria fina, leve como um pedaço de gaze esvoaçando naturalmente ao sopro do zephíro, ideal como a lembrança de um sonho feliz, aromática como uma gotta de essencia inestimavel vasada no linho de um lenço branco, amorosa como a volúpia que psalmodia no coração das noivas o hymno sonoro da Ventura!

Ninguém imagina o quanto eu aprecio a phrase pittorescamente engraçada, nos labios de uma mulher, quando vibrada com

aquella verve encantadora que só o coração feminino sóe ter!

Cada palavra da mulher delicada, que dá expansão ao seu espirito, nas salas, é precedida de um poema indifinivel de graças. Não ha um gesto seu que não agrade, um olhar que não arrebathe, um sorriso que não enlouqueça.

A mulher n'estas condições será sempre credora de minhas sympathias as mais firmes, de meu respeito incondicional e eterno; eu a venero, portanto, mais do que a venero—adoro-a, mais do que a adoro—idolatro-a.

Mas... este mas borron-me sem que eu o quizesse a pintura do quadro. Mas, como ia dizendo, ao contrario das affeições que tenho á moça espiritosa, voto um aborrecimento sem igual, uma antipathia sem limites á moça chalaçada. Da espiritosa á chalaçada, é bom que se note, vai uma distancia ainda mais larga que a do sol á terra.

Nos labios de uma senhorita indelicada, ou pelo menos das que o parecem, eu não tolero em absoluto (digo-o francamente) a chalaça sem sal e dura, pesada como o malho movido pelas mãos callusas do ferreiro sobre o ferro da bigorna, sinistra como a idéa de um crime architectado no coração de um perverso, negra como a nodosa deixada por uma gotta de tinta nos dedos de um collegial pouco limpo, prosaico como um galanteio nos labios do populacho, tola como as palavras-grosseras com pretensões a espirito na bocca de um palhao barato de circo de cavallinhos.

Cada palavra da moça incivil que quer fazer espirito a martello, á força bruta, nas salas, é precedida de um poema burlesco de sandices.

Não ha um gesto seu que não desagrade, um olhar que não entristeça, um sorriso que não condôa.

A mulher n'estas condições será sempre credora de minhas antipathias as mais firmes, de minha commiserção incondicional e eterna; eu a aborreço, mais do que a aborreço—detesto-a, mais do que a detesto—despreso-a.

Rio—23—2—91.

B. dos Chagas.

Vita nuova

Depois de muito tempo em que vivemos
Eu e tu, andas nos prantos, querida,
Quia a morte cruel que faze a vida
Para nós duas um tranço... Persepolis.

As nossas ilusões todas perdemos...
Eu fui viver além e tu, perdida
A fé no amor, alma dolorida,
Ficaste só... Como nós dois soffremos!

Voltai, exultas. Como te vi formosa!
Deves lembrar-te ainda que eu vibrei
E te beijava a bocca cor de rosa.

Deves lembrar-te ainda que eu me ria,
Fita chorando empastado te beijava.
—Ah! como é bom viver e em tua vida!

Est. 8—2—97

Walter Bruns, ibid.

Cilada

A Estrela, ainda não vencida,
Em tua bocca—oh! aliás!—poderia,

Das labias tou no cen, d'encantada,
 Jaz de meu beijo a flama da estrellada.

Ah! que sonho! E-l-a s'inal, r'ondada,
 De meu amor no mundo, r'ap'etada,
 Sem se ouvir na morada r'ep'etada
 O movimento m'imo de vida.

Venci! Mas que victoria desgracada
 Essa q'eu tive... Que horizonte escuro
 O quozão a victoria, ao longe, eu vejo!

Horizonte que aceta uma cidade...
 Fui traído... Mataram meu futuro
 Sepultando-o no marfim de um beijo!

L. Xavier de Carvalho.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Março futuro.

Em 1-^a de maio, sr. da, Maria da Gloria Parga Nina e
 Francis Jansen da Costa, e o sr. Augusto Cesar de Araújo
 Lima;

Em 2-^a de sr. Inez de Oliveira Almeida;

Em 3-^a de sr. d. Evellina Lins de Brito Novas, os
 sr. Antonio da Silva Azeite, Antonio da Costa Neves e o amor
 particular amigo e socio gerente d'esta Alfaiataria, Francisco
 Pinto Teixeira e sua interessante filha Daisy e o sr. Luiz
 Jansen Vieira de Mello;

Em 4-^a de sr. d. Alzira Lins de Brito Novas e Joana
 Barreiros Coelho;

Em 5-^a de sr. Arthur Monteiro da Silva e o menino Zeti-
 lino de de Deus Pires da Fonseca;

Em 6-^a de sr. d. Joana Lago e Immaculada do
 Lago Santos, ex-novo esposa do sr. Firmino da Costa San-
 tos e o sr. Jayme Braga;

Em 7-^a de sr. d. Nymonia da Costa Neto e a interes-
 sante menina Alzira, pequena filha do sr. José Cassiano da
 Silva Guimarães;

Em 8-^a de sr. d. Filomena Zelia Pires de Mattos, os
 sr. conselheiro Antonio Francisco Pinheiro e José Tito da
 Costa Nunes;

Em 9-^a de sr. Inez de Oliveira Almeida e o menino
 e Mariana Francisco da Costa;

Em 10-^a de sr. d. Leopoldina Rodrigues, ex-novo
 sr. d. Benedicta Ribeiro Cruz Viçosa, digna consorte do
 capitão João A. Viçosa e o sr. Humberto Garcia de Faria;

Em 11-^a de sr. d. Domicila Perdigão e Genoveva Res-
 teira;

Em 12-^a de sr. d. Alzira Tavares da Silva, digna
 esposa do sr. Francisco Silva e o sr. Alfredo Rodrigues de Mil-
 lo e o menino Luiz, filho do sr. José Gregorio dos Reis;

Em 13-^a de sr. d. Adolpho Sales;

Em 14-^a de sr. d. Euter, filha do sr. Alfredo da Silva For-
 tes, e o menino Alzira, filha do sr. Alfredo Gonçalves dos
 Santos Silva;

Em 15-^a de sr. d. Agrippino Arruda, José Antonio Pes-
 soa de Barros e José Correia de Carvalho;

Em 16-^a de sr. d. Joseph Adalberto Salino Figueira e
 os sr. Luiz Perdigão e Eduardo Soares;

Em 17-^a de sr. d. José de Faria Lobo;

Em 18-^a de sr. d. Epigênio Boldt, os sr. dr. Inez
 Jansen Ferreira, tenente coronel José Nolas Ribeiro e capitão
 Ricardo Costa Reis;

Em 19-^a de sr. d. Patrícia Andia de Almeida e
 Zaida Zúnia Godinho;

Em 20-^a de sr. d. Maria José de Almeida Rodrigues,
 digna esposa do sr. Augusto Rodrigues, a senhora Rita de
 Almeida Brito, filha do sr. Antonio proclamação
 sr. Augusto Brito, sr. d. Emilia M. Ribeiro
 da Cruz, digna esposa do sr. Domingos Ribeiro da Cruz, Flá-
 viana Gomes, viúva esposa do sr. Manoel Rodrigues da Gra-
 ça e o sr. capitão Antonio de Brito Costa Cavalcanti;

Em 21-^a de sr. d. Emilia Paula Lima e Maria
 Benedita Valente de Figueiredo;

Em 22-^a de sr. d. Górgias da Costa Santos e Alzira Gu-
 llim Serra Martins, sr. d. Adolpho Lins de Mello e
 Alzira Tavares Pereira;

Em 23-^a de sr. d. Leôncio Tavares, Inez de

Costa e Inez de Costa Netto Rodrigues, digna esposa do sr.
 Benício Augusto Rodrigues, e o sr. dr. Raimundo Alexandre Vi-
 nhos;

Em 24-^a de sr. Maria, filha do sr. José da Sant'Anna
 Pinto;

Em 25-^a de sr. Antonio José Gonçalves de Medeiros
 Em 26-^a de sr. d. Guilhermina Rosa de Araújo Castro,
 filha do sr. tenente coronel João Albino Gomes de Cas-
 trejo;

Em 27-^a de sr. d. Joana Pereira Guimarães.

Acceptes os nossos parabéns.

EM VEZ DE CHRONICA

Desta vez a ultima hora fui obrigado a
 escrever... digo mal, obrigado a rabiscar
 algumas tiras de papel, isto porque o sym-
 pathico A. P., quiz pregar a peça de pro-
 metter e faltar com a sua chronica. Justifi-
 co semelhante falta porque esse intelli-
 gente moço pouco tempo dispõe para a ta-
 refa de chronista a que gentilmente se obrigou.
 Se quizesse desvendar o segredo mys-
 terioso de sua alma diria a razão porque
 tanto se esquece e falta com o que promette.
 Está desculpado.

O unico acontecimento notavel occorri-
 do no ultimo mez foi o carnaval que a bem
 da verdade é preciso que se diga, correu
 desanimadissimo, á excepção dos diferen-
 tes bailes particulares cuja animação to-
 cou quasi ao delirio. As partidas á phan-
 tasia dadas pelo Armando estiveram cor-
 rectissimas. Quasi toda a sociedade mara-
 nhense no que ha de mais fino, fez-se lá
 representar.

Além dos referidos bailes ainda pode-
 mos mencionar os do theatro e «Recreio
 Familiar» que tambem como aquelles, esti-
 veram deslustrados. A não ser o Carna-
 val das salas, o que andou pelas ruas não
 podia ser mais detestavel:—mascaras sem
 espirito, clubs sem significação, vestimentas
 sem elegancia e limpeza—eis em que ficaram
 resumidas as festas d'este anno dadas
 em honra do Deus Momo, ao ar livre.

E aqui paramos sem podermos mencio-
 nar mais um unico facto de nota no ultimo
 mez.

EXPEDIENTE

O criterioso periodico—A Justiça—de
 publicada na cidade de Batatas, Estado
 de S. Paulo, e do qual é director o nosso
 talentoso conterraneo e estimavel amigo
 Dr. Joaquim Lobo, deo, com a epigraphia
 d'este periodico, na sua edição de 21 do
 passado, a seguinte noticia, que sobremodo
 nos penhorou:

«Temos sobre a nossa mesa de trabalho
 o n. 55 da mimosa «Revista Elegante», pro-
 priedade da Alfaiataria Teixeira, importan-
 te estabelecimento de artigos de moda para
 homens, sito no bello Largo do Carmo, na
 cidade de S. Luiz do Maranhão.

Quantas saudades e boas recordações
 nos trouxe a leitura amena d'esse valioso
 jornal!

Traz varios artigos de subido valor li-
 terario, sobresahindo de entre os mesmos,
 aquelle que tem por epigraphia «Contra o
 pessimismo», da lavra do laureado jor-
 nalista, nosso intimo e particular amigo Au-
 gusto Brito, honrado administrador dos
 Correios d'aquelle Estado, ao qual agrade-
 cemos o presente de festas que nos fez en-
 viando-nos a bella «Revista Elegante».

«A União» jornal que se publica na Pa-
 rabyba, escreveu tambem o seguinte na
 sua edição de 28 do mesmo mez:

Recebemos dois exemplares do bem
 elaborado Catalogo da Alfaiataria Teixeira,
 pertencente aos Srs. Gaspar Teixeira & Ir-
 mão, estabelecidos na capital do Mara-
 nhão.

Não só a julgar pelas Catalogos, como
 pelas informações que temos tido, pode-
 mos garantir que o estabelecimento dos
 Srs. Teixeira & Irão está montado, de
 modo a não invejar nenhum outro do ge-
 nero, sendo no norte da Republica uma das
 melhores alfaiatarias.

O Catalogo a que nos referimos consta
 de um opusculo de 35 paginas, e é dividido
 da seguinte maneira: 1.º Indicações uteis;
 2.º Secção de Alfaiataria; 3.º Secção de
 modas e diversos artigos; 4.º Secção de
 perfumarias e 5.º Apreciações da Impren-
 sa, achando-se todas as paginas cheias de
 illustrações que tornam o opusculo um
 trabalho perfeito.

A este Catalogo acompanha um outro,
 formato menor, exclusivamente destinado
 a menção das machinas que a Alfaiataria
 Teixeira vende, sendo ellas em numero su-
 perior a 20 e de diferentes e acreditados
 fabricantes.

O bom gosto dos Srs. Gaspar Teixeira
 & Irão, porém, não só se limitou a isso
 somente, que já era bastante, e dá-nos ain-
 da um jornalzinho, um verdadeiro bouquet,
 de prendas litterarias, onde por alguns ins-
 tantes nos deliciamos com a leitura de boa
 prosa e magnificos sonetos, lá estando,
 como paranymphe do bizarro periodico, o
 nome de Augusto Brito, bastante conhe-
 cido e tambem bastante cheio de glórias.

Ao nosso publico recomendamos a
 Alfaiataria Teixeira, sendo que pomos em
 nosso escriptorio, á disposição de quem
 quizer, o Catalogo, que contém todas as
 necessarias indicações.

Agradecemos a gentileza da offerta.

«A União» Parabyba, Quinta-feira, 28 de
 Janeiro de 1897.

Temos sobre a mesa de trabalho uma
 carta que nos dirigio da Bahia o Senr. Sil-
 vio Bocanera Junior sollicitando uma re-
 missa de escriptos litterarios originaes ou
 não, publicados ou inéditos sobre o pas-
 samento do glorioso maestro Carlos Go-
 mes, afim de que possa collocar-nos em
 um livro, que trace a mais completa his-
 toria de sua vida.

Semelhança idea revestida de um senti-
 mento todo patriótico e de inteira justiça,
 merece ser acolhida com interesse, pelos
 filhos destas plagas americanas; todos de-
 vem acudir a esse nobre appello, do Senr.
 Silvio afim de se perpetuar em um livro,
 como pretende o nome de tão illustre mor-
 to.

Os escriptos podem ser endereçados
 para o consulado da Hespanha, na Bahia.

Enviamos ao Senr. Silvio, empenhe-
 dor de tão alevantado commettimento, o
 numero especial da nossa Revista, consa-
 grado á memoria do maestro brasileiro, e
 desejamos, de nossa parte, que com nome
 de Carlos Gomes hajam muitos que lhe es-
 treiteem a dextra.

Pelo nosso talentoso conterraneo dr.
 Hugo Barradas, residente no Estado de S.
 Paulo, fomos obsequiados com a copia de
 um bello soneto, de sua composição, inti-
 tulado—Lia—, e que gostosamente publi-
 camos na nossa presente edição, agrade-
 cendo pela gentileza do auctor.

Das labias suas no ceno, d'escuro-lado,
Jas da moss beijo a flammula estendida.

Ah! que emfim! Ell-a afinal, repida,
Do meu amor ao mundo, epocholada,
Sem se curar na varilla capotada,
O movimento mialago de vida.

Venci! Mas que victoria desgraçada
Essa q'eu tive... Que horisente escuro
O que após a victoria, no longe, eu vejo!

Horisente que aclara uma cidade...
Fui trahido... Mataram meu futuro
Sepultando-o no marmore de um beijo!

L. Xavier de Carvalho.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Março futuro:

Em 1—o exm. srs. d. Maria da Gloria Parga Nina e Francisco Jansen da Cunha, e o sr. Augusto Cesar de Araújo Brito;

Em 2—o sr. tenente Arthur de Oliveira Almeida;

Em 3—o exm. srs. d. Emilia Juliana de Brito Novas, os srs. Antonio da Silva Arroz, Antonio da Costa Neves e o nosso particular amigo e socio gerente d'esta Alfaiataria, Francisco Paulo Teixeira e sua interessante filha Lily e o dr. Luiz Jansen Vieira de Mello;

Em 4—o sr. senhorita Alzirinda da Cunha Lobo e Joanna Barreiros Coelho;

Em 5—o sr. Arthur Monteiro da Silva e o menino Zestinho filho do dr. José Pires da Fonseca;

Em 6—o exm. srs. d. Joana Pego e Innocencia da Rega Santos, extremosa esposa do sr. Flaminio da Cunha Santos e o sr. Zyene Bezeghe;

Em 7—o exm. srs. d. Nereida de Costa Neto e a interessante menina Anello, precada filha do sr. José Gaspar da Silva Guimarães;

Em 8—o sr. senhorita Filomena Zella Pardo de Mattos, os srs. reconhecidos Antonio Francisco Plahero e José Tito da Costa Neves;

Em 9—o sr. tenente-coronel Antonio Ribeiro de Oliveira e Mariano Francisco da Cunha;

Em 10—o sr. senhorita Camilla Leopoldina Rodrigues, exm. srs. d. Beatriz Ribeiro da Cruz Viçosa, digna consorte do capitão João A. Viçosa, o sr. Eudemio Garcia de Faria;

Em 11—o sr. senhorita Domicila Fregido e Genoveva Heslita;

Em 12—o exm. srs. d. Alzirinda Tavares da Silva, digna esposa do sr. Francisco Silva e sr. Alfredo Rodrigues de Mello e o menino Luiz, filho do sr. José Gregorio dos Reis;

Em 13—o sr. capitão Adolpho Salles;

Em 14—o sr. senhorita Ester, filha do sr. Alfredo da Silva Ferreira, e o menino Alageto, filho do sr. Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;

Em 15—o sr. dr. Agrippino Arrindo, José Antonio Pessoa de Barros e José Correia da Carvalho;

Em 16—o exm. srs. d. Josephina Adelaide Sabino Pego e os srs. Luiz Fregido e Eduardo Soares;

Em 17—o sr. José de Faria Lobo;

Em 18—o exm. srs. d. Epigonia Bulth, os srs. dr. Joana Joana Ferreira, tenente-coronel José Paulo Ribeiro e capitão Horacio Berto Bello;

Em 19—o exm. srs. d. Palmyra Analia de Almeida e Zaida Zelia Godinho;

Em 20—o exm. srs. d. Maria José de Almeida Rodrigues, digna esposa do sr. Augusto Rodrigues, a senhorita Dina Deidamia de Almeida Brito, filha do sr. tenente-coronel Augusto Augusto Brito, os exm. srs. d. Emilia M. Ribeiro da Cruz, digna esposa do sr. Domingos Ribeiro da Cruz, Florentina Graca, viúva esposa do sr. Manoel Rodrigues da Graca, e o sr. capitão Antonio de Brito Costa Cavalheiro;

Em 21—o exm. srs. d. Emilia Paula Elvira e Maria Beatriz Valente de Figueiredo;

Em 22—o sr. senhorita Cecilia da Cunha Santos e Alice Guilhon Serra Martins, os exm. srs. d. Adelfina Rosa Nunes e Anella Victoria Pereira;

Em 23—o exm. srs. d. Lúgnera Tereza, Roberta Go-

mes e Jovina da Costa Netto Rodrigues, digna esposa do sr. Benício Augusto Rodrigues, o sr. dr. Raimundo Alexandre Vi-

sham;

Em 24—o sr. senhorita Maria, filha do sr. José de Sant'Anna Pinto;

Em 25—o sr. Antonio José Gonçalves de Mello;

Em 26—o sr. senhorita Galbriella Rosa de Araújo Castro, filha do sr. tenente-coronel João Albino Gomes da Castro;

Em 27—o exm. srs. d. Joana Pereira Guimarães. Acontecem os noivos parabéns.

EM VEZ DE CHRONICA

Desta vez a ultima hora fui obrigado a escrever... digo mal, obrigado a rabiscar algumas tiras de papel, isto porque o sympathico A. P., quiz pregar a peça de prometter e faltar com a sua chronica. Justifico semelhante falta porque esse intelligente moço pouco tempo dispõe para a tarefa de chronista a que gentilmente se obrigou. Se quizesse desvendar o segredo mysterioso de sua alma diria a razão porque tanto se esquece e falta com o que promete. Está desculpada.

O unico acontecimento notavel occorrido no ultimo mez foi o carnaval que a bem da verdade é preciso que se diga, correu desanimadissimo, á excepção dos diferentes bailes particulares cuja animação tocou quasi ao delirio. As partidas á phantasia dadas pelo Armando estiveram correctissimas. Quasi toda a sociedade maranhense no que ha de mais fino, fez-se lá representar.

Além dos referidos bailes ainda podemos mencionar os do theatro e «Recreio Familiar» que também como aquelles, estiveram deslumbrantes. A não ser o Carnaval das salas, o que andou pelas ruas não podia ser mais detestavel:—mascaras sem espirito, clubs sem significação, vestimentas sem elegancia e limpeza—eis em que ficaram resumidas as festas d'este anno dadas em honra do Deus Momo, ao ar livre.

E aqui paramos sem poderemos mencionar mais um unico facto de nota no ultimo mez.

EXPEDIENTE

O criterioso periodico—A Justiça—de publicidade na cidade de Batatas, Estado de S. Paulo, e do qual é director o nosso talentoso conterraneo e estimavel amigo Dr. Joaquim Lobo, deu, com a epigraphie d'este periodico, na sua edição de 21 do passado, a seguinte noticia, que sobremodo nos penhorou:

«Temos sobre a nossa mesa de trabalho o n. 55 da mimosa «Revista Elegante», propriedade da Alfaiataria Teixeira, importante estabelecimento de artigos de moda para homens, sito no bello Largo do Carim, na cidade de S. Luiz do Maranhão. Quantas sandaless e boas recordações nos trouxe a leitura amena d'esse valioso jornal!

Traz varios artigos de subido valor litterario, sobresahindo de entre os mesmos, aquelle que tem por epigraphie «Contra o pessimismo», da lavra do laureado jornalista, nosso intimo e particular amigo Augusto Brito, honrado administrador dos Correios d'aquelle Estado, ao qual agradecemos o presente de festas que nos fez, enviando-nos a bella «Revista Elegante».

«A União» jornal que se publica na Parahyba, escreveu também o seguinte na sua edição de 28 do mesmo mez:

Recebemos dois exemplares do bem elaborado Catalogo da Alfaiataria Teixeira, pertencente aos Srs. Gaspar Teixeira & Irmão, estabelecidos na capital do Maranhão.

Não só a julgar pelos Catalogos, como pelas informações que temos tido, podemos garantir que o estabelecimento dos Srs. Teixeira & Irmão está montado, de modo a não invejar nenhum outro do genero, sendo no norte da Republica uma das melhores alfaiatarias.

O Catalogo a que nos referimos consta de um opusculo de 35 paginas, e é dividido da seguinte maneira: 1.ª Indicações uteis; 2.ª Secção de Alfaiataria; 3.ª Secção de modas e diversos artigos; 4.ª Secção de perfumarias e 5.ª Apreciações da Imprensa, achando-se todas as paginas cheias de illustrações que tornam o opusculo um trabalho perfeito.

A este Catalogo acompanha um outro, formato menor, exclusivamente destinado a menção das machinas que a Alfaiataria Teixeira vende, sendo ellas em numero superior a 20 e de diferentes e acreditados fabricantes.

O bom gosto dos Srs. Gaspar Teixeira & Irmão, porém, não só se limitou a isso somente, que já era bastante, e dá-nos ainda um jornalzinho, um verdadeiro bouquet, de prendas litterarias, onde por alguns instantes nos deliciamos com a leitura de boa prosa e magnificos sonetos, lá estando, como paranymptho do bizarro periodico, o nome de Augusto Brito, bastante conhecido e também bastante cheio de glorias.

Ao nosso publico recomendamos a Alfaiataria Teixeira, sendo que pomos em nosso escriptorio, á disposição de quem quizer, o Catalogo, que contem todas as necessarias indicações.

Agradecemos a gentileza da offerta. «A União» Parahyba, Quinta-feira, 28 de Janeiro de 1897.

Temos sobre a mesa de trabalho uma carta que nos dirigio da Bahia o Senr. Silvo Boccacera Junior sollicitando uma remessa de escriptos litterarios originaes ou não, publicados ou ineditos sobre o passamento do glorioso maestro Carlos Gomes, afim de que possa collocational-os em um livro, que trace a mais completa historia de sua vida.

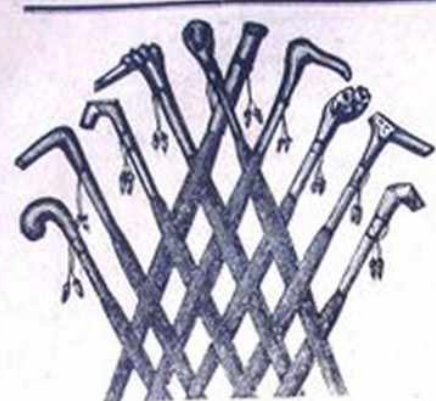
Semelhante idea revestida de um sentimento todo patriotico e de inteira justiça, merece ser acolhida com interesse e, pelos filhos destas plagas americanas; todos devem acudir a esse nobre appello, do Senr. Silvo afim de se perpetuar em um livro, como pretende o nome de tão illustre morto.

Os escriptos podem ser endereçados para o consulado da Hespanha, na Bahia.

Enviamos ao Senr. Silvo, emprehendedor de tão alevantado commettimento, o numero especial da nossa Revista, consagrado á memoria do maestro brasileiro, e desejamos, de nossa parte, que o nome de Carlos Gomes hajam muitas que lhe estreitem a dextra.

Pelo nosso talentoso conterraneo dr. Hugo Barreiros, residente no Estado de S. Paulo, fomos obsequiados com a copia de um bello soneto, de sua composiçao, intitulado—Lix—, e que gostamos de publicarmos na nossa presente estcha, agradecidos pela gentileza do autor.

REVISTA ELEGANTE



CHAPEUS DE SOL

Grande sortimento de chapéus de sol, artigo especial, com cabos de diversas qualidades e castões de ouro e prata 40:000

J. SIMON

FORMOSURA E MOCIDADE

Crème Simon

Pó de arroz Simon

Sabonete Simon

Usados por todas as bellezas do mundo.

MODO DE USAR O CRÈME:-- Deita-se um pouco do crême na mão, passando-se esta no rosto até ficar o crême distribuido com igualdade; limpa-se em seguida levemente com uma toalha. Depois d'este processo feito deita-se o pó de arroz branco em todo o rosto e o cor de rosa nas faces. O rosto assim preparado adquire a belleza e frescura dos quinze annos.

EVITEM AS FALSIFICAÇÕES

LUVAS

Branças, pretas, lisas e bordadas

GUERLAIN

Extractos em todos os perfumes



W^M RIEGER

NIRVANA

Agua de toilette em todos os perfumes.

A MELHOR DE TODAS.

O VIDRO GRANDE 8:000

Imp. na Typ. a vapor da Alfaiataria Teixeira - por J. B. A. Faria